Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 147 4$00

SÁBADO 4 SETEMBRO 1976

Novo preço dos jornais diários entra em vigor 2ª feira

(Pág. 5)

ESPANHA

"Gabinete sombra" da oposição?

(Pág. 13)

Encontro Vorster-Kissinger hoje em Zurique

....Todo o agente da polícia disponível se encontra hoje de prevenção na cidade do Cabo, após dois dias de motins provocados por jovens mestiços, a despeito das tentativas dos guardas para restabelecerem a ordem com o lançamento de granadas de gás lacrimogéneo, cargas à bastonada e disparos. Principia hoje, entretanto, em Zurique, o encontro John Vorster-Henry Kissinger para discussão da situação na África Austral. Esse encontro assenta, nomeadamente, no discurso proferido por Kissinger há dias em Boston, defendendo os direitos da maioria negra.

(Pág. 10 e 20)

ALVALADE, 21 E 45

Sporting-Benfica: casa esgotada Keita em estreia ministros na bancada

(Pág. 16)

HOJE SUPLEMENTO "D.L."

O Fado é tema dominante no Sete-Ponto-Sete desta semana. Oferecemo-lo em réu. Como disse Lopes-Graça (em 1931), «o fado, cancro da vida e da cultura nacionais». Três lustres depois, o Fado é qu'induca. Cumpre-se a profecia de Júlio Dantas, «É destino de Portugal morrer abraçado ao Fado»?

32 PÁGINAS

EANES INAUGURA ASSEMBLEIA REGIONAL

"UMA NOVA PÁGINA NA VIDA DOS AÇORES"

. «Esta cerimónia solene, sem precedentes na história destas terras portugueses, inicia uma página nova na vida dos Açores e corresponde a uma esperança de raízes profundas e longínquas a que o 25 de Abril abriu as portas da realidade» — assim falou o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao princípio da tarde, discursando na sessão solene de abertura das actividades da Assembleia Regional da Região Autónoma dos Açores, cerimónia que teve lugar nas instalações da sociedade «Amigos da Pátria», na cidade açoriana da Horta, ilha do Faial. Ramalho Eanes partira de manhã de Lisboa rumo ao arquipélago expressamente para presidir à sessão, e viajando na companhia de, entre outros, o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e o presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes. A visita de Eanes aos Açores, logo um dia após a deslocação ao Porto, assume proporções de «salto» breve, uma vez que o Presidente e os demais que o acompanham não deverão permanecer no arquipélago mais do que escassas horas. O regresso está previsto para meio da tarde.

O general Ramalho Eanes começou o seu discurso por assinalar o significado histórico da cerimónia a que presidiu, pondo aí, seguidamente a sua mais sensível inflexão. «Dia memorável este de uma pátria como a nossa — Ramalho Eanes ainda —, em as mudanças decisivas foram tantas vezes assinaladas pela presença e pelo impulso de portugueses ilustres que os Açores viram nascer». Para o P.R. «a realidade geográfica, económica e cultural que os Açores são, viu finalmente consagrada na Constituição da República Portuguesa de 1976 uma forma de organização política, económica e administrativa que o regime deposto sempre lhe negou».

De par com assinalar o significado histórico do acto a que presidia (realçando a importância da autonomia insular sem a desligar do processo de autonomização progressiva que a vida regional portuguesa vai viver e onde à administração local deverão competir altas responsabilidades), Ramalho Eanes pôs, também e particularmente, a tónica do seu discurso nos pontos mais salientes da alocução proferida publicamente ontem no Porto. O P.R. falou das exigências de processo global do País, por um lado; por outro, da necessidade de se atingir uma segura e tranquilizante estabilidade na vida das instituições democráticas que só a normalização da vida pública, política e social, do País pode permitir.

O Presidente da República, ontem no Porto, agradecendo os aplausos da população

«Ao depauperamento geral do País juntam-se os obstáculos que a Natureza ditou e a inexistência de estruturas administrativas e técnicas adequadas à dimensão regional, não obstante o fecundo trabalho preparatório que desenvolver a Junta Regional» — diria Eanes, falando do problema local. — «São particularmente preocupantes as carências nos sectores que mais directamente

Continua na pág. 2

JOAQUIM TORRES E MOTA FREITAS MANDANTES DOS BOMBISTAS

Ponte 25 de Abril e Santuário de Fátima eram alvos dos terroristas

. PORTO, 4 — Enquanto a P.J. do Porto investiga os primeiros rebentamentos ocorridos após o início do desmantelamento da rede (ou redes) terrorista, os de ontem na capital do Norte, novos pormenores sobre os feitos e planos dos bombistas chegam ao nosso conhecimento. Assim, nos planos dos terroristas já presos estavam novos e graves atentados. Entre eles a ponte 25 de Abril, o Santuário de Fátima, em dia de peregrinação, e algumas igrejas do Norte do País. Tais projectos mostram à evidência quais as verdadeiras intenções daqueles que há mais de um ano vêm atentando contra a segurança e tranquilidade do povo português, boicotando a sua caminhada para uma sociedade nova.

Por outro lado, apurámos que a grande maioria das bombas imputadas aos terroristas presos, as quais, correspondem, afinal, ao maior número dos atentados registados no País, teve como mandante a dupla Joaquim Torres — Major Mota Freitas. Terão sido estes os «chefes» que mais contactaram com o principal operacional-bombista, Ramiro Moreira.

Sabe-se também que é da responsabilidade dos bombistas detidos em Caxias o engenho que destruiu as instalações do SAAL/Norte, à Rua Gonçalo Cristóvão, no Porto, no dia 14 de Janeiro deste ano.

Quanto ao industrial Manuel Macedo, de Santo Tirso, sobre o qual pende também um mandato de captura, e que havia sido dado como actualmente no Brasil, há indicações de que terá estado há dias em Portugal, vindo de Espanha.

À medida que se toma conhecimento destes factos alargam-se, pois, os contornos da gigantesca dimensão das acções contra-revolucionárias terroristas. Já não bastariam os alvos de esquerda e as manobras de diversão dos bens de entidades da direita, era necessário atingir lugares pelos quais os portugueses nutrem o maior respeito — os locais sagrados. O objectivo é claro. Por um lado havia que ferir ao máximo a sensibilidade popular, afectando os sentimentos que são bem caros à grande maioria do povo português; por outro lado atirar ainda mais para cima da esquerda, vulgo «os comunistas», a responsabilidade do terrorismo. Na verdade, se já para grandes franjas da população são «os comunistas» os autores do terrorismo — não obstante serem as vítimas — com as deflagrações no Santuário de Fátima, em dia de multidão, e nas igrejas, o «fusil» acusado da direita tornar-se-ia mais evidente. A saturação iria ganhando relevo e a alternativa só poderia ser esta: regresso ao passado de opressão. Um novo Chile.

Três partidos políticos, através das suas organizações no Porto, tomaram posição face aos atentados ontem ocorridos naquela cidade. Dos quatro partidos parlamentares, apenas o CDS se não havia pronunciado até meio da manhã de hoje.

Continua na pág. 20

Relações diplomáticas com Luanda

. Numa mensagem dirigida ao ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, o ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, manifesta o desejo de relações diplomáticas entre os dois países nos seguintes termos:

. «Na sequência das conversações realizadas em Luanda entre as delegações do Partido Socialista e do M. P. L. A., venho por este meio significar a Vexa. o desejo do Governo da República Popular de Angola restabelecer no mais curto prazo as relações diplomáticas com o Governo da República Portuguesa. Estou convencido que o reatamento das relações entre os nossos dois países contribuirá para o reforço dos laços de amizade entre os povos de Angola e de Portugal. Aproveito a ocasião, sr. ministro, para desejar-lhe felicidades e sucessos no desempenho das suas funções.»

. Por sua vez, o ministro Medeiros Ferreira enviou ao seu colega angolano o seguinte telegrama:

«Acuso recepção telegrama

Continua na pág. 20

Nacional

EANES NO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

"Muito se gasta e pouco se faz"

. PORTO, 4 — «É evidente que esta visita a uma unidade hospitalar do Norte, uma Misericórdia, pretende ter um determinado significado simbólico» — afirmou o Presidente da República durante a visita efectuada ontem à tarde ao Hospital de Santo António. E acrescentou: «Eu pretendo, através desta visita, dizer claramente que a saúde é um assunto que me preocupa. Sei que a situação actual da saúde neste país é dramática. Muito se gasta e pouco se faz. Os hospitais, apesar da boa vontade da maioria dos seus elementos, são locais em que o médico e o restante pessoal se desgasta porque não consegue produzir com eficiência, e em que o doente deixou de ser aquilo que nesta altura deveria ser de maneira mais vincada: deixa de ser um português, passará a ser, quando muito, um português de segunda.»

. Ramalho Eanes salientou depois ser «necessário ultrapassar esta situação» e recordou que as despesas actualmente feitas com a saúde são «suficientes para ter uma assistência médica suficientemente condigna».

Na breve sessão que antecedeu a visita ao hospital, o dr. Albino Aroso, membro da comissão instaladora, traçou um panorama geral dos problemas do Hospital de Santo António salientando a «fase de profunda remodelação» que ali se vive com as obras em curso e para a qual muito contribuirá a utilização das instalações do antigo quartel do C. I. C. A. P. O Presidente da República percorreu depois algumas enfermarias e passou pelo serviço de urgência, onde contrariamente ao que pode considerar-se habitual não havia doentes em macas espalhados pelos corredores.

VISITA À EFACEC

Ramalho Eanes visitou ainda duas empresas durante a tarde de ontem, antes do seu regresso a Lisboa. Na via norte visitou a EFACE, unidade de grandes dimensões, e na Maia, visitou a Têxtil Sotecal, unidade de dimensão média.

Na primeira foi acompanhado por elementos da administração e direcção da empresa que deram conta ao Presidente da República do panorama geral de actividades e problemas actuais da empresa. Foi salientada a baixa de produção e os prejuízos da ordem da centena de milhar de contos, ultimamente verificados, salientando os trabalhadores o facto de ter havido diminuição de encomendas, a propósito foi referida uma encomenda «bastante importante» feita pela União Soviética e um concurso para transformadores destinados ao Peru e que foi ganho no mercado internacional. Ramalho Eanes perguntou se ainda havia trabalho a prémio, tendo-lhe sido respondido que estava legalmente abolido e que tal medida se havia traduzido numa quebra de 30 por cento na produção, tendo um trabalhador esclarecido na altura que tal quebra se devia também à falta de encomendas. Ramalho Eanes teve também uma conversa com elementos da Comissão de Trabalhadores que lhe pediu uma audiência que oportunamente terá lugar. O Presidente fez questão de que os jornais não se referissem a essa conversa com a C T. da EFACEC, durante a qual manifestou a sua posição sobre o que devem ser tais comissões.

A visita à SOTECAL, na Areosa, Castelo da Maia, onde trabalham duzentos e oitenta operários, na sua maioria mulheres, efectuou-se quase sem sem aviso. Visita mais rápida deu ensejo ao Presidente de conhecer directamente alguns problemas deste tipo de empresas do sector têxtil.

Após estas visitas o general Ramalho Eanes dirigiu-se a Pedras Rubras, onde nova multidão o aguardava, seguindo para Lisboa cerca das 19 horas e 30 minutos.

Ramalho Eanes dirigindo-se à multidão na varanda do edifício da Câmara Municipal do Porto, durante a sua visita ontem àquela cidade

Ramalho Eanes inaugurou Assembleia Regional dos Açores

Continuação da pág. 1

respeitam à qualidade de vida e à segurança dos cidadãos contra as incertezas do futuro» — acrescentou para concretizar: «a Saúde, a Educação, a Segurança Social, a Informação, os Meios de Cultura».

«Mas nenhum programa de desenvolvimento é realista se não superar as carências crónicas, de infra-estruturas do domínio portuário, da anergia e do armazenamento — inflectiu a seguir —. É urgente o desenvolvimento de uma estrutura de ensino aberta à capacidade de todos os açorianos sem a qual esta região será um corpo sem alma». Referiu-se ao problema agrícola para dizer que a sua resolução «constitui um objectivo cujo valor social sobreleva os seus aspectos económicos. É urgente reconverter as explorações, diversificar as culturas e assegurar a conservação e colocação dos produtos».

«Todavia — prosseguiu — não se pode perder de vista o objectivo principal de libertar o homem que trabalha a terra de todas as formas de exploração que criam diferenciações inaceitáveis e incompatíveis com a dignidade dos cidadãos de um país democrático. Há que lançar as bases de uma indústria consistente que aproveite os recursos desta terra e assegure aqui um futuro digno àqueles que, nos caminhos da emigração, têm procurado a segurança do seu dia-a-dia. Os Açores têm condições para um vasto sector de serviços na encruzilhada das grandes rotas. E o desenvolvimento turístico é um objectivo que está ao alcance da capacidade local de empreendimento».

«A AUTONOMIA NÃO SE ESGOTA NO NÍVEL REGIONAL»

Mas «a autonomia que a Constituição consagra não se esgota a nível regional» — diria depois o general Eanes — «dentro da região, as ilhas e os seus agrupamentos naturais têm uma personalidade própria. Dentro delas, os municípios constituem um valor indestrutível que assenta na nossa maneira de ser e de conviver. Às condições de isolamento acrescem as razões que por todo o lado determinam uma devolução progressiva às autarquias locais do poder financeiro, técnico e administrativo que permita a participação efectiva das cidadãos na resolução dos seus problemas. O teforço da autonomia da região passa em larga medida pelo respeito da autonomia das ilhas e dos municípios, que urge dotar dos meios correspondentes à sua verdadeira função num Estado democrático».

Seguidamente, Eanes dirigiria uma mensagem especial aos açorianos emigrados: «Também eles têm aqui o seu lugar e os seus bens garantidos e deles se espera um contributo igual ao seu amor por esta terra onde persistem em manter raízes».

AÇORES, F.A. E INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Dirigindo-se aos deputados: «Estou certo de que, para além das formas de participação que as leis eleitorais já consagram, outras formas de actuação política, no quadro constitucional, se ajustarão à realidade de um povo que extravasa os limites do determinismo geográfico» — palavras de Eanes — «A situação particular dos Açores no sistema geoestratégico mundial constitui um valor que é preciso pôr ao serviço da paz e do entendimento entre os povos. A criação de condições de instabilidade nesta zona não pode servir os interesses dos que procuram honestamente o equilíbrio e a paz mundiais. Compete às Forças Armadas defender a nossa independência e assegurar a nossa soberania. Defende-la-ão com firmeza e não permitirão quaisquer transigências, ou desvios dos interesses do País que somos e da paz que queremos ajudar a construir».

«A DEMOCRACIA (...) EXIGE»

«A democracia que estamos a construir é uma conquista que exige o empenho de todos os cidadãos e que cada dia se aperfeiçoa no seu exercício» — diria Ramalho Eanes, a terminar o seu discurso. — «A situação real do País e a grandeza dos problemas que urge resolver exigem um clima de concórdia e tranquilidade cívicas que assenta na convergência dos objectivos essenciais de que depende a viabilidade da nossa democracia. Esse clima exige o respeito intransigente pelas diferenças de opinião e de opção e não pode coartar o exercício dos direitos de reunião e de associação que, sendo para nós uma reconquista do 25 de Abril, pertencem ao património da humanidade. A democracia promove-se com processos democráticos, entre os quais o uso da força para defesa do direito».

E a concluir: «As forças de segurança, ao serviço das instituições democráticas, em breve plenamente constituídas garantirão essa defesa. Estou certo de que as próximas eleições para as autarquias serão, para o País e para o Mundo, exemplo da maturidade cívica dos açorianos. Somos um povo que na História deixou marcas do seu génio na grandeza das suas realizações. Não nos limitará a pequenez das nossas fronteiras primitivas se não nos falecer o ânimo para responder ao desafio dos tempos. Fiéis à nossa história, temos de construir uma nova sociedade dentro destes limites em que nascemos: Portugal. É tempo de construir o nosso futuro».

«A PARCELA MAIS SALGADA»

Durante a cerimónia falou ainda o presidente da Assembleia Regional dos Açores, Álvaro Monjardino, que começando por saudar o Presidente da República, o Conselho da Revolução, a Assembleia da República e o Governo — «uma saudação consciente, nesta época conturbada», segundo as suas próprias palavras — teceria em seguida algumas considerações sobre a evolução açoriana nas últimas décadas, e remataria mais adiante referindo-se já ao momento presente:

. «Parcela mais salgada de Portugal, batida de mares e de ventos, de antigos e de novos piratas, seremos chamados a uma vez mais como há quatro séculos, como há século e meio, como em Novembro último, a mostrar um caminho possível aos restantes portugueses.

«Só que por tudo não podemos ser considerados objectos seja do que for, interna ou internacionalmente, porque nos afirmamos pessoas — no singular e no colectivo — porque somos uma parte viva e sã de uma velha nação, com ela solidários em ambos os sentidos, sobretudo na hora dramática que vivemos.

«Caminhos novos se abrem ao povo português. Caminhos novos num mundo em rápida transformação: nesta primeira experiência de poder regional, só possível e viável graças à restauração da democracia, não temos a pretensão de ensinar nada. Mas temos o direito de aprender, com o nosso esforço e o nosso desejo de servir.»

SEGUNDO IMPRENSA BRITANICA

M.I.T. preconiza para Portugal medidas impopulares

LONDRES, 4 (Do correspondente da ANOP) — No «Guardian» de ontem, Cristopher Redd, correspondente em Lisboa, transcreve a opinião dos economistas do M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology) a respeito do futuro imediato da economia portuguesa.

Mario Soares — diz o artigo — necessita de muita coragem para enfrentar a crise. Medidas impopulares deverão ser adoptadas, entre elas uma redução de 30 por cento nos salários reais».

O «Financial Times», por sua vez, dedicou também um artigo a Portugal, enviado pelo seu correspondente em Lisboa, Paul Ellmann.

Reproduzindo a mesma opinião do «Guardian», o «Financial Times» aduz as «dificuldades políticas que deverá de enfrentar o Governo do Partido Socialista».

Outro aspecto destacado entre as dificuldades políticas do gabinete «é o facto de nenhum dos «pesos pesados» do Partido Socialista ter aceite o ministério das finanças». A possibilidade de agitações na área operária é vista como um obstáculo onde surgirão certamente problemas, sobretudo a partir de medidas enérgicas que deverão ser tomadas pelo Ministério do Trabalho quanto à demissão dos trabalhadores, segundo palavras do ministro Marcelo Curto — menciona ainda o artigo.

MEDEIROS FERREIRA

R.F.A. apoia integração na C.E.E.

. Medeiros Ferreira, que ontem à noite regressou da República Federal Alemã, onde se deslocou para celebrar um acordo de turismo com aquele país, anunciou à chegada que tal acordo era «altamente favorável» para Portugal. Baseou a sua afirmação no facto de que o fluxo turístico é sempre maior da R. F. A. para Portugal.

O acordo prevê a criação de uma comissão mista para os problemas do turismo e facilidades aduaneiras. Estas, segundo explicou o ministro dos Negócios Estrangeiros, dizem respeito à combinação dos critérios e fiscalização normal das fronteiras, de forma a não se criarem dificuldades aos turistas alemãs. Acrescentou tratar-se de uma questão prática, dentro de um espírito de colaboração que em grande parte já se encontra em vigor.

O ministro Medeiros Ferreira revelou ainda que a intenção da Alemanha Federal de apoiar decisivamente a entrada de Portugal na C. E. E. Quanto à admissão do nosso país no Conselho da Europa considerou essa questão já ultrapassada, esclarecendo que a formalização do nosso pedido de admissão será feita na próxima reunião do Conselho, no próximo dia 21.

Outras deslocações estão no entanto previstas na agenda do ministro Medeiros Ferreira, sendo uma delas a Bruxelas, no dia 20, para assinar o acordo financeiro e o acordo de comércio com a C. E. E.

M.R. NA MADEIRA

Lino Miguel empossado na segunda feira

O coronel piloto-aviador Lino Miguel é empossado na próxima segunda-feira como ministro da República na Região Autónoma da Madeira.

O empossamento realiza-se no Palácio de Belém durante uma cerimónia presidida pelo P. R., general Ramalho Eanes.

Esta informação vem da Anop, que cita como fonte o P. P. D., partido, como se sabe, maioritário nas eleições regionais no arquipélago da Madeira, onde deverá formar Governo. Chefe deste — adianta-se ainda — deverá ser o eng.º Ornelas Camacho.

COM VISTA ÀS ELEIÇÕES

M.D.P. reúne-se hoje

O M. D. P. realiza esta tarde, na sua sede distrital do Porto, uma reunião de activistas e simpatizantes para discutir a participação nas próximas eleições para as autarquias locais.

A reunião tem igualmente como objectivo a preparação do Encontro Nacional de Delegados do M. D. P., a realizar em Lisboa no dia 5 de Setembro e que irá apreciar a forma de participação daquele partido nas eleições para as autarquias.

post-scriptum

Os trabalhadores compreendem

Temos uma Constituição, caminhamos para o socialismo. Na Constituição está garantido o direito à habitação, mas inexplicavelmente as acções de despejo continuam por todo o país.

Como não bastassem as acções de despejo, eis que ouvimos da boca do senhor ministro da Habitação, a propósito da manifestação que a polícia dispersou diante do seu ministério, afirmações como esta: «Os despejos não podem neste momento ser suspensos... Não compreendo a vossa reacção... « Não ! V. Exª não pode compreender as reacções de quem não tem habitação ou de quem se sente na contingência de ser posto na rua com os parcos haveres. Para compreender tais razões, era preciso que V. Exª sentisse esses problemas na própria carne. Sempre ouvi dizer que a melhor aula é a prática. Mas certamente V. Exª tem a habitação garantida.

Os problemas deste país (não só o problema da habitação) só poderão ser entendidos a sério quando os senhores ministros deixarem os gabinetes e contactarem nos locais com a realidade.

Vai ser nomeada uma comissão. Mas quantas comissões já foram nomeadas? Quais os resultados práticos? Se entendermos por resultados as acções de despejo, então muito se tem feito neste país pela habitação...

Mas enquanto o senhor ministro não compreende as reacções de quem não tem casa, muitos portugueses compreendem, sobretudo os trabalhadores.

José Gonçalves dos Santos
— PORTO

Afinal como é?

. O comércio interno no VI Governo foi o que se sabe: falta de carne, leite, manteiga, queijo, batatas... Aumento de preços. Dificuldades de escoamento do azeite e do vinho para os pequenos empresários. A batata de semente foi o fim! No Algarve a amêndoa está toda por vender!

. Depois foi o afastamento das direcções dos organismos de coordenação económica, a entrega dos circuitos de comercialização aos grandes intermediários, etc... Quando se faz justiça e se integram os saneados pelo Magalhães Mota? Será que o P. S. está de acordo?

. Para quando a integração do director do programa «Afinal como é» ? Para quando a integração de Pitacas Antunes e o regresso do seu programa? Onde está a «defesa da liberdade» que o PS tanto apregoa?

. Continuamos à espera!...

António de Campos
— FARO

Bacalhau para quem?

Tendo alguns jornais feito publicidade a uma distribuição (embora escassa) de bacalhau, seguir-se-á inevitavelmente uma desenfreada corrida àquele artigo. Como temos uma fiscalização insuficiente e infelizmente abundam comerciantes sem escrúpulos, uma vez mais os ricos vão ser os privilegiados, pois têm poder de compra suficiente para não discutirem preços especulativos.

Muito se tem falado na reestruturação da distribuição do bacalhau, mas fartos de «conversa» estão os portugueses, pois enquanto não houver um racionamento correcto do bacalhau, os pobres continuarão sem «cheirá-lo».

Saem regularmente na imprensa notícias sobre o mercado negro do bacalhau, mas não consta que alguém esteja preso por causa disso.

Como as multas não devem ser muito pesadas, nem a fiscalização é aquilo que desejávamos, os especuladores continuam a arriscar porque compensa (veja-se por exemplo a vigarice do óleo misturado em azeite).

Faça-se a distribuição, mas que a mesma possa atingir os 9 milhões de portugueses e não apenas a ínfima minoria de privilegiados.

M. Oliveira
— VILA NOVA DE GAIA

Capitalismo de miséria

Há quem continue a falar em socialismo de miséria. No entanto, o que se verifica é que os países que seguiram a via do socialismo desenvolvem-se sem crises, inflação e o desemprego a aumentar constantemente; mas sim com o progressivo melhoramento do nível de vida das populações.

Em Portugal a recuperação social-democrata, que é como quem diz a recuperação capitalista, longe de levar ao progresso da economia, conduzirá este País ao agravamento da nossa situação económica, ao capitalismo de miséria.

A filosofia da originalidade do «nosso» socialismo, modelo de coexistência concorrencial entre o sector nacionalizado e o sector capitalista, ensaia os primeiros passos. Para onde nos levará ela, senão à total dependência do imperialismo?

António José Pinheiro
— FARO

O PARTIDO SOCIALISTA, ANTÓNIO SÉRGIO E O SOCIALISMO PORTUGUÊS

VÍTOR BENTO

. Em apontamentos anteriores, temos criticado, por vezes, a actuação de alguns dirigentes do Partido Socialista. Não pretendemos recuar ao período do Outono de 1974 quando a decisão da CDE se tornar partido lançou uma certa «raiva» na direcção do PS e a partir de então a exploração demagógica do anticomunismo primário herdado do regime salazarista. Tão pouco criticar a denúncia, no estrangeiro, em termos incorrectos, do que se passou ao longo do «gatinhar» político da sociedade portuguesa e sobretudo dos militares. Concordamos com o dr. Mário Soares que é preciso passar uma esponja sobre o passado — o que não deve esquecer a necessidade de nos limparmos, conscientemente, do anterior ao 25 de Abril, porque, se não o conseguirmos, dificilmente avançaremos — e procurar a reconciliação para um projecto político (quem pode atirar a «primeira pedra», a não ser aqueles, o Povo, cujo nome se usa, abusivamente, tão amiúde?). Entendemos, no entanto, que criticar alguns dirigentes que parece terem encontrado no partido uma agência de empregos e que, debaixo de uma fina película de «conversa» marxista, arranjada fora da prática política, apresentam uma «alma» de capitalismo clássico, só ajudará a fortificar o Partido Socialista e a clarificar a sua actuação.

Estamos perante um partido de forte implantação nacional, ligando grupos sociais que, embora amisturados, conseguida que seja uma plataforma com a sua esquerda, apenas lhes faltará o apoio do campesinato do centro e norte, que vota ainda ilusoriamente na direita, para formar o bloco verdadeiramente produtivo. Não estamos defendendo a «maioria de esquerda», pois não acreditamos na «contabilidade parlamentar» para formar o bloco de recuperação da sociedade portuguesa, avançar o projecto que a Constituição aponta e travar a asfixia que a direita nos oferece.

Critica-se, com o espírito de que falava António Sérgio do «não partidário, o indivíduo que se interessa pela causa pública... que ninguém entende, a ponto de não percebe-rem, por exemplo, que discordemos do chefe A em certo acto, mas que concordemos com ele em outros casos, ou discordemos dos actos do senhor A sem que lhe votemos por isso um imenso ódio (e não só a ele, mas a todo o partido) e sem que discordemos no só intuito de «fazermos o jogo» do chefe B, adversário político do chefe A.»

. Porque a situação política deste país é muito séria. Porque a via aberta pela Constituição e que está por consolidar resulta de um «11 de Março» de que o PS «tem» apenas uma pequenissima fracção, é preciso criticar alguns pontos fundamentais: a actuação dos representantes do PS no VI Governo e a sua cumplicidade para fins eleitoralistas na deterioração da economia, reduzindo de modo desastroso o espaço de manobra para a recuperação; a falta de capacidade e ousadia para, em face da situação, avançar as propostas que a crise e até a linha programática exigiriam; o hermetismo na abertura à criação de um largo bloco social, que a ultrapassagem da crise exige (governar com oposição à esquerda e à direita é um capricho que pode sair caro); o exclusivismo de opinião nas relações internacionais, apresentando pontos de vista partidários e não esclarecendo sobre os problemas concretos nacionais que são diferentes dos restantes países europeus.

O problema da transição para o socialismo, em Portugal, põe a questão da conciliação entre as concepções revolucionárias marxistas e as soluções humanistas. Põe ainda a questão da nossa dependência da evolução política internacional, particularmente a dos países do Sul da Europa.

Insere-se ainda na conhecida «polémica do humanismo e do socialismo».

Estamos com Jorge Semprún quando escreve: «o humanismo é o cavalo de batalha de uma certa tentativa de «superação» do marxismo? Pois aceitemos esse cavalo e essa batalha: a batalha da transformação socialista da sociedade à escala mundial»:

Mas, falando de humanismo e do Partido Socialista, podemos recorrer a alguns pensamentos de António Sérgio, cujo racionalismo e virtudes pessoais permitiram ultrapassar a ausência de uma crítica de concepção materialista ao sistema e ao modo de produção.

O seu pensamento pode ser ainda uma peça importante na criação de uma urgente e necessária plataforma de entendimento da Esquerda portuguesa.

Vejamos:

. «Poucos países há, certamente, em cuja história seja tão sensível, de ponta a ponta, o influxo do facto económico, como este nosso: poucos há, também, cuja história económica fosse tão desprezada, e será acaso dos maiores obstáculos ao ressurgimento da nossa pátria a falta geral de conhecimentos sólidos das condições económicas em que evolucionou...»

. «Porque... se não rompeu com tradição alguma, que tendes aí diante de vós o mesmo organismo com os mesmos males, os mesmos defeitos de formação «social» (e não «política») e que, enquanto os historiadores das mudanças «políticas» nos falam dos fatos que vestiu um povo nas modas sucessivas por que foi passando — os economistas, esses nos falam da Grei de carne e osso que vestiu os fatos e que não mudou, que é o mesmo corpo de má estrutura à espera dos mesmos cirurgiões e a mesma alma derrotista e ignora pedir ensino de uma elite enérgica, com a visão clara do viver real. Os economistas, em suma, nos podem curar da superficialidade dos críticos políticos do nosso tempo, desnorteados por densas névoas de sentimentalice e de abstracção» «...e o que leva às revoluções (não é demais repeti-lo ainda) não são as «doutrinas subversivas»: é a Economia do País. — Economia bárbara, anárquica, abandonada às forças cegas, ao condicionamento das energias físicas, onde a inteligência não intervém...»

. «Queremos que eles (nos) governem para bem do povo... que facilitem a adesão dos trabalhadores a todas as garantias de um solidarismo económico, que os governantes expliquem ao povo os seus programas e o seu proceder e que possa o povo fiscalizar de perto, por seus legítimos representantes, o procedimento de quem governa».

«Ninguém compreende que se faça a crítica de tais realizações de uma ideia política (o parlamentarismo) não porque traduzem de maneira completa os princípios doutrinais da democracia (como sucede para os reaccionários) senão porque, muito ao invés, não vemos que garantam suficientemente o progresso democrático de uma sociedade, a fiscalização democrática do poder político.

Muitos outros pensamentos de António Sérgio são aplicáveis à situação actual. Vimo-lo citado por vários elementos do Partido Socialista e até pelos apoios eleitorais ao general Eanes. Um pensamento que lucidamente privilegia o económico e o cultural no desenvolvimento para uma sociedade mais justa é uma boa «ponte» para todo o bloco de Esquerda. É-nos permitido pensar quanto ele exultaria, se ainda vivesse, a promulgação da actual Constituição e como se desgostaria da incapacidade e impotência dos dirigentes políticos actuais. A incapacidade de união à volta do pouco que ainda nos une e que ainda é bastante se meditarmos nas perspectivas: a «espiral» em Portugal, e ao contrário do Chile, é mais o resultado da falta de autenticidade da «Esquerda» do que da capacidade da «direita». E isto, ainda, devido ao «11 de Março». Pois, este país, ou será o das nacionalizações e das expropriações, projecto apoiado pelas classes produtoras, ou será o da «direita». Que não aceitará como Primeiro-Ministro o dr. Mário Soares. Que não aceitará, possivelmente, a existência do Partido Socialista...

MOÇAMBIQUE HOJE (II)

SAMORA MACHEL E A REVOLUÇÃO NA ÁFRICA AUSTRAL

WILFRED BURCHETT

. Nas anteriores entrevistas, o presidente Samora Machel clarificou uma série de pontos chaves sobre as características próprias da luta de libertação nacional em Moçambique. A luta pela independência tinha um carácter específico de classe e o seu objectivo não era o de substituir uma classe branca exploradora portuguesa por uma classe negra exploradora moçambicana. A unidade numa tal luta de libertação nacional era essencial para se obter êxito, mas não a unidade a «qualquer preço».

O presidente sublinhou que a questão da unidade era um factor válido também nas lutas que se travavam nos países vizinhos: Zimbabwe, Africa do Sul e Namíbia. A unidade tinha de possuir um conteúdo específico e devia ser redefinida nas diversas fases da luta. As bases dos guerrilheiros, a partir de onde a luta de libertação nacional era empreendida, não eram só «zonas libertadas» porque fisicamente estavam livres da presença inimiga mas porque representavam uma «mentalidade livre», livre dos velhos mitos, dos velhos hábitos e das velhas organizações sociais e económicas. Eram laboratórios para a formação do «novo homem» e da «nova sociedade».

Como é que podemos definir este «novo homem» e a «nova sociedade» que a Frelimo está a criar?

. O presidente Samora Machel respondeu:

. «Nós cremos que a luta para transformar a sociedade deve ser acompanhada pela luta para transformar o Homem. Mas a transformação do Homem depende dele próprio. Na 'machamba' — campos de cultivo — o homem trabalha para produzir alimentos, num processo em que ele próprio se vai também transformando. Não é um processo automático.

«O ter nascido num certo tipo de sociedade não basta, mesmo que tenha sido nas 'zonas libertadas', por exemplo. Na luta pela nova sociedade, o **'novo homem'** está condicionado pela luta por essa sociedade e pelo papel que ele desempenha nessa luta. Muitos pensaram que o **'novo homem'** iria automaticamente emergir das 'zonas libertadas' e aparecer subitamente nas cidades! Mas nós frisávamos aos nossos estudantes nas escolas das 'zonas libertadas' que o facto de terem nascido nas 'zonas libertadas' e de nunca terem visto um colonialista não os tornava no 'novo homem'. Até talvez se verificasse o con-

Continua na pág. 4

Geral

Samora Machel e a África Austral

Continuação da pág. 3

trário, porque nunca viveram o processo da rejeição, nunca, foram imunizados contra a velha sociedade.

«Nos velhos dias, os colonialistas sentavam-se nos clubes ou nas piscinas bebericando 'whisky'. Esse era o padrão do **'homem colonialista'**. Muitos gostariam de assim continuar e de serem simplesmente os novos usufrutuários desse padrão de vida. O **'novo homem'** só se molda continuando ligado à luta e aos objectivos revolucionários da luta. Essa é a **razão** porque nós insistimos que nas escolas a educação deve estar ligada ao trabalho manual, e ao conceito de servir o povo de uma forma desinteressada. Assim, a transformação continua sempre ligada à luta social e ao processo revolucionário. O **'novo homem'** está continuamente a ser moldado e temperado na luta e só assim permanece fiel às suas origens de classe — dá valor à sua origem de classe, a classe oprimida, ou identifica-se com ela. Esforça-se para adquirir conhecimentos científicos para servir os trabalhadores e não para valorização pessoal. Faz com que a luta dos trabalhadores seja a sua luta. Os estudos já não são um objectivo de valorização pessoal. Os estudantes já não pregam os diplomas ao seu peito para poderem dizer: **'Eu valho isto...'** Os que têm a oportunidade de estudar devem ser como os fósforos para acenderem fogueiras à beira das quais o povo se pode aquecer. Os estudos não devem servir para os estudantes se divorciarem da sua origem de classe. O objectivo deve ser bastante diferente dos antigos conceitos e ideias.

«Ser capaz de autocriticar-se e de fazer análises verdadeiramente objectivas — é este o tipo do **'novo homem'**. E ela deve poder organizar a nova sociedade e promover o seu crescimento e o seu desenvolvimento pelo método de crítica e autocrítica. Este é o **'novo homem'**, nascido da luta e criado em todas as fases do desenvolvimento e a todos os níveis. Um homem que é dinâmico e criativo.

«Dizemos que o **'novo homem'** despontou da luta. Essa é a razão porque com uma mentalidade nova ele se pode tornar num agente da transformação, num activista das relações sociais de um novo tipo que caracterizam a **nova sociedade** ao nível da produção, da Educação, da Cultura, das estruturas de chefia e das relações com as bases — isto são as estruturas do socialismo. A criação de um tal perfil e de tais capacidades requer lutas internas que têm de ser sistemáticas e organizadas e não esporádicas, espontâneas ou emocionais. Conscientemente planeadas, científicas e sistematizadas... Mas esta já não pode ser uma luta individual. A vitória individual não existe. Há apenas uma vitória — a colectiva.

«Quando falamos de luta interna, significamos que o **'novo homem'** tem de rejeitar o racismo, o tribalismo, o regionalismo, o individualismo, o liberalismo, o egoísmo e o elitismo — em resumo, ele tem de rejeitar as várias manifestações do subjectivismo porque está empenhado numa luta colectiva, que tem de ser travada a nível da sociedade e da natureza — assim como também a nível individual. Não basta modificarmos um aspecto da sociedade se não modificarmos o perfil de todo o povo.

«Temos de moldar a superstrutura. É o que estamos a fazer de momento. Isto significa criar um novo sistema ao nível das superstruturas de forma a consolidá-las evitando o espontaneísmo (referimo-nos ao desenvolvimento não planeado baseado em conceitos individuais), o que tem de ser feito por meio de uma transformação concreta da sociedade»

. As nacionalizações foram antecipadas devido ao êxodo dos colonialistas portugueses, que conduziu ao abandono das empresas e das plantações, que os levou a sabotar toda a sua propriedade, ou seriam adoptadas de qualquer maneira nessa altura?

. «A saída dos colonialistas portugueses nada teve que ver com as nacionalizações. Foi uma questão da extensão do poder e da organização da Frelimo a todo o país. Os decretos das nacionalizações foram os meios de estabelecer o poder popular e de dar o devido valor aos lucros da revolução. Alguns são de opinião que foi demasiado cedo. Não é verdade. Era parte integrante do nosso programa geral.

«A Educação, a Saúde pública e a propriedade eram instrumentos chave da burguesia, que tinham que lhes ser retirados. Eram os instrumentos através dos quais a burguesia tentava reter o poder de forma a organizar e a consolidar as suas posições. Não podíamos criar a nova sociedade sobre as mesmas estruturas que a antiga, onde havia discriminação e exploração a todos os níveis. Tínhamos de varrer tudo, arrasar os esforços da nova burguesia ainda em botão. Um jacaré é muito forte quando é adulto e se encontra no meio do rio, no seu 'habitat', onde o Homem é fraco. O melhor é matá-lo na margem quando ainda é novo e ainda vive num sítio onde o Homem é o mais forte!

. «O povo ainda tinha o colonialismo como o principal inimigo. Era, portanto, necessário actuar. O povo continua a viver num clima revolucionário e temos de manter esta dinâmica para se conseguir a transformação da sociedade. O problema fundamental é que somos incapazes de gerir o capitalismo. Mesmo se o tentássemos, falharíamos.»

. Estas definições são as linhas-mestras sobre as quais a **'nova sociedade'** está a ser construída na República Popular de Moçambique, sobre os detritos deixados por quase 500 anos de presença portuguesa que levou à destruição das estruturas organizacionais existentes e que evitou a emergência daqueles que se iriam desenvolver através da evolução normal da sociedade. Para observar a aplicação dos novos conceitos, aconselharam-me a visitar algumas das «escolas-piloto» nas «zonas libertadas» — o ponto de partida para tudo o que é novo e progressivo hoje em Moçambique. E, depois disso visitaria algumas das novas aldeias comunais que são o fulcro de tudo o que está relacionado com a nova sociedade.

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Gouveia libertado

Fernando Araújo Gouveia, uma das figuras mais sinistras da ex-P. I. D. E. / D. G. S., foi libertado no passado dia 30 de Agosto. Não sabemos se alegou ter-se limitado a prestar serviços na secretaria dessa instituição ou se conseguiu «provar» que nela fez carreira controlando partidas e chegadas de turistas num posto fronteiriço qualquer. O que sabemos é que foi libertado e, para além de tudo o que possa ter alegado em sua defesa, há quem nunca mais esqueça as sessões de tortura que dirigiu e em que participou pessoalmente. Há, por outras palavras, centenas de portugueses ainda traumatizados pelos interrogatórios que ele dirigiu e estes portugueses não podem deixar de sorrir, com justificável amargura, ao saber que ele pode passear livremente nas ruas e sentar-se à mesma mesa de café a que eles se sentam.

Isto, sem que ainda se lhes tivesse feito a justiça de dar a conhecer ao País o que ele fez e o que ele é. Isto, quando deflagram bombas no Porto e a reacção lança novamente a sua rede sobre uma democracia inexperiente que ainda não está preparada para enfrentar os métodos dos técnicos que o fascismo criou para oprimir, torturar e calar. Não sabemos quais foram os critérios que presidiram à assinatura do mandado de soltura que libertou Fernando Araújo Gouveia mas sabemos que não há argumentos legais aplicáveis a quem sempre se considerou «acima e para além da lei» e se gabava de que a lei nunca entrara na Rua António Maria Cardoso. Se a vida é repleta de ironias, esta da lei ter entrado na Rua António Maria Cardoso pela primeira vez precisamente para apoiar a libertação de quem viveu sempre à margem da lei, é uma das maiores.

L.S.M.

COMÉRCIO EXTERNO PORTUGUÊS

Défice da balança comercial agravou-se este ano

Portugal teve, durante os primeiros seis meses deste ano, um défice de 27 941 mil contos na sua balança comercial, revelam dados, provisórios, relativos ao Comércio Externo, publicados pelo Instituto Nacional de Estatística.

De acordo com a mesma publicação, a Europa enquanto constituiu, durante aquele período, 63,4 por cento das importações portuguesas, (3,5 por cento das quais dos países de leste), absorveu, por outro lado, 76,7 por cento das exportações.

No que respeita ao lugar ocupado pelas grandes organizações económicas europeias, dentro das relações comerciais portuguesas, refira-se que a CEE concorre com 42,5 por cento do total das importações realizadas por Portugal e 52,3 por cento do montante global das exportações. Por sua vez a EFTA, cujo secretário-geral se encontra no nosso país, fornece a Portugal 9,6 por cento das suas importações, absorvendo em contrapartida, 15,9 por cento das exportações.

O COMECON, que para além dos países socialistas do leste europeu, à excepção da Jugoslávia, engloba Cuba e a Mongólia Exterior ocupam, respectivamente 4,6 por cento e 5,2 por cento das importações e exportações portuguesas.

Entretanto, o comércio de Portugal com as suas ex-colónias, durante os primeiro seis meses deste ano, sofreu uma queda acentuada em relação a idêntico período de 1975, havendo no entanto a salientar aumentos de 85,7 por cento e 26,8 por cento das importações de Cabo Verde e Moçambique, respectivamente.

De notar que a evolução do comércio especial regista de Janeiro a Junho, subidas em relação ao ano transacto de 2,2 por cento para a importação e 2,1 por cento para a exportação.

primar

ROSSIO, 115
AV. DE ROMA, 17-A
R. AMEIDA E SOUSA, 20-A
R. FREDERICO AROUCA, 45 — CASCAIS

SÁLDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

ACEITAMOS CARTÕES
SOTTO MAYOR E UNIBANCO

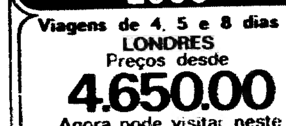
AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

TORM LINES
Para:
BARCELONA—ALGER
MALTA e ALEXANDRIA
n/m «TORM THYRA», em 19 do corrente
OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Lisboa 2 — Tel. [illegible] — Portugal

REABERTURA DO RESTAURANTE 7 MARES
NO DIA 12/8/76
EM PORTIMÃO
RESTAURANTE 1.ª Categoria
ABERTO das 19.00 às 2.00 h.
Cozinha Portuguesa
No BAR
Pianista privativo
Organizações FERNANDO BARATA

PRÉDIO
VENDE-SE
TELEFONE 84 89 48
Atende das 9.30 às 19.30

SURDEZ
Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.
MICROSOM — Organização especializada em prótese auditiva.
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26


SUPER LONDRES 2000
Viagens de 4, 5 e 8 dias a LONDRES
Preços desde 4.650.00
Agora pode visitar neste nosso sistema, duas cidades, tais como:
ROMA
MILÃO
LUGANO
VIENA
FLORENÇA
VENEZA
RIMINI
Consulte-nos sobre estas novas modalidades
CONSULTE BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40459-40468-560386
Telg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGENCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

Nacional

A HISTÓRIA DOS "CORRÉCIOS" (CONCLUSÃO)

Que se passa em Braga?

JOSÉ BENTO

Os «Corrécios» estiveram envolvidos nos ataques à Livraria Victor, de Braga: por três vezes o estabelecimento foi alvo de violência, à pedrada, a tiro com arma de guerra e com uma rajada de 26 tiros de metralhadora

«O importante é averiguar quem financiava os «corrécios» — dizia-nos um bracarense que não escondia a sua raiva por ver que, afinal, os grandes responsáveis mantinham-se na sombra. Este parece ser, de facto, o problema crucial para o desmantelamento completo do bando que actuava em Braga. O Eduardo Corrécio actuava, pagava-se bem tal como os seus correligionários e isso era o que saltava à vista dos cidadãos mais atentos; no entanto, o mais importante será, efectivamente, saber quem lucrava afinal com as acções dos «corrécios».

O problema no fundo resume-se a isto: quem lançou os marginais e deles se servia? A que interesses estavam ligados os «corrécios»? Quem os protegia?

Só respondendo a estas questões poder-seá, pensamos nós, fazer a justiça que se impõe sobre o caso dos «corrécios». Doutra forma estar-se-á a olhar a formiga e a esquecer o elefante...

Para além de em Braga serem quase apontados a dedo os pagantes da «boa vida» dos «corrécios», são enormes as suspeitas de ligação à estrutura contra-revolucionária ELP/MDLP. Admite-se que o bando esteve inicialmente ligado ao ELP e que mais tarde, por razões organizativas e de pagamentos passaram a actuar directamente no MDLP com a promessa de 20 contos de salário, embora só lhes pagassem seis.

Segundo apurámos a ligação dos «Corrécios» ao MDLP era feito não só através de notórios fascistas da região, ricos, mas, sobretudo, por intermédio de Fernando Marques, mais conhecido por Fernando «Cigano» por estar casado com uma cigana. Este é, na verdade, considerado o elo de ligação com o movimento clandestino liderado por Spínola. Era ele quem normalmente recebia os subsídios dos agentes do ELP/MDLP e pagava aos «corrécios». Um dia, há cerca de seis meses, junto do hotel Turismo, houve mesmo cena de tiros entre o Fernando «Cigano» e os «corrécios» que se julgavam roubados por ele. Por outro lado as relações chegaram a estar tensas entre o Eduardo e o Fernando Cigano tendo sido um jornalista — segundo nos contaram — quem desanuviou o ambiente...

As várias pessoas com quem contactámos disseram-nos mesmo que ninguém que esteja metido nas andanças políticas, em Braga, dúvida que o cordão de ligação ao ELP/MDLP passa pelo Fernando Cigano e que «para conhecer as actividades daquelas organizações clandestinas, na capital minhota, bastará ouvir o Fernando Cigano». Sabe-se ainda que este individuo é temido pela raça a que pertence a mulher mas mal visto pelos ciganos porque sendo possuidor de alguns bens de fortuna empresta dinheiro a vários membros desta etnia, cobrando-lhes 10 por cento ao fim da semana.

Consta por outro lado que o Fernando Cigano é detentor de material de guerra e no seu carro fazia-se sempre acompanhar de chicotes, barras de ferro e matracas — material que chegou a exibir em público. Nos comícios era visto como gorila de Galvão de Melo e no comício realizado em Braga, integrado na campanha para a Presidência da República e com a presença do gen. Ramalho Eanes levou o seu atrevimento ao ponto de querer permanecer no palco, tendo sido expulso pelo mandatário do candidato.

A IMPUNIDADE

Quanto às ligações dos corrécios ao ELP/MDLP é o próprio Eduardo que diz a Wallraf: **Muitos habitantes de Braga sabem que eu tinha uma pistola e que não era para brincar. Sabem que eu trabalho para o MDLP.** Estas afirmações seriam, mais tarde, confirmadas no «O Jornal» pelo mesmo Eduardo: «Já lá estive uns tempos, mas sinceramente lhe digo, não sei se era o MDLP ou o ELP, ou lá o que era. Sei que conheci uns pides e ainda fiz um trabalho de passagem de armas para Portugal. Mas eles nunca me pagaram, voltei sem um tostão. Não posso garantir que fosse o MDLP, era uma organização dessas, mas não sei qual, não se falava nisso».

Tudo claro, afinal. Os «corrécios» são, como se vê, apenas uma peça da engrenagem terrorista. Facilmente seduzidos pelo dinheiro e pela aventura, estavam, efectivamente, ao serviço de alguém que tinha objectivos mais vastos para além das suas simples actuações. «Só defendo os que me pagam e espero que um dia me recompensem» — dizia o Eduardo Corrécio, manifestando, assim, que um dos móbeis da sua actividade era o dinheiro. O outro seria o pó que dizia ter aos comunistas. Aliás, é o próprio comandante da PSP de Braga, major Brandão, que, falando a «O Jornal» em Abril, e depois de dizer que não conhecia o «corrécio» afirmava: «O mal dele é ter-se metido com os comunistas». E concluia, de modo displicente: «Acho que ele não pode ver os comunistas e isso mete-o em sarilhos, mas em termos de cenas de pancadaria que, geralmente, resultam numa ou duas cabeças rachadas».

O comandante da PSP reduzia assim tudo a simples cenas de pancadaria. Apesar da existência de um mandato de captura, passado há cerca de um ano pelo juiz de Cabeceiras de Basto, contra o Eduardo, nunca a PSP o «conseguiu» prender. Eram conhecidos de toda a gente os seus locais de poiso habitual, ele cruzava-se com os polícias, chegava mesmo a intervir nas actuações dos guardas, mas nunca foi preso. Nem quando entrava nas esquadras da PSP! Porquê?

Diz o major Brandão: «Quanto a protegermos o Eduardo é totalmente mentira. De resto há um mandato de captura contra ele, mas sempre que tentamos deitar-lhe a mão ele escapa-se. É esperto, não há dúvida de que ele é esperto. O problema dele é ser demasiado conhecido».

O COMISSÁRIO FRANQUELIM

A PSP de Braga merece, pois, uma análise especial.

Corre em certos círculos progressistas de Braga que quem mais protegia os «corrécios» era o 1.º comissário Franquelim, conseguindo enganar o próprio comandante, sendo este, no fim de contas, o principal responsável pelas omissões que permitiram a impunidade verificada durante ano e meio. Aliás, conforme nos afirmaram «o comissário Franquelim continua, não se sabe como, a ser a eminência parda da PSP de Braga, sendo certo que já no tempo do fascismo era notoriamente conhecido pela sua agressividade contra os democratas da cidade e do distrito, aquando das manifestações».

Informaram-nos ainda que muita gente ficou espantada quando verificou que o comissário Franquelim se mantinha no seu posto, enquanto o chefe Batista era transferido para Viana do Castelo, pela sua agressividade e dureza de intervenção em sessões públicas de democratas, sendo considerado menos responsável que aquele.

Não será fácil talvez provar estas versões, mas o certo é que quando a Polícia Judiciária do Porto, no dia 6 de Junho tentou prender o Eduardo Corrécio com os serviços da PSP nada conseguiu. Aliás sobre isto muito terão a dizer, certamente, os agentes da P.J. que, só por mero acaso, não foram baleados pelo Corrécio no acto de fuga. Tiveram inclusivamente de «cavar» para não serem agredidos pelo bando, pois, de contrário, pagariam bem caro o cumprimento corajoso do seu dever. Entretanto, segundo o matutino portuense «O Primeiro de Janeiro» do dia seguinte, o comandante da PSP sossegava o seu meio, dizendo que a PSP de Braga não tivera qualquer interferência na cena de tiros verificada junto da «boite» da Rua de Dio, quando da actuação da P.J.. Por que se apressou o comandante a esclarecer a opinião pública de que no fundo nada tinha a ver com o assunto? — foi questão que muitos bracarenses puseram.

Por outro lado, a falta de confiança na PSP está à vista quando a P.J., dias depois, captura o Eduardo com o auxílio da GNR.

FOI À ESQUADRA E TROUXE O IRMÃO...

Sobre a liberdade de crime de que gozava o bando existem outros factos além dos que referimos no artigo anterior e que ilustram bem a impunidaddnreinante em Braga. São casos concretos e alarmantes.

Durante a campanha eleitoral de 1975, por exemplo, tendo sido detidas algumas pessoas no café Buraca na Rua de Santa Margarida, um dos «corrécios», na presença de agentes da PSP, agrediu à matraca alguns dos detidos conhecidos como democratas, retirando-se depois tranquilamente sem que a PSP interviesse de qualquer forma. De outra vez o «chefe» Eduardo entrou altivamente na 1.ª esquadra da PSP, retirou da prisão um seu irmão que ali se encontrava detido sem que nada lhe acontecesse, embora todos os polícias soubessem que sobre ele impendia um mandato de captura que tinham por obrigação cumprir.

Perante a impunidade de que gozavam começava a esboçar-se, em Braga, a ideia da necessidade de formação de grupos armados para dar batidas aos «corrécios». Ideia, aliás, legitimada pelas pelas sempre que, objectivamente, a autoridade encarregada de velar pela segurança dos cidadãos se demita das suas funções. A mobilização popular era, entretanto, um facto em algumas zonas da cidade. Em S. Gerónimo de Real, pequena região suburbana, exemplo, pouco faltou para que os «corrécios» fossem linchados pela população. Muitos outros factos se poderiam contar da indignação popular existente em Braga.

Conforme já dissemos a gabarolice dos «corrécios» ia ao ponto de anunciarem as suas proezas seguintes. Como quando afirmaram que a fase das bombas tinha sido ultrapassada e que passariam a liquidar pessoas. Mais: diziam, há pouco tempo, que a organização a que pertenciam iria desencadear acções armadas nos Açores e Madeira e uma onda de violência e instabilidade no Continente, pior que a do ano passado.

Dada a actuação dos «corrécios» não faltou quem nos apontasse que estávamos perante uma «associação de malfeitores». Como tal, disseram-nos, deviam ser julgados todos aqueles que compõem o grupo — mandados e mandantes. A propósito regista-se que o próprio Eduardo afirmava, como «coroa de glória» ter recusado 200 contos dos seus mandantes que o convidaram a liquidar 10 conhecidas figuras das forças progressistas de Braga. E o certo é que os mandantes estão ao que se julga, em liberdade...

Por fim, cabe referir o papel que certa imprensa desempenhou no agravamento do clima de impunidade existente em Braga. Nas colunas do jornal estatizado «O Comércio do Porto», por exemplo, para além de velados incitamentos à violência anticomunista, não faltaram nacos de prosa em defesa do bando que actuava em Braga. Certos plumitivos não se coibiram mesmo de criar à volta do Eduardo uma auréola de audácia e valentia, chegando até a regozijar-se, de certa forma, com o facto de — segundo disse o seu actual director, Silva Tavares («Visor» de 14/2/76) — não se ter provado que os três «corrécios» então detidos tinham ligações com o ELP.

Esta posição é perfeitamente compreensível uma vez que para os defensores do ELP/MDLP os «corrécios» não passavam de facto de «uns pobres diabos que tinham pó aos comunistas e mais nada»...

Novo preço dos jornais diários a partir de segunda-feira

Por despacho conjunto do ministro das Finanças e do secretário de Estado da Comunicação Social foi autorizado, nos termos que a seguir reproduzimos na íntegra, o aumento do preço dos jornais diários para seis escudos:

. «1 — Nos termos do art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 646/76, de 30 de Julho, compete aos ministros da Comunicação Social e das Finanças autorizar, em despacho, a alteração do preço de venda ao público dos jornais estatizados.

Reconhece o Governo que o aumento ora fixado não resolverá por si a situação deficitária passada nem as previsões de equilíbrio das finanças das empresas do sector jornalístico.

Por isso impõe que, com toda a brevidade possível, seja efectuado um estudo tendente a adopção de medidas que conduzam ao desejável equilíbrio financeiro daquelas empresas. O erário público não poderá, nem deverá, suportar por longo tempo o enorme encargo em que se têm traduzido os apoios concedidos.

2 — O aumento para 6$00 solicitado pelas empresas jornalísticas estatizadas cobrirá apenas em 25 por cento o défice mensal das empresas estatizadas, considerando-se, até, que seria de 7$50 o preço unitário que mais se aproximaria dos custos de produção. Por volta de 1967 introduziu-se um aumento de 50 por cento. Em 1973 verifica-se novo aumento, devido, em grande parte, ao aumento do custo do papel. O agravamento dos encargos impôs em 1974 a necessidade de um novo aumento e, embora a D.G.P. tivesse indicado o preço de 5$00, foi fixado o preço de 4$00, o qual sendo já, nessa altura, insuficiente, de modo nenhum se ajusta às realidades económicas de hoje.

Na fixação do preço em 6$00 procurou-se atender à necessidade de fixar um aumento que, sendo ainda inferior ao custo unitário de produção, pudesse, contudo, representar um aumento das receitas dos jornais estatizados.

Entre o aumento para 5$00 (manifestamente insuficiente) e o aumento para 7$50 (excessivo para largas camadas da população) optou-se pelo preço intermédio de 6$00.

3 — Tendo agora as empresas jornalísticas estatizadas pedido autorização para passarem o preço de venda dos jornais diários para 6$00 por exemplar e, simultaneamente, solicitado instruções quanto à margem de comercialização a conceder aos vendedores de jornais, o ministro das Finanças e o secretário de Estado da Comunicação Social, determinam o seguinte:

. a) Preço dos Jornais: — É autorizado o aumento do preço de venda por exemplar para 6$00, devendo a data de início da vigência deste novo preço ser fixada pelas administrações dos jornais sob tutela. Este preço justifica-se pela necessidade de aproximar a receita da venda do custo real de produção dos jornais, neste momento com um desnível fortemente contribuinte dos avultados défices verificados.

b) Margem de Comercialização: — Considerando que o aumento supra não permite ainda o reequilíbrio de exploração, mas, apenas a redução de défice das empresas jornalísticas, e que, por esse motivo, o aumento de receita a obter não poderá repercutir-se em benefícios directos ou melhorias de situação salarial dos trabalhadores; não fazendo portanto sentido que se acresçam, e neste caso sem qualquer razão especifica, as margens dos vendedores de jornais, as quais melhoraram sensivelmente nos últimos três anos (margem por exemplar: Jan. 74 — $35; Fev. 74 — $53; Jan. 76 — $92); ao mesmo tempo que, por outro lado, depois da extinção da censura aumentou o número de jornais e revistas que vendem.

Determina-se um ajustamento da margem de comercialização de $92 para apenas 1$00 por exemplar, margem que deverá entrar em vigor juntamente com o novo preço de venda e que é fixada com o objectivo de compensar uma possível quebra nas vendas resultante do aumento do preço autorizado em a). Poderá de resto, vir a rever-se a margem agora fixada se, demonstradamente, os efeitos negativos da quebra de vendas excederem os efeitos positivos da elevação da margem, até restabelecimento do ritmo da receita anterior.»

. O despacho acima transcrito contém em si todas as considerações que sobre a necessidade, oportunidade e condições deste aumento se podem fazer.

Resta ao Conselho Consultivo, que representa as administrações dos jornais sob tutela do Estado, cumprir aquele despacho e fixar a data de início da vigência deste novo preço. Reunido em 1 de Setembro, o Conselho Consultivo decidiu fixar o início de vigência das novas condições de venda na próxima segunda-feira, dia 6 de Setembro de 1976.

Ficam também por este meio notificados os agentes e vendedores dos jornais sob tutela (independentemente dos contactos directos que as empresas porventura estabeleçam) de que o novo preço de venda e a nova margem de comercialização entram em vigor na data referida.

Lisboa, 2 de Setembro de 1976

O Conselho Consultivo da Imprensa Estatizada

(art.º 10.º n.º 1 do Decreto-Lei n.º 645/73 de 30 de Julho de 1976)

Nacional

Empréstimo da Grã-Bretanha obriga à compra de bens ingleses

. .«Foi oferecida a Portugal, pela Grã-Bretanha, assistência financeira bilateral sob a forma de um empréstimo de cinco milhões de libras esterlinas (cerca de 280 mil contos), reembolsável em 25 anos, com um período inicial de três anos isento de reembolso» — informa uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

«O empréstimo fica vinculado à aquisição de bens e serviços britânicos, colaborando o Ministério do Desenvolvimento Externo da Grã-Bretanha com as autoridades portuguesas no sentido de serem beneficiados, sobretudo, os grupos sociais ,portugueses de menores rendimentos» — conclui a nota do M. N. E. a propósito do «oferecimento» de mais este «empréstimo» que além dos juros obriga à aplicação do seu montante na aquisição de «bens e serviços» ingleses, processo pelo qual o país que o concede lucra duas vezes — com os juros e com o escoamento da sua produção.

C.I.D.A.C. participa no XX aniversário do P.A.I.G.C.

. O Centro de Informação e Documentação Anticolonial (CIDAC) foi convidado a fazer-se representar nas comemorações do XX aniversário do PAIGC, que vão realizar-se em Bissau no próximo dia 19. A representação do CIDAC será assegurada pelo dr. Luis Moita, que já confirmou a aceitação do convite do Comité Executivo da Luta do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde), transmitido através do comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau.

P.C.P. contra a ofensiva da direita reaccionária

. A SIP do PCP emitiu uma nota sobre a ofensiva ideológica da direita cujas forças «ao mesmo tempo que manobram activamente contra órgãos de soberania, consagrados na Constituição, contra a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical e pressionam, por diversas formas, a paralisação das investigações sobre terrorismo» estão a fomentar e impulsionar uma vasta ofensiva ideológica com o objectivo de lançar a confusão e a desorientação nas fileiras do movimento operário e popular.

A nota do PCP refere-se depois a «numerosos órgãos de Informação, enfeudados à direita reaccionária, secundados por outros partidos de orientação esquerdista» que se esforçam por dar deste partido uma imagem de partido em crise, sem perspectivas, acumulando derrotas sucessivas».

Mais adiante o PCP afirma: «Assume, no entanto, particular gravidade a circunstância de paralelamente a tal campanha, que se lhe insere num vasto plano de ataque ao regime democrático e às conquistas da revolução, se registarem sucessivas intervenções de dirigentes responsáveis do Partido Socialista, hostilizando o PCP, desvalorizando a sua força, apresentando como diminuta a sua influência.

«Certos dirigentes do PS», são, assim, acusados de continuarem mais interessados em estabelecer fracturas à esquerda para abrir caminho a futuras alianças com a direita, do que em promover a cooperação e o entendimento entre socialistas e comunistas para fazer face à direita reaccionária, como a defesa da liberdade e da democracia exige».

O documento prossegue salientando que «as calúnias e as invenções sobre as «derrotas do PCP encontram a melhor resposta na própria realidade nacional, e depois de enumerar as grandes conquistas revolucionárias dos trabalhadores e do Povo Português, como a derrota do fascismo, a descolonização, as nacionalizações, a Reforma Agrária, a Constituição e outras afirma: «Tais realizações, inscritas entre os objectivos programáticos do P. C. P. para a revolução democrática e nacional e, em contrapartida, ferozmente odiadas e combatidas pela direita reaccionária, esclarecem definitivamente quem foi derrotado, se o PCP, que deu à concretização dessas conquistas um contributo decisivo, se os reaccionários que contra elas lutaram e lutam».

Mais adiante a nota do PCP manifesta a apreensão suscitada pela «colaboração que objectivamente, personalidades do PS estão dando a uma tal campanha e recorda aos dirigentes do PS que estes «tinham obrigação de se lembrar de que se o País tem hoje um Governo P. S., isso se deve não apenas ao facto de o PS ter sido o partido mais votado, mas, sobretudo, ao facto incontestável de que o perigo de um Governo PPD-CDS foi afastado pela conquista de uma maioria numérica de esquerda na Assembleia da República»

E prossegue: «Por muito que, irresponsavelmente, dirigentes do PS procurem ridicularizar o objectivo político da maioria de esquerda, a verdade é que se o PCP tivesse tido nas eleições legislativas os 6 por cento de votos que o dr. Mário Soares lhe vaticionou nos EUA, ou os 7,5 por cento que quase diariamente agora atribui ao PCP, a estas horas uma coligação reaccionária governaria o País, certamente não fazendo ao PS as concessões que este actualmente faz à direita».

A concluir afirma o P.C. P. «Contrariamente ao que desejariam as forças de direita e todos aqueles que fazem do anticomunismo a sua orientação dominante, os comunistas portugueses estão unidos, não pouparão esforços nem sacrifícios para consolidar um regime democrático a caminho do socialismo, persistem na sua firme disposição de lutar pela unidade de esquerda.

EM NOVEMBRO

Presidente da Venezuela em visita a Portugal

. .«O presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez, estará em Lisboa no dia 30 de Novembro, avistando-se com o Presidente da República, general Ramalho Eanes, e com o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares» — revelou à Anop o embaixador venezuelano em Lisboa, Alfredo Baldó, acrescentando que a passagem de Andres Perez pela capital portuguesa far-se-á no regresso ao seu país, vindo de Moscovo, após a sua visita oficial à União Soviética.

Alfredo Baldó acrescentou que se reuniu anteontem com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, e que ontem de manhã visitou o Primeiro-Ministro Mário Soares, a quem comunicou a vinda a Lisboa do presidente da Venezuela, tendo sido acompanhado na visita pelo deputado venezuelano dr. Arturo Hernandez Grisanti, que é membro do Comité Executivo Nacional da Acção Democrática, partido governante daquele país.

Protestos na Noruega contra manobras da N.A.T.O.

Seis mil «marines» norte-americanos participarão de 10 a 23 de Setembro próximos no exercício militar quadrienal da NATO. Portugal participará com uma fragata e um submarino. As manobras envolvem 80 000 soldados, 200 unidades navais e 300 aviões, que vão exercitar-se «en repelir um ataque hipotético das forças do Pacto de Varsóvia contra o flanco setentrional da Aliança Atlântica».

O ponto alto das manobras será constituído por um desembarque de forças anfíbias na costa da Noruega, com actuação destacada dos seis mil «marines» que simularão um assalto às costas da Noruega.

Entretanto há já notícia de que organizações políticas progressistas daquele país nórdico preparam manifestações de protesto pela realização das manobras.

Caminhos de Ferro Portugueses

Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

FREQUENTA AS PRAIAS DA COSTA DO SOL?

Se vai de COMBOIO, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS em bichas para comprar bilhete.

Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS, bastando trazer, em MOEDAS de 5$00, 2$50, 1$00e $50 o PREÇO EXACTO do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS	
	1.ª classe	2.ª classe
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	7$50	5$00
C. Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos Parede S. Pedro S. João Estoril Monte Cascais	15$00	10$00

NO REGRESSO utilize-as também, pois elas existem em todas todas as estações,

Nacional

ENSINO SUPERIOR

Em dúvida a abertura da Universidade em Outubro

No Ensino Superior começam a detectar-se os primeiros sinais de inquietação, as primeiras dúvidas quanto ao normal funcionamento das escolas e à possibilidade de as aulas abrirem em Outubro. Assim as matrículas não estão asseguradas para o mês de Setembro. O MEIC propôs um novo modelo de impresso para matrículas. O impresso ainda não está sequer estudado. Na melhor das hipóteses estará pronto daqui a 10 dias. Depois será necessário mais algum tempo para a sua aprovação, seguindo-se pelo menos mais 17 dias para a sua impressão na Imprensa Nacional. Finalmente, será necessário em período de adaptação para os funcionários tomarem conhecimento do novo modelo. As perturbações que tal decisão ministerial venha a criar, afectarão pelo menos durante os próximos dois meses o normal funcionamento das escolas do Ensino Superior e poderão estar a dar razão às vozes que já se começam a levantar convencidas de que teremos mais um primeiro período escolar sem aulas.

Outros problemas, no entanto, preocupam as escolas. A título de exemplo, lembramos o renovar do problema da avaliação de conhecimentos. Com efeito; as escolas tentam neste momento uma uniformização, aceitando os escalões de avaliação do **apto** e **não apto**. Assembleias gerais de escolas estão previstas em todo o País, a partir de 15 de Outubro.

A questão levantada pela legislação das acumulações vem levantar sérios problemas às escolas na contratação de pessoal docente. Há já significativas deserções que, em certas escolas, atingem as dezenas de professores (é o caso do ISE) que se recusam a receber apenas os 60 por cento previstos no decreto das acumulações. Escolas há que até Novembro vão lançar uma série de documentos sobre gestão democrática. Por outro lado, tanto quanto pudemos apurar, as escolas começam a estar apreensivas perante novas limitações que lhes possam vir a ser feitos na sua autonomia pedagógica.

Sindicato de Professores recusa decreto do M.E.I.C. sobre colocações

. Em conferência de Imprensa, os Executivos Nacionais do Sindicato dos Professores que é, recorda-se, afecto ao PS, anunciaram recusar o estipulado no decreto-lei 672/76 que regulamenta a colocação dos professores.

Entretanto, na manhã de ontem, os Executivos tiveram um encontro com o ministro Sottomayor Cardia, «não recebendo o Sindicato qualquer resposta positiva».

Nos seus objectivos primeiros pretende o Sindicato salvaguardar o direito ao trabalho de docência a todos os que ensinaram no passado ano lectivo. E recordam os Executivos Nacionais que apresentaram em Maio ao MEIC «um caderno reivindicativo em que um dos pontos era a exigência de um plano de colocações; plano esse, que respeitasse as posições já expressas pela classe, e que fosse publicado em devido tempo, de modo a permitir um normal funcionamento das escolas logo desde o início do ano lectivo de 76/77».

Ora, prossegue o Sindicato, «o aparecimento do decreto 672/76 vem contrariar tudo o que havia sido alcançado pelos professores e acordado entre o Sindicato dos Professores e o MEIC, pondo em causa o direito ao trabalho e o efectivo funcionamento das escolas».

O princípio de colocação constante do decreto-lei defende a colocação prioritária de candidatos a professores, eventualmente com maiores habilitações académicas, deixando para trás os professores que estiverem ao serviço do MEIC em 75/76 e em anos anteriores.

É esta situação que o Sindicato dos Professores não aceita, já que ela «contraria os interesses da classe e origina situações de desemprego».

Finalmente, face à posição tomada por Sottomayor Cardia, os professores rejeitam responsabilidades nas anomalias que se venham a verificar no funcionamento do próximo ano lectivo e lançaram como repto à equipa ministerial (que, em princípio, o aceitou) a realização de um debate público, em forma de mesa-redonda, a transmitir pela RTP.

QUARTA-FEIRA PODERÁ SER DIVULGADO

Tarifas mais caras nos transportes colectivos

É muito provável que os preços praticados nos transportes colectivos sejam revistos, e ao que parece, aumentados. Apesar de nada ter ainda transpirado de concreto de S. Bento ou do Ministério dos Transportes e Comunicações, o aumento tarifário naquele sector é considerado como certo.

O referido aumento tarifário não passa de uma simples componente num conjunto de medidas tidas como prioritárias para recuperar a economia nacional.

Nos primeiros dias da semana finda, na residência oficial do Primeiro-Ministro, o ministro Rui Vilar admitiu em resposta a uma questão formulada pelo repórter do «D. L.» que num conjunto de medidas globais, haveria lugar, naturalmente, para aumentos e reduções na elaboração de novos preços e que a alteração dos transportes nem sequer era da responsabilidade do I Governo Constitucional, porquanto tinha sido decidida pelo VI G. P.

COMPLEXO PETROQUÍMICO DE SINES

Primeiras unidades arrancam no princípio de 1979

Pelos directores da Companhia Nacional de Petroquímica (C. N. P.) foi ontem apresentado ao ministro da Indústria e Tecnologia, ao secretário de Estado da Indústria Pesada e aos órgãos da Informação, o plano de investimento no sector da petroquímica.

No decorrer da reunião foi revelado que as primeiras unidades do complexo petroquímico, cujo investimento global ascende a 17 milhões de contos, são as fábricas de etileno e três polímeros, devendo arrancar no primeiro trimestre de 1979. Em 1982 estará completo

A indústria e serviços nacionais participarão com cerca de 65 por cento do total dos investimentos. Um dos directores afirmou que tendo por base estudos do mercado interno, possibilidades de exportação e considerações de economia de escala «concebeu-se um conjunto de unidades industriais que, com base numa fábrica de etileno de 300 000 toneladas, permitirá a produção integrada de polietilenos de baixa e alta densidade, polipropileno, cloreto de vinilomonomero, policloreto de vinilo, acrilonitrilo, estireno, poliestireno e borracha de estirenobutaieno.

O mesmo dirigente acrescentou que estão também adiantadas as negociações para um financiamento belga de 1200 milhões de francos belgas e eurodivisas no valor de 6,5 milhões de dólares. «Isso permitirá um permanente fluxo positivo de divisas estrangeiras, pois durante a construção das unidades industriais entrarão as divisas estrangeiras sob a forma de empréstimos, e depois do arranque, as exportações permitirão o pagamento das dívidas contraídas e a entrada de valores sobrantes.»

A Companhia Nacional de Petroquímica, prosseguiu Walter Rosa, «com seus projectos de Sines é um exemplo daquilo que se deve fazer em Portugal. Com o projecto de Sines, a C. N. P. irá contribuir para as exportações do País além de criar 2200 novos postos de trabalho altamente especializados e um investimento na ordem de 17 milhões de contos. Aumentar a riqueza nacional é aumentar a riqueza a distribuir».

nova remessa
super-jogo
Black & Decker

ARGOS

EM ATRAENTE ESTOJO DE PLÁSTICO

2195$

EQUIPADO COM

- POTENTE BERBEQUIM DE 13 m/m 2 VELOCIDADES
- SERRA CIRCULAR
- LIXADORA VIBRATÓRIA
- SUPORTE HORIZONTAL
- CATRABUXA TIPO TAÇA
- REBOLO DE ESMERIL + VEIO ADAPTADOR
- FLANGE DE BORRACHA
- 6 DISCOS DE LIXA + BÓINA DE POLIR

QUANTIDADE LIMITADA!

ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
(a Casa dos Berbequins)

Venha já ou peça pelo correio à cobrança
sede: Rua Ferreira Borges, 16-18
Telfs.: 66 21 46 - 66 86 56 – LISBOA

Loja "HOBBY" no Drugstore Apolo 70
Av. Júlio Dinis, 10-A Telf.: 77 40 94 – LISBOA
Aberto todos os dias até à meia-noite

◯ QUEIRAM ENVIAR-ME CONJUNTO SUPER - JOGO 2195$00 + 60$00 PARA PORTES

Nome _____

Morada _____

Geral

Vamos a caminho da fome mundial?

Júlio Rodrigues

As guerras têm estado na origem de tragédias imensas que se abatem sobre povos indefesos, condenados à fome e a outros flagelos. Enquanto uma parte (mínima) da humanidade se banqueteia, outra encontra-se no estado que a foto documenta

. Já não é um título, uma frase, uma ameaça hipotética: a penúria de alimentos, por tão evidente que a sua escassez é actualmente, paira como espectro e, ao que parece, sem remédio previsível. O crescimento populacional, mais célere e desenvolvido que o que há uma vintena de anos se previa, levará quase fatalmente à penúria alimentar e a uma fome mundial cujas consequências ainda não foram sistematizadas.

É difícil, aleatório e imprevisível calcular as repercussões que o acontecimento poderá ter, posto que ainda não foram encontradas formas, nem meios, de o evitar. A catástrofe paira, assim, de modo mais descoroçoante, como aliás foi assinalado, em Abril do ano corrente, na Conferência de Filadélfia, que durante três dias, naquela cidade norte-americana, se ocupou da questão. Aí, como então o noticiaram as agências internacionais, Hélio Jaguaribe, professor de Ciências Políticas no Brasil, admitiu quase que infalivelmente a hipótese de uma penúria e crise alimentar sem precedentes, se não forem criadas medidas especiais para prevenir a ameaça. Nesse conspecto, aquele sociólogo brasileiro chamou a atenção para a necessidade do crescimento demográfico ser alterado, mesmo que à Igreja tal prática não servisse, por forma a suavizar os «graves problemas que num futuro mais ou menos longínquo» nos afectarão.

O ano de 1972 foi decisivo no plano alimentar, marcando uma mudança importante na tendência habitual. As colheitas mundiais que se seguiram (73, 74 e 75) corroboraram as deficiências de 1972, ano em que pela primeira vez nos últimos quarenta a produção de cereais (arroz, cevada, aveia, soja e, essencialmente, o trigo e o milho) diminuiu. Em todos esses anos a partir de 72, e tendo em conta, sobretudo, o rápido e imparável crescimento populacional, a diminuição produtiva passou de 33 milhões de toneladas de cereais (em 1972) para 48 milhões o ano findo. Ora a produção mundial, que actualmente é de 1450 milhões de toneladas devia ter aumentado 30 milhões de toneladas para fazer face, todos os anos, ao aumento da procura mundial.

Afinal, que é que se passou nos últimos quatro anos? Os países da América do Norte, cansados de financiar, nos últimos vinte e três anos, «stocks» importantes, decidiram encurtar a sua produção, quando na maior parte dos países da Ásia Oriental, na Austrália, no Sahel, na China, na Índia e na URSS, o mau tempo (inundações ou escassez de chuva) comprometia as colheitas daqueles países. Os armazenamentos dos países produtores esvaíram-se, as reservas dos importadores desapareceram, e entrou-se, assim, num «clima» de pânico generalizado, com poupanças e privações que evitaram em todo o mundo uma pronunciada falta de alimentos sem esconder sintomas de crise evidente.

a carência de alimentos, para essa generalização de angústia; a inflação mundial provocada pela ruptura no mundo capitalista, a instabilidade monetária e toda uma orquestração conjuntural de especulações estiveram na origem da perturbação sentida no mercado mundial de géneros. Todas essas razões levaram a que o preço dos cereais essenciais, de acordo com as previsões e cálculos dos países produtores e do capitalismo mundial, duplicassem. Aconteceu até, em relação ao trigo, que o seu preço quadruplicou. Essa alta de preços, naturalmente, atingiu em particular os países pobres ou em vias de desenvolvimento, e só não alcançou números astronómicos porque muitos dos países do Terceiro Mundo, «em cima do evento, puseram a importância da sua principal arma — o petróleo — em questão. E à ameaça dos produtores de cereais, eles, produtores de petróleo e agrupados em torno da OPEP (Organização dos Países Exportadores do Petróleo) responderam com outra ameaça. A Europa, flagrantemente dependente de ambas as «armas» passou por momentos de aflição. O nível de vida encareceu em dois anos como não tinha encarecido nos últimos 10.

os preços entretanto praticados na maioria dos produtos agrícolas tenham melhorado os termos das trocas. Beneficiados com toda aquela conjuntura foram, sobretudo, os países ricos, visto os pobres e em vias de desenvolvimento serem, no fundo, importadores crónicos de géneros alimentares. Nos países subdesenvolvidos, que não é o mesmo que em vias de desenvolvimento, àquelas dificuldades juntaram-se a diminuição da produção alimentar, o encarecimento dos adubos e a crise de energia.

Em Agosto de 1974, em Bucareste, tendo em conta a escassez de alimentos, o desastre de Sahel (território ao Sul do Sara que constitui um desastre mundial), os malefícios da seca e das inundações, os países que participaram na Conferência organizada pela Roménia comemorando, de acordo com a resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, que consideraram 1974 como «O Ano Mundial da População», assinaram um documento que anunciava os perigos que representava o crescimento mundial ante o súbito agravamento das condições da produção de cereais. Meses antes, o Clube de Roma, nas conclusões do seu segundo relatório, após a análise da situação alimentar global, concluía que «a continuar a actual tendência do desenvolvimento das populações, a penúria de alimentos não deixará de piorar, até atingir proporções catastróficas». Em Dacar (Senegal), em 2 de Maio do ano passado, até Kissinger, debruçando-se sobre a questão, após examinar o «desastre de Sahel», achou por bem aconselhar a recuperação das regiões devastadas, fixando em 7 milhões e meio de dólares o «investimento» dos EUA para que tal «operação» fosse levada a bom termo.

O alarme de maior repercussão seria dado, todavia, por Boumedienne, aquando da realização, em Argel, em Setembro do ano passado, da penúltima Conferência dos Países Não-Alinhados, na qual foi lançada a ideia de uma Conferência Mundial da Alimentação. Kissinger retomou a ideia e propô-la, mais tarde, na ONU, tendo sido encarregado da sua preparação um antigo ministro egípcio da Agricultura, Sayed Amhed Marei, conselheiro do presidente Anwar Sadat, que para o efeito teve a colaboração da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura).

A fome na Etiópia levou à concentração num campo de auxílio de emergência de numerosas pessoas atingidas pela subnutrição. Para muitos, o auxílio chegou tarde de mais

AS DIFICULDADES DOS PAÍSES POBRES

Mas nem só o mau tempo constituiu a única causa para

TRIÂNGULO DA MORTE

Um debate mundial de ideias e de processos que permitissem encontrar um modo de «assegurar reservas alimentares», escreveu-se então «suficientes em todas as partes do globo, e coordenar os esforços das várias nações na luta contra a fome e contra a subalimentação» era o «programa». Foram muitos os técnicos que, indigitados pelos países que se prontificaram a estar presentes, meteram mãos à obra com todo o coração.

Os mesmos técnicos, inicialmente entusiasmados pela proposta, escreviam perfeitamente desmoralizados meses mais tarde: «É pouco provável que qualquer crise alimentar anterior tenha alguma vez adquirido as proporções mundiais que a actual (1975) atingirá».

Já este ano (1.º de Maio), Alfred Kastler, Prémio Nobel de Física em 1966, escrevia: «Temos hoje conhecimento de que no Terceiro Mundo, do Sahel ao Bangladesh, a grande fome já começou, e que daqui até ao fim do século centenas de milhares de seres humanos estão condenados a morrer... A assistência concedida pelos países industrializados a esse Terceiro Mundo tende para zero. A ajuda tornou-se mesmo negativa para os países da América Latina, que hoje são obrigados a reembolsar mais que aquilo que o Terceiro Mundo recebe».

Prosseguindo na recordação do que entendidos na matéria escreveram sobre tema tão crucial e aterrorizador, sobretudo em resposta aos que contestaram e contestam as teses e conclusões do Clube de Roma (1974), temos René Dumont, autor do livro «Vamos Direitos à Fome». Escreveu aquele agrónomo francês e perito da FAO, em 1966: «A actual fome, como a da Índia em 1965, é um fenómeno crónico que nos parece ir agravar-se rapidamente... Anunciamos o risco de uma fome generalizada nos países (maioria dos países) do Terceiro Mundo ainda antes de 1980».

A progressão do número de consumidores e o desaparecimento de várias zonas de produção (o Sahel é um exemplo em toda uma «máquina complexa») explicam a actual crise alimentar. O Terceiro Mundo, como previra René Dumont há uma década atrás, atravessa já problemas quase insolúveis no domínio alimentar. 1973, 74 e 75 reafirmaram a escassez de produção verificada em 1972. O nível de vida subiu vertiginosamente nos três últimos anos. O espectro da fome já não é só ameaça — é mais que isso: é uma dura realidade em mais de metade do globo, hoje com quatro mil milhões de habitantes e, a confirmarem-se os números previstos para o fim deste século, teremos provavelmente em 1998, 6400 milhões de pessoas, o que significa, entre 1970 e o ano 2000, um aumento populacional na ordem dos 77 por cento.

O crescimento seria, obviamente, diferente, variando conforme os países e as zonas: enquanto nos países industrializados esse aumento populacional seria na ordem dos 26 por cento, no Terceiro Mundo cresceria à volta de 99 por cento. A Ásia Meridional desempenharia nesse aspecto o papel de vedeta, abrangendo uma área que vai da Turquia à Indonésia e às Filipinas, isto é, um «epicentro» onde se congregam os gigantes da demografia enquadrados no triângulo Paquistão-Índia-Bangladesh, que actualmente reúne cerca de um terço da Humanidade. Segundo os cálculos e previsões dos entendidos em questões de demografia e crescimento populacional, o número de habitantes no fim do século poderá atingir uma cifra muito próxima da população mundial há 26 anos.

Tudo isto é o quadro de quase todos os países do Terceiro Mundo, onde a taxa anual de natalidade varia entre 3,5 e 4,5 por cento, criando «um reflexo de medo», conforme escreveu o professor de Demografia no Colégio de França e membro da Comissão de População nas Nações Unidas, Sauvy, lembrando, a propósito, os exemplos de Roma e da Grécia antigas.

ACÇÃO MÉDICO-SOCIAL DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

ADMISSÃO DE PESSOAL DE ENFERMAGEM

Informa-se que se encontra aberto concurso documental, no período de 6 a 25 de Setembro, para provimento das vagas existentes no quadro do pessoal abaixo indicado:

Enfermeiro Chefe, Enfermeiro Sub-Chefe, Enfermeira Especializada em Obstetrícia, Enfermeiro e Auxiliar de Enfermagem ou Enfermeiro de 3.ª classe

Para mais esclarecimentos devem os interessados contactar com a Secção de Pessoal de Enfermagem (Acção Médico-Social da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal) telefone 28041/4, sita na Avenida General Daniel de Sousa — Prolongamento —Prédio FIAT, Setúbal.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA/A. M. S.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE ÉVORA

AVISO

ACORDOS PARA PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES EM DÍVIDA

Volta a chamar-se a atenção dos contribuintes para o facto de nos termos do despacho da Secretaria de Estado da Segurança Social de 5 de Março de 1976, publicado no «Diário da República» n.º 107, III Série de 7 de Maio último, ter sido facilitada a cobrança de dívidas de contribuições à Previdência por meio de acordos com as firmas devedoras, em prestações pecuniárias, num prazo que não poderá ultrapassar quarenta e oito meses contados a partir da data da celebração do acordo.

As normas para o efeito constam do referido diploma e nesta Caixa prestar-se-ão todas as indicações e esclarecimentos necessários.

Évora, 26 de Agosto de 1976

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS

Viagem para jovens dos 16-35 anos de 1 a 13 Out/76. Condições extraordinárias.

Visita **Moscovo, Kiev, Kharkov.**

Contacta Dep. Turismo.
Tel. 601199.

Das 15 às 20 horas

Trabalho

CONGRESSO DOS SINDICATOS

Maioria dos trabalhadores representados na reunião geral

Representantes de dezenas de sindicatos de todo o País chegaram esta manhã ao Instituto Superior Técnico, para participar na reunião geral de sindicatos que ali está a decorrer. Presentes, também, representantes de sindicatos não filiados na Intersindical Nacional, entidade patrocinadora da reunião, entre eles dos Sindicatos dos Rodoviários de Setúbal, da Construção Civil de Vila Real e Chaves, dos Escritórios e Comércio de Vila Real e Bragança, dos Escritórios e Metalúrgicos de Portalegre.

O objectivo da reunião é preparar o segundo Congresso Nacional dos Sindicatos. Na RGS precedente a mesa era constituída por representantes da Intersindical Nacional e representantes dos sindicatos signatários da «Carta Aberta». Estes últimos decidiram não participar na RGS de hoje. Constava entre alguns sindicalistas presentes hoje no I. S. T. que deveria ser apresentado um voto de censura ao sindicatos ligados à «Carta Aberta».

..Ontem, ainda se realizaram em diversos distritos do País reuniões distritais de sindicatos com vista à preparação da reunião geral dos sindicatos que esta manhã começou no Instituto Superior Técnico.

Em Setúbal, delegados e dirigentes sindicais e comissões de trabalhadores de todos os sindicatos filiados ou não na Intersindical Nacional, estiveram reunidos a partir das 10 horas, no salão do Inatel daquela cidade. Da reunião resultou, no essencial, o repúdio pela «Carta Aberta» e inteiro apoio à Central Única de Trabalhadores.

Presente na reunião, um dirigente do Sindicato dos Rodoviários do Distrito de Setúbal explicou as razões da ligação daquela direcção ao grupo da «Carta Aberta», reconhecendo que não tinha sido expressamente mandatada para o efeito, pelos trabalhadores.

Na reunião exigiu-se que o Congresso dos Sindicatos se realize ainda no decurso do ano corrente, tendo sido subscrita por aclamação uma carta a enviar ao secretariado e aos subscritores da «Carta Aberta», manifestando a estranheza que causa o facto destes últimos pretenderem, até há pouco, a realização do Congresso durante o ano de 1976 e, agora, pretenderem adiá-lo para o ano que se aproxima.

Por outro lado, em Aveiro, a respectiva reunião de sindicatos a nível distrital efectuou-se no passado dia 2, e nela foi aprovada uma moção em que se salienta a criação de comissões dinamizadoras distritais e a necessidade de se realizar ainda durante o ano corrente, o 2.º Congresso dos Sindicatos, conforme tinha ficado estabelecido «na reunião dos sindicatos realizada em Lisboa no passado dia 29 de Agosto». Esta moção de Aveiro foi subscrita por nove sindicatos e duas delegações sindicais do distrito.

RAZÕES DOS SINDICATOS DA «CARTA ABERTA»

..Entretanto, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa divulgava ontem em publicidade paga inserta em vários jornais, a sua posição relativamente à reunião geral de sindicatos que hoje se efectuou em Lisboa.

Nesse texto se dava conta que aquela direcção não comparecia à reunião de hoje. Justificações: a composição da Comissão Nacional Organizadora, que a «Carta Aberta» pretende que tenha constituição paritária. Contrariamente ao que pretendem os sindicatos filiados na Intersindical, a Comissão da «Carta Aberta» pretende que «uma Comissão Nacional Organizadora que não afaste à partida nenhuma direcção sindical deverá ser constituída paritariamente, não dando portanto a hegemonia a ninguém».

Ainda no campo das posições públicas da Comissão Redactora da «Carta Aberta» o jornal «A Luta» publica ontem uma entrevista com um dirigente do mesmo Sindicato em que os mesmos problemas são analisados e onde se aponta como grande divergência a «representatividade na Comissão Organizadora do Congresso».

Na entrevista, o sindicalista José Luís Gaspar, presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Empregados de Escritório tenta contestar a maioria da Intersindical, onde estão inscritos 190 sindicatos, com representação de 80 por cento dos trabalhadores, afirmando que isso estaria correcto se «porventura a maioria dos trabalhadores estivesse de acordo com as direcções sindicais».

No ponto em que se refere aos 152 sindicatos não inscritos na Intersindical Nacional não refere contudo se todos apoiam, expressamente mandatados pelos trabalhadores, a Comissão Redactora da «Carta Aberta».

A POSIÇÃO CONTRÁRIA

..Recordamos que na reunião distrital de sindicatos efectuada no dia 2, na União dos Sindicatos do Porto, foi aprovado um comunicado, com a presença de quarenta organizações sindicais filiadas e não filiadas na Intersindical, em que «foi consenso que a constituição» — da Comissão Nacional Organizadora do Congresso — «não pode obedecer ao critério simplista de «metade para aqui e metade para ali», mas que nela terão de pesar a representação geográfica, a importância sectorial relativa, o número de trabalhadores de cada sindicato e sector e, como é óbvio, as várias correntes de pensamento do movimento sindical». A defesa deste princípio foi feita com o argumento de que a Comissão Organizadora deverá ser a «resultante da realidade actual do movimento sindical».

O mesmo encontro «produziu» a decisão de ser criada uma Comissão Organizadora para «promover a discussão pelos trabalhadores do distrito das questões do Congresso».

Trabalhadores da "Cambournac" sob ameaça de desemprego

. Ainda não receberam o salário de Agosto, e vivem no receio de virem a aumentar o número crescente dos desempregados, os 750 trabalhadores da Tinturaria Cambournac, empresa com intervenção do Estado desde Julho do passado ano. ano.

Para tornarem pública a situação, as Comissões de Trabalhadores e Sindical deram ontem uma conferência de Imprensa nas instalações da empresa, facultando aos jornalistas uma visita ao respectivo parque industrial, desoladoramente inactivo, na prática, há cerca de dois meses, por falta de fornecimentos de matéria-prima.

Foram evocados, durante a conferência de imprensa, dois relatórios elaborados pela comissão administrativa. Um deles refere a necessidade de um investimento, por parte do Estado, de 150 mil contos, sendo 70 mil para a compra de matéria-prima, mas prevê, ao mesmo tempo, o despedimento de 300 trabalhadores. O segundo relatório prevê um financiamento que orça os seis mil contos e inclui 500 despedimentos. Os trabalhadores receiam no entanto que a empresa venha a ser totalmente encerrada e responsabilizam o Governo quanto à garantia dos seus postos de trabalho, pelo que reclamaram do Conselho de Ministros e do ministro da Indústria e Tecnologia «a justa resolução dos seus problemas».

Tal solução, conforme foi sugerido, poderá passar por um processo de reestruturação e reconversão numa empresa onde, conforme foi denunciado, não tem sido cumprida a legislação que regulamenta a intervenção do Estado.

É precisamente por falta de um aval estatal que não é adquirida a matéria-prima.

Por outro lado, não poderá o Governo argumentar com o peso dos encargos salariais, já que, ao que foi afirmado, a média de vencimentos dos trabalhadores ronda os 4 mil escudos.

Intervenção estatal pedida na "Fertex"

. Reunidos em plenário, os trabalhadores da fábrica de malhas «Fertex», na estrada exterior da circunvalação, Rio Tinto, decidiram pedir a intervenção estatal na empresa, como forma de ultrapassarem a situação crítica em que se encontram, com perigo para os seus postos de trabalho.

A decisão foi tomada depois de se terem gorado diligências feitas junto da entidade patronal que condiciona o seu regresso à firma a determinado financiamento solicitado à banca.

No plenário, foi eleita uma comissão de trabalhadores composta por elementos dos sectores têxtil, metalúrgico, armazém, electricistas e escritório e que se encarregará de fazer as diligências necessárias para defender o direito ao trabalho aos 430 trabalhadores da empresa. Anteontem, a comissão da «Fertex» transitara, já para os Minstérios das Finanças e da tutela. Foram, então, enviados telex às entidades oficiais relacionadas com o problema, a manifestar a gravidade da situação em que se encontram os trabalhadores, enquanto é aprontado um relatório.

Conforme nos foi afirmado só com a intervenção estatal e mediante um financiamento da ordem dos vinte mil contos será possível recuperar a empresa que tem grande viabilidade económica. «Após a pequena crise surgida depois do 25 de Abril de 1974 nunca tivemos falta de encomendas» — disse-nos um trabalhador, salientando que a fábrica pode aumentar para o dobro os seus postos de trabalho. Sabe-se, aliás, que no sector têxtil as carteiras de encomendas estão cheias e que, inclusivamente, a Fertex, no ano passado, deixou de entregar ao estrangeiro encomendas na ordem dos 20 a 25 mil contos.

Actualmente os trabalhadores estão a dar seguimento a uma encomenda no montante dos 12 mil contos. Entretanto não receberam subsídio de férias nem os salários do mês de Agosto, à excepção dos «quinzenais» a quem foi pago meio mês.

Suspenso na Câmara o horário de 40 horas

. Contrariamente ao que sucedeu no sábado passado, estão hoje em laboração normal os vários serviços da Câmara Municipal de Lisboa, depois de, ontem, a direcção da Comissão Pró-Sindical ter decidido suspender a aplicação do horário semanal de 40 horas. No comunicado que emitiu, aquela direcção explica que «analisou a situação presente no decorrer da reunião geral de trabalhadores e verificou que, em alguns sectores não há unanimidade quanto à forma de aplicação das 40 horas neste momento». A decisão tomada — segundo um elemento da «Pró-Sindical» — «não significa um retrocesso dos trabalhadores em relação à luta que estão a travar nem põe de lado a referida forma de luta já em prática». A suspensão deverá ser ratificada numa reunião a convocar para a próxima semana. Na terça-feira, dia 7, decorrerá entretanto uma reunião de delegados sindicais e comissões de trabalhadores.

POSIÇÃO DO STAL

Da Comissão Coordenadora do STAL (Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local) recebemos um comunicado sobre o conflito na Câmara Municipal de Lisboa. Depois de rejeitar «a posição de estatuto próprio para qualquer órgão de administração local, consagrador de posições de privilégio» a Comissão Coordenadora refere «existir compromisso firmado com o VI Governo Provisório, para uniformização da semana de 40 horas em 5 dias, num prazo de dois anos». Considera o comunicado que «este horário deve abranger a nível nacional todos os portugueses e não apenas alguns sectores».

EM MATOSINHOS

Despacho "antidemocrático" no Instituto de Obras Sociais

. Os trabalhadores ligados aos organismos do Instituto de Obras Sociais do Norte, reunidos num plenário, nas instalações do I. O. S. de Matosinhos, analisaram as consequências de um despacho do secretário de Estado dos Assuntos Sociais que está para sair, e que «ob o pretexto da reestruturação dos I.O.S. visa a destruição de mais uma conquista dos trabalhaodres».

Segundo a convocatória da reunião, tal despacho foi «cozinhado» em Lisboa, nas costas dos trabalhadores e, por isso, foi feito um apelo para a necessidade de ser tomada uma posição firme contra tal medida que «acabará com a gestão democrática dos I. O. S. pelos trabalhadores».

«Considero o despacho em causa uma medida anticonstitucional, já que não foram ouvidas nem a Previdência, nem os sindicatos, nem os organismos de base, nem os pais, entidades estas ligadas directamente às comissões instaladoras dos I.O.S.». — afirmou-nos um membro de uma C. I.

Segundo apurámos, de acordo com o referido despacho, as Comissões Instaladoras serão substituídas por Comissões Coordenadores compostas pela ecónoma, dois pais e um delegado por parte do Estado. As C. I. actuais são constituídas por trabalhadores eleitos em plenários abertos, com representantes dos sindicatos e das estruturas populares. No Norte, existem 29 comissões instaladoras dos I.O.S.

Para a reunião de hoje foram convocados 72 sindicatos e orgãos populares de base.

EM BRAGA

Patrão desiste de "lock-out"

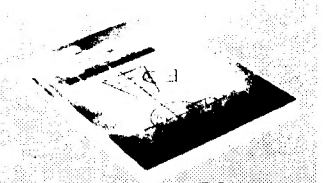
Como resposta à luta desencadeada pelo pessoal, na sequência de um despedimento para que sejam respeitadas, como é de lei, as comissões de trabalhadores, o patrão da Metalúrgica Daniel da Costa Ramboa, em Braga, impediu nos últimos dias os operários de trabalhar. Declarado assim o «lock-out» (proibido pela Constituição) e consumado o encerramento da fábrica, esta foi ocupada pela Polícia na noite de quinta para sexta-feira.

Ontem mesmo decorreram conversações entre o patrão e representantes dos trabalhadores, na delegação do Porto do Ministério do Trabalho. No essencial — ao que apurámos — as reivindicações operárias foram aceites, finalmente, pelo que se prevê que a fábrica reabra na próxima segunda-feira.

De salientar que a firma em questão é considerada das mais importantes do distrito de Braga, assumindo também lugar relevante a nível nacional, pois é a única empresa do País que fabrica um tipo de ligações bimetálicas com aplicação específica nos sectores da electricidade e da electrónica.

CONHEÇA A RÚSSIA
8 DIAS EM PENSÃO COMPLETA
17.970$00
SAÍDA A 19 DE SETEMBRO
★
LISBOA, COPENHAGA, LENINEGRADO, MOSCOVO, COPENHAGA, LISBOA
VM Meliá
Rua Rosa Araújo, 2
Tel: 536971-LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 269 r/c Tel: 310034 - PORTO

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I


150,00
MÉTODO MATEMÁTICO PARA TRAÇAGENS de peças metálicas
ANTÓNIO H.O. CASTANHETA
Editora
EDIÇÕES ARMANSILDE
av. columbano bordalo pinheiro n.º 7-5º-esq.
LISBOA
Distribuidor
LIVRARIA BERTRAND
aceitam-se pedidos por correspondência com portes pagos pelo editor

Estrangeiro

ÁFRICA DO SUL

"Elogio das antigas potências coloniais"

«Apoiaremos vigorosamente a unidade, a independência e a integridade africanas... Há que não fazer voltar para trás o relógio da História... A descriminação racial é uma afronta... Os povos reclamam a liberdade e o progresso económico. Não lhes serão negados...»

Estas palavras parecem terem sido ditadas por algum **leader** de qualquer movimento de libertação. Mas quem as pronunciou foi Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, em 2 de Agosto, na cidade de Boston. Sim: este discurso de Kissinger, para além de marcar uma radical alteração de vocabulário das esferas governamentais dos EUA, em relação a África, mostra que estas apesar de reconhecerem os êxitos do movimento de libertação, o temem e o toleram a custo.

Whasington contemplou com evidente alarme o «súbito colapso do império colonial português», que «originou alterações fundamentais no Sul da África». Whasington teme que «as forças partidárias da moderação na África negra corram o risco de se desacreditarem». Whasington receia que os «movimentos radicais se tornem cada vez mais fortes e que a violência da guerrilha cresça». Whasington, finalmente, amedronta-se com o facto dos «países em desenvolvimento tenham começado a formar blocos para desafiar os países industriais.» Resumindo: Whasington vê o processo de emancipação de África como o desencadear de uma força hostil, incontrolável. Acentuou Kissinger: «Nenhuma outra parte do mundo lança tantos desafios aos propósitos e valores da América como esse vasto e vital continente».

Uma «política» em três pontos

O significado **vital** de África pela óptica do capitalismo norte-americano e Ocidental em geral não necessita de ser demonstrado. E não só porque nos últimos vinte anos triplicaram ali os investimentos norte-americanos e o comércio dos países da Europa Ocidental e do Japão com os países africanos se cifra em 30 000 milhões de dólares por ano. Mas também porque é em África que o Ocidente se provê com matérias-primas, tais como urânio, petróleo, diamantes, etc.

Quem, na verdade, disporá destas riquezas: os países africanos ou as corporações multinacionais que lucram com a barateza da mão-de-obra? Pode-m contar os militaristas ocidentais com África para os seus fins bélicos? Por último: uma questão fundamental — que rumo tomará a evolução social em África? Esta interrogação está colocada na conjuntura capitalista com a máxima acuidade — e os acontecimentos não estão a proporcionar uma resposta inteiramente favorável aos interesses do imperialismo. «Ora a nova política africana dos Estados Unidos exposta por Kissinger em Boston pretende precisamente romper com essa tendência histórica.

Eis em três pontos o «conteúdo» dessa política: «Decidimos exercer a nossa influência a busca de soluções negociadas na África Austral antes que seja tarde demais (1); procuramos novas vias para promover o desenvolvimento e o progresso em África (2); e sustentamos o princípio de que são necessárias soluções africanas para problemas africanos ante o crescente perigo de intervenção estrangeira (3)».

«RECONHECER O INEVITÁVEL»

África Austral: subentende-se como tal a Rodésia, a Namíbia e a República da África do Sul, com a particularidade de que o problema rodesiano é definido como o mais perigoso, porque para Ian Smith «é uma tarefa impossível» derrotar o poderoso movimento de guerrilha que vai «bloqueando» firmemente os racistas rodesianos.

Por isso, em Boston, Ian Smith advertiu as autoridades racistas e ilegais da Rodésia que «devem reconhecer o inevitável» e «negociar ums solução que respeite os seus interesses básicos (os da população branca da Rodésia) antes que seja tarde». Mas o que é certo é que o que preocupa mais o Governo dos Estados Unidos são os seus próprios interesses na região. Daí que os Estados Unidos se proclamem dispostos a «ajudar uma nova Rodésia governada pela maioria na sua transição pacífica para um Zimbabwe independente», ou seja, uma Rodésia para controlar essa «transição» para que no território seja instalado «um poder político pró-imperialista».

No que toca à Mamíbia, ilegalmente ocupada pela República da África do Sul desde o final da I Guerra Mundial, apesar das numerosas decisões da ONU, a atitude dos EUA é mais ambígua. Verbalmente apoiam com energia a autodeterminação e a independência para a Namíbia, mas omitem o essencial, isto é, a retirada das tropas sul-africanas, sem o que a autodeterminação seria um engano. Para que esse engano se atenue, os EUA convidam os movimentos africanos a negociarem com as autoridades racistas sul-africanas «com espírito de conciliação».

É a República da África do Sul, esse «bunker» do racismo que depois dos acontecimentos do Soweto parece cada vez menos sólido?

Pois aos governantes de Pretória recomenda-se-lhes que «prestem atenção aos actuais sinais de advertência. Explicando melhor: o novo programa norte-americano como que prevê uma espécie de modernização do racismo, uma vez que aconselha a supressão das suas modalidades mais-odiosas. Dessa maneira espera poder aplacar o movimento anti-racista em África e ganhar algum tempo de forma a transformar o regime sul-africano num instrumento verdadeiramente eficaz ao serviço de uma política neocolonialista. Por isso Kissinger convidou Pretória a «sair do seu crescente isolamento e dar uma contribuição positiva para a evolução humana no continente.»

Vorster e Kissinger frente a frente. Em discussão o problema do «apartheid» na República sul-africana, bem como a situação da Namíbia. Falar-se-á também, da Rodésia. No próximo fim de semana

«EXTENSOS PROGRAMAS INTERNACIONAIS»

Se prescindirmos das prolixas afirmações dos EUA, segundo as quais se pretende que os africanos vivam melhor, a sua estratégia económica orienta-se neste continente para a criação de um sistema viável para a exploração das riquezas africanas pelo capital monopolista internacional, tendo à cabeça o norte-americano.

Segundo Kissinger, o comércio e os investimentos dos Estados Unidos devem ser «cruciais» para a África. Necessário é, pois, segundo Whasington «extensos programas internacionais» baseados na cooperação de todas as democracias industriais (isto é, países capitalistas desenvolvidos). Washington exorta também as «antigas potências coloniais» a «usar os valiosos laços que conservam com África» para «converter a herança do passado num futuro orgulhoso e positivo».

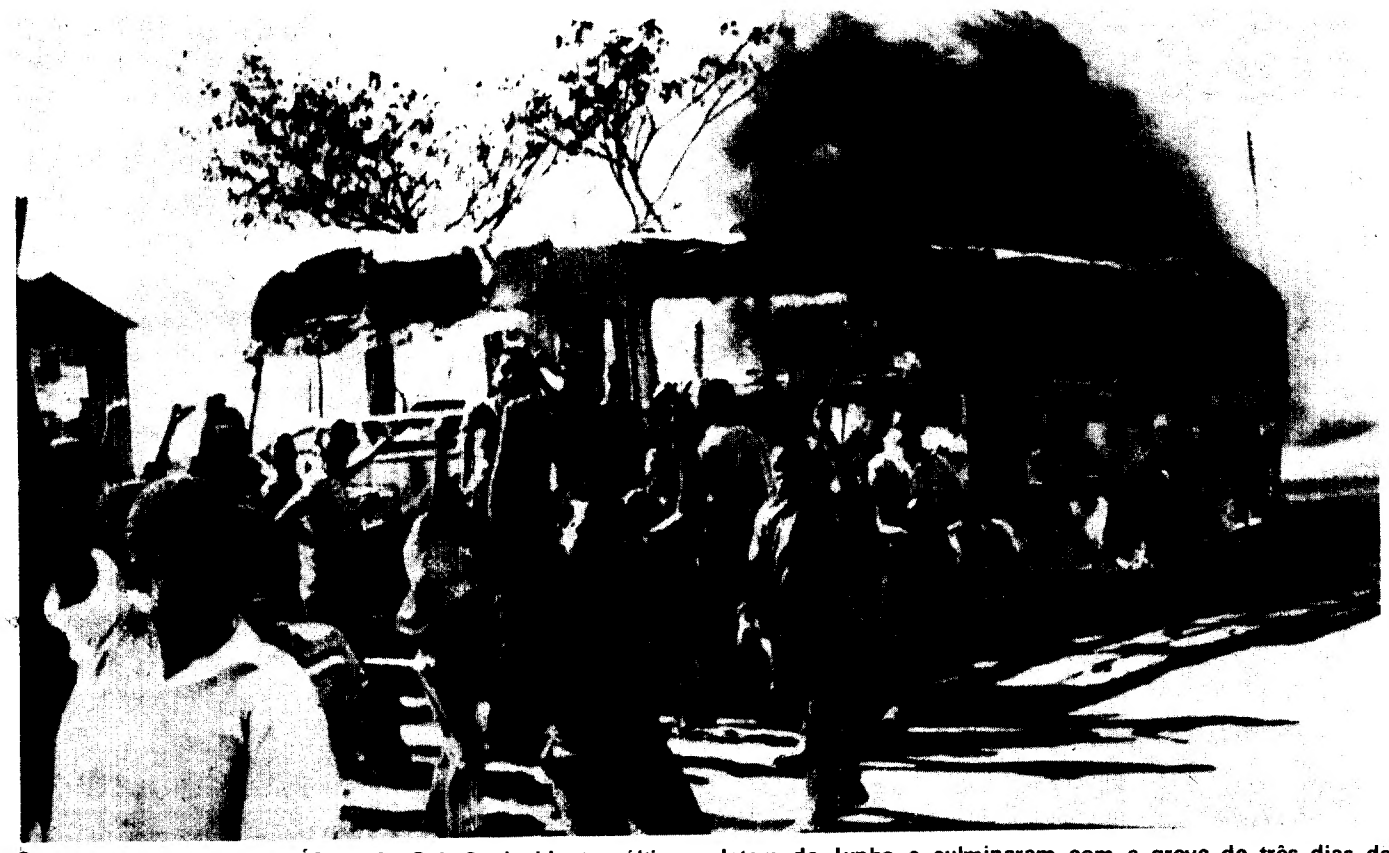
Não é, pois, estranho que tomando como base a herança colonial, o discurso de Boston não refira as reivindicações dos países emergentes, que exigem o reajustamento em bases de justiça entre a África e o Ocidente. Washington contrapõe que «os programas globais de redistribuição de riqueza não resolvem o problema e a confrontação leva à regressão».

O novo plano dos Estados Unidos tende a uma confrontação (ai sim) com as forças libertadoras de África e a contrariar o conjunto dos seus povos. É o que se infere, aliás, da tese «soluções africanas para os problemas africanos», tese esta que nos traz à memória uma outra — «a Ásia para os asiáticos», eixo da «doutrina de Guam», que o Governo dos Estados Unidos **avançou** pouco antes de terminar a guerra do Vietnam.

O seu sentido prático consistia em obrigar os asiáticos a guerrear entre si e em jugular o movimento libertador da Indochina por meio do exército fantoche de Saigão e de outras formações militares treinadas e apetrechadas pelos norte-americanos. Não tiveram tempo os EUA de aplicar ali a sua estratégia. No entanto, os herdeiros e coautores da «doutrina Guam» pensam que noutras regiões e noutras circunstâncias (e com maior margem de tempo) o referido esquema poderia funcionar. É o que acontece presentemente no Líbano...

Mas também em África o imperialismo procura «forças indígenas» que por dinheiro, armas e pastas ministeriais se prontifiquem a proteger os seus interesses como aconteceu em Angola.

E outros incidentes há «suscitados» pelos Estados Unidos. Torna-se claro, pois, que a «nova política africana» persegue velhos objectivos: transformar a África numa forte base de matérias-primas para o Ocidente capitalista e em mercado de venda para os seus produtos, e ainda bloquear o desenvolvimento dos movimentos de libertação dos povos africanos e isolá-los do campo socialista. Mas consegui-lo é mais difícil que nunca... Parafraseando a declaração de Boston, «é impossível fazer voltar para trás o relógio da História»... Há direitos que não se podem fuzilar ou bombardear.



Os negros protestam na África do Sul. Os incidentes últimos datam de Junho e culminaram com a greve de três dias dos trabalhadores do Soweto. Na foto: autocarro incendiado em Joanesburgo

Estrangeiro

O povo sahauri, que era mantido no analfabetismo para mais facilmente ser explorado, apercebeu-se das vantagens do saber ler e escrever: na imagem, uma escola do deserto

SARA OCIDENTAL

A Frente Polisário intensifica ataques armados e acções diplomáticas

No dia 27 de Fevereiro de 1976, logo após a retirada das tropas de ocupação colonial, foi proclamada a independência do Sara Ocidental (mais conhecido como Sara Espanhol) e constituído o primeiro Governo da República Árabe Saraoui Democrática (RASD). Este governo foi já reconhecido por nove países africanos, entre os quais Angola, Moçambique e a Guiné-Bissau.

Tropas marroquinas, a coberto da «Marcha Verdade» (que tanto barulho provocou na Imprensa internacional, foram entrando no território e ocupando as principais cidades, quer na metade Norte que estava destinada a Marrocos, pelo acordo tripartido de Madrid, quer a Sul, onde a Mauritânia, país sem meios técnicos, humanos e económicos, não conseguirá penetrar.

Face a esta nova situação, apenas uma solução de continuidade se notava ao longo dos quase trezentos mil quilómetros de dunas de areia, pedregulhos, arbustros rasteiros e tendas dos pastores nómadas: o povo árabe-africano do Sara Ocidental continuava a sua luta contra as invasões externas. No século XVI foram os portugueses que lá tentaram entrar sem nunca conseguirem fixar-se; depois por ali combateram e morreram ingleses, franceses e espanhóis. À frente do movimento popular que luta de armas na mão encontra-se a única organização política consistente e representativa, reconhecido nos organismos internacionais: F. POLISARIO (Frente Popular de Libertação de Saguiat-el-Hamra e Rio de Oro).

Passados que estão alguns meses, que aconteceu após a proclamação da independência pela Frente Polisário? Qual a situação nos campos de batalha do deserto? Que perspectivas na frente de batalha displomática da RASD?

Pusemos estas questões a dois elementos do Comité de Relações Exteriores da F. Polisário, Bilal Mohamed e Nejeh Ibrahim, que se encontram presentemente em Portugal.

O momento é de intensificação das acções armadas no interior do nosso país, como na rectaguarda dos invasores, isto é, em território marroquino e mauritaniano — disseram-nos. *Esta intensificação dos ataques revela uma particularidade fundamental: é que a F. Polisário retomou a iniciativa, ultrapassadas que foram as dificuldades defensivas, quando da invasão maciça do exército marroquinho e depois de termos conduzido para locais seguros a parte do nosso povo mais exposto aos bombardeamentos e às violências das tropas invasoras. O próprio rei Hassan II de Marrocos já reconheceu as pesadas baixas no seu exército desculpando-se da crise económica pelas perdas humanas e materiais que está a sofrer no nosso país. Inclusive, os soldados reservistas que tinham sido chamados como prevenção já se encontram nas zonas de combate.*

Segundo nos declarara estes dois cidadãos da RASD e militantes da F. Plisario, aindependência foi proclamada em Fevereiro porque, ao retirar-se a potência colonizadora, a Espanha, só ficava o outro elemento considerado pelos organismos internacionais quando se discutiu a descolonização do Sara Ocidental: o povo saharaoui, a quem fora reconhecido o direito à autodeterminação. *A Polisário, como única representante popular, assumiu as responsabilidades da condução da política interna e externa do país constituindo para o efeito um Governo chefiado por Mohamed Lamin Ahmed.*

Guerrilheiros da Frente Polisário, em acção no deserto

Armas para defesa do Sahara Ocidental: a luta da Frente Polisário está a intensificar-se

Deste governo fazem parte ainda Hakim Brahim, ministro dos Negócios Estrangeiros, Homar Hadrami, ministro do Interior e da Justiça, Brahim Mustafh, ministro da Defesa, Mansor Homar, secretário-geral das Comunicações e Transpgrtes e Salex Bobih, secretário de Saúde e Assuntos Sociais. Para além da responsabilidade pelas acções de combate aos centros frotificados onde se acantonam as tropas marroquinas (o que implica abastecimentos em armas, munições, alimentação e outros materiais) e da direcção da vida, em geral, nas longas extensões do território onde não chegam os invasores, este governo tem a grande responsabilidade de garantir as condições de vida dos cerca de 100 mil refugiados que se encontram em território argelino. A população actual do Saguiat-el-Hamra e Rio andar pelas 750.000 pessoas.

de Oro (nome dado ao Sara Ocidental pelos naturais) deve

VEM AÍ A CIMEIRA DA OUA

A nível externo a actividade do governo da RASD é orientada, actualmente, para a preparação da reunião cimeira da OUA marcada exclusivamente para tratar da questão do Sara e onde se espera que África volte a ser posta perante a opção libertação/neocolonialismo tal como quando da discussão da questão angolana. De momento, reconhecem a RASD nove países africanos: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Togo, Benin (antigo Daomé), Ruanda, Burundi e Argéli e outros dão-lhe o seu apoio político e material. O primeiro-ministro Mohamed Lamin Ahmed ainda recentemente visitou o Mali, a Guiné-Conakry, Benin e Togo.

Aliás, o problema vai levantar outro grande problema no seio da OUA e, se esta se mantiver fiel aos seus princípios fundamentais, Marrocos e Mauritânia não deixarão de ser severamente criticados (se algo mais grave não lhes acontecer) e a luta do povo saraoui não poderá deixar de ser apoiada. É que tanto Marrocos como a Mauritânia subscreveram a carta da OUA e a declaração dos não-alinhados, segundo as quais se reconhecem expressamente as fronteiras emergentes da colonização e o direito dos respectivos povos à autodeterminação. Esta disposição foi violada a partir do acordo tripartido de Madrid, assinado por aqueles dois países africanos e pela Espanha. Por este acordo, o Sara seria repartido, a metade Norte para Marrocos e a parte Sul para a Mauritânia. A espanha caberiam 30 por cento dos rendimentos dos fosfatos de Bouccra, direitos de pesca na longa costa atlântica do Sara e uma base naval de protecção às Canárias.

A Espanha acabou por ser ultrapassada em termos que levam hoje grandes faixas da opinião pública, mesmo de direita, a considerar o erro do acordo. Os dois delegados da F. Polisario actualmente em Portugal explicam-nos porquê:

Quanto aos fosfatos, a exploração não pode ser feita pois destruimos a cinta transportadora de Bouccra ao porto de embarque. Destruimos também um barco espanhol quando carregava fosfato e a solução de transporte por camião também não resultou pois os camionistas, ou se passaram para o nosso lado, ou recusam-se a fazer transportes devido aos nossos ataques e ao risco de pisarem minas nos cerca de 100 quilómetros de percursos. Os barcos pesqueiros espanhóis têm sido aprisionados por Marrocos e a base naval também não será instalada enquanto existir a F. Polisario. Se antes combatiamos a ocupação colonialista quando não éramos ainda independentes, por maioria de razões vamos opor-nos à instalação de uma base da antiga potência colonial na RASD independente.

O elo mais fraco desta cadeia Madri-Rabat-Nouakechott é a Mauritânia pois não dispõe de tropas suficientes forçar a resistência da F. Polisario. Foi impedida a Mauritânia de entrar e ainda por cima foram-lhe movidos ataques no interior do seu próprio território com o apoio da população, dos quais o mais espectacular e mais conhecido na Europa foi o ataque à própria capital, que fica a 800 quilómetros ao sul da fronteira (!). Por isso mesmo tropas e material pesado de Marrocos já se encontram no Sul e até no interior da Mauritânia em superioridade numérica. Relativamente aos seus comparsas nesta autêntica «venda» do povo do Sara.

Ao mesmo tempo, Moktar Ould Dadah, presidente da Mauritân a vai perdendo os créditos de progressista que em tempos gozou em África e ficando isolado perante os países que ontem o apoiavam. E os conhecedores das ambições marroquinas começam a ver na prática a tentativa de conquista do império do Grande Magreb, com que sonha Hassan e que se estenderia até ao Rio Senegal. Só que isso não leva em conta a resistência do povo do Sara Ocidental que, pelas amostras recentes, não parece disposto a permitir a fixação das tropas reais marroquinas no seu interior.

O III Congresso escolheu novo secretário-geral

Esteve reunido no interior do território de Saguiat-el-Hamra e Rio de Oro o III Congresso da Frente Polisário que se concluiu com um relatório político que define a táctica e estratégia da Frente para a libertação total da RASD e a expulsão das tropas invasoras. Foi também eleito o novo secretário-geral, tendo a escolha recaído em Mohamed Azzdeine.

O Congresso realizou-se entre os dias 26 e 30 de Agosto, sendo os delegados escolhidos em Congresso de base no interior e nos campos de refugiados do exterior. Assistiram aos trabalhos 40 delegações estrangeiras entre as quais representações da Líbia, Argélia, do Vietname, da Guiné-Bissau, do ANC (Zimbabwe), dos Partidos Comunistas da França, Espanha e Itália, uma delegação de determinada força política marroquina e outros representantes africanos.

O secretário-geral agora eleito sucede a El Ouali, morto em combate em território mauritaniano. Interinamente as funções de chefia da F. Polisário tinham sido asseguradas por Mahfud Ali Beibh.

Estrangeiro

QUINTO ANIVERSÁRIO DO ACORDO DE BERLIM

A luta da R.D.A. pelo reconhecimento internacional da sua soberania

Passaram ontem cinco anos sobre a assinatura do acordo quadripartido que regula o actual estatuto de Berlim ocidental (3 de Setembro de 1971), culminando as tentativas de desanuviamento das relações entre os dois Estados alemães, iniciadas em Março de 1970 e prosseguidas em Maio do mesmo ano, com os encontros de Erfurt e Kassel entre o chanceler Willy Brandt e o primeiro-ministro Willy Stoph.

Esses encontros representaram o reconhecimento **de facto** da RDA pela RFA e constituiram o ponto de partida para a liquidação de algumas das mais graves alíneas do contencioso existente entre as duas Alemanhas.

Até ao acordo sobre Berlim, consolidado meses depois pela assinatura do tratado sobre os problemas de trânsito entre a RFA e Berlim ocidental, celebrado por ambos os governos, as relações dos dois Estados conheceram inúmeras crises, das quais as mais agudas terão sido desencadeadas em Abril de 1954, quando o Bundestag da RFA, a requerimento de Adenauer, declarou que nunca reconheceria o regime da República Democrática Alemã, e em Agosto de 1961, quando o governo da RDA, na sequência de uma série de incidentes, decidiu fechar as suas fronteiras com a RFA.

A 21 de Dzembro de 1972, o tratado sobre o fundamento das relações entre a RDA e a RFA prevê «relações normais de boa vizinhança, baseadas na iguldade de direitos». Nesse ano, a República Democrática Alemã quadruplica o produto nacional, em relação a 1949, data da sua fundação, e a produção industrial do país atinge o índice 537. O desenvolvimento económico e social da RDA transforma-a na quinta potência industrial da Europa, com uma renda média por habitante amplamente superior à da maioria dos países capitalistas. Graças às realizações do seu povo, na vanguarda económica e cultural do mundo, a Alemanha socialista, que nunca fez a mínima reivindicação de **territórios ou pretendeu fazer valer os seus direitos contra os outros povos, consegue ver reconhecido o seu «statu quo» territorial.**

Nesta rua de Berlim fica situado um dos postos da fronteira entre a zona ocidental e oriental da antiga capital do Reich.

No nosso País, onde o conhecimento dos elementos clarificadores da evolução política mundial são escassos, quando não tardíos ou parciais, proporcionando a redução de quase todas as questões importantes a uma sucessão monótona de lugares comuns, achamos de utilidade o conjunto de referência que a seguir, numa resenha sucinta, passamos a divulgar, sobre a dura luta que o jovem Estado travou pela afirmação internacional da sua soberania.

1945 — Rendição nazi em todas as frentes. A Alemanha sem Estado e sem Governo. Realiza-se a Conferência de Potsdam, na qual participam os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a URSS. Acordos fundamentais: desarme e desmilitarização da Alemanha; desnazificação; liquidação da indústria de guerra; liberdade de Imprensa e eleições livres em todos os antigos territórios nazis. A Alemanha é dividida em quatro zonas de ocupação: Zona Oriental, sob controlo soviético (107.181 km2 e 17.313.000 habitantes); Zona do Noroeste, sob controlo britânico (97.699 km2 e 22.300.000 habitantes); Zona do Sudoeste, sob controlo francês (42.713 km2 e 5.940.000 habitantes); Zona Norte-Americana (107.459 km2 e 17.175.000 habitantes). Cada zona passa a ser governada por um comandante militar. Berlim, situada na Zona Oriental, a 176 km da fronteira russo-aliada, fica igualmente dividida em quatro sectores, sob administração soviética.

É autorizada a existência de quatro partidos políticos: Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD); Partido Comunista da Alemanha (KPD); União Democrática Cristã (CDU) com a sua filial União Social-Cristã da Baviera (CSU); Partido Liberal-Democrata da Alemanha (FDP).

Começa a reforma agrária na zona oriental. São expropriados 11.600 latifundiários (dos quais 4142 criminosos de guerra). Na Zona Ocidental, os representantes eleitos pelo povo alemão também promulgam leis de reforma agrária e de expropriação das fábricas do capital monopolista, declaradas propriedade comum. Mas essas leis não foram aplicadas. Uma ordem militar dos exércitos de ocupação aliados proibiu a sua entrada em vigor.

1946 — No sector soviético: eleições municipais; intensas campanhas de desnazificação; desmilitarização e desarme, com a supressão de todas as organizações militares e paramilitares.

Nos sectores ocidentais: também há eleições e regista-se o aparecimento de outros partidos políticos: Partido Alemão, Bloco de Todos os Alemães, Partido Bávaro, Partido do Reich, etc. Em importantes cidades e zonas dos sectores aliados verificam-se tentativas de unidade, para uma acção comum democrática, entre comunistas e social-democratas, mas as autoridades de ocupação proíbem a formação do Partido Socialista Unificado.

No sector soviético: fusão da Social-Democracia e do Partido Comunista, que formam o Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED) sob a presidência de Wilhelm Pieck (comunista) e Otto Grotewohl (socialista). A social-democracia das zonas ocidentais desaprovou essa fusão.

O Palácio de Cicilienhot, mundialmente famoso por ter sido o cenário da histórica conferência de Potsdam.

Resultados das eleições: nos sectores inglês e americano vencem os democratas-cristãos; no sector soviético, o SED obtém 47 por cento dos sufrágios, o CDU 24,5 e o LPD 24,6.

1948 — A URSS, que preconiza a autonomia e a unificação de todos os territórios alemães, discordando da tutela política exercida pelas autoridades de ocupação nos sectores ocidentais, retira o seu representante da Comissão de Controlo e bloqueia os acessos a Berlim.

No sector soviético, realiza-se o Congresso Popular Alemão com a participação de 512 delegados das zonas ocidentais. O Congresso decide levar a cabo em todas as zonas um plebiscito sobre a unidade da Alemanha. O governo militar americano proíbe esta campanha e o britânico boicota-a. Contudo, catorze milhões setecentos e setenta e seis mil alemães (quarenta por cento da população com direito a voto) pronunciam-se, com a sua assinatura, a favor de um plebiscito sobre a unificação da Alemanha.

1949 — A Alemanha fica dividida em dois sectores: o Oriental ou soviético e o Ocidental (britânico-fracês-americano). Na zona oriental, forma-se a RDA; a administração militar soviética transfere todos os seus poderes para o novo Governo. Zona Ocidental, é aprovada a «Lei Básica para a República Federal Alemã», mas embora cessem os governos militares, prolonga-se em muitos aspectos a presença das três potências ocupantes.

A 4 de Abril, criação da NATO.

Em 7 de Dezembro, Manifesto da Fundação da RDA, que proclama a Alemanha unida política e economicamente, o desaparecimento do Estatuto Ocidental de Ocupação e da RFA, o Governo Pangermânico, a moeda única, Berlim como capital da Alemanha, o fim da política de desmantelamento nacional, a abolição do Estatuto Internacional do Ruhr e da autonomia do Sarre, a rejeição da União Europeia, da NATO, do imperialismo e dos cisionistas alemães.

1950 — A Constituição da RDA caracteriza-se pelo seu radicalismo social, garantindo os direitos sindicais, de reunião, de greve, de associação, de manifestação pacífica, de expressão, etc. No Parlamento ou Assembleia Popular estão representados cinco partidos, entre os quais a União Cristã-Democrata, e 3 organizações de massas (das mulheres democratas, da juventude e da confederação sindical).

1951 — A Câmara Popular da RDA propõe à RFA a abertura de conversações para a unificação de toda a Alemanha na base de eleições livres. A proposta é rejeitada.

A 31 de Janeiro, o comissário norte-americano concede a amnistia a vários criminosos de guerra, entre os quais Krupp.

1954 — A URSS, que argumenta não entender lá muito bem para que é que serve aquela coligação militar, solicita (31 de Março) a sua admissão na NATO. Não é admitida (7 de Junho).

1955 — Os países socialistas da Europa formam o bloco militar do Pacto de Varsóvia.

1956 — É vribido o Partido Comunista Alemão na RFA.

1957 — Um comunicado do Comité Central do SED menciona pela primeira vez a existência de dois Estados alemães. Alteração de rumo político: consolidação da RDA.

1959 — No Congresso de Bad-Godesberg, a social-democracia da RFA abandona o princípio da luta de classes e transforma-se em «Partido do Povo».

A URSS propõe um tratado de paz aos dois Estados alemães. É rejeitado pela RFA.

1965 — A URSS propõe o ingresso da RDA na ONU. É rejeitado.

1973 — 71 países reconhecem diplomaticamente a RDA.

A RFA e a RDA ingressam nas Nações Unidas.

PERU

Chantagem sobre mina de ferro dá bons resultados aos E.U.A.

LIMA — (IPS-DL) — O chanceler Jose de la Puente Rabdill anunciou que nos primeiros dias de Setembro seriam retomadas as conversações entre os governos do Peru e dos Estados Unidos sobre a expropriação das jazidas de ferro da Marconda Minning. Ao mesmo tempo, desmentiu versões que os jornais publicaram no exterior nas quais se assegurava que o Peru havia aceite pagar 300 milhões de dólares como indemnização à empresa: «Equivocaram-se. Em todas as negociações ambas as partes falam em dinheiro, mas neste caso, nenhuma delas tem nada a ver com 300 milhões de dólares».

As jazidas de ferro da Marcona Minning, localizadas na costa sul do Peru produziam 10 milhões de toneladas por ano, sob a exploração de uma empresa subsidiária da Utah Minning Company. Esta empresa, a Marconda Minning, criou outras duas para desdobrar as operações: uma delas, dedicada ao transporte do mineral, outra à comercialização. Estava assim em funcionamento mais um dos procedimentos para escamotear os seus lucros reais e diminuir os impostos, mediante a sobre-facturação de serviços. A maior parte da exportação estava destinada ao Japão, Itália, Bélgica, Holanda, Estados Unidos e outros.

A expropriação foi decidida em Agosto do ano passado. Recorda-se que o presidente Velasco Alvarado escolheu o momento menos propício para uma decisão desta natureza, que foi tomada durante a depressão do mercado mundial de ferro provocado por uma crise recessiva muito aguda nos países industrializados.

Desde a expropriação, o Peru encontrou dificuldades para vender a sua produção de ferro. Os esforços para ganhar novos mercados não foram suficientes para superar os efeitos da retracção dos compradores habituais que sugeriam, muito «diplomaticamente», que primeiro deveria ser estudado o diferendo com a Utah Minning...

Pressionado pelo retraimento do mercado, que obriga as jazidas de Marconda a trabalhar em jornadas reduzidas e priva o país dos dólares que a urgência requer, assim como pela participação diplomática do governo norte-americano, que actua em representação dos interesses da multinacional, o governo peruano vai para o próximo «round» das negociações, nos primeiros dias deste mês, «possivelmente a etapa final», como diz o chanceler De La Puente.

Estados Unidos "preocupados" com o nazismo na Argentina

WASHINGTON, — (IPS-«DL») — O Departamento de Estado revelou durante o passado fim-de-semana que havia transmitido à Junta militar da Argentina a «preocupação» dos Estados Unidos pelo crescimento da violência e pelo desaparecimento de 30 refugiados políticos uruguaios neste país. A revelação está contida numa carta do encarregado das relações do poder executivo com o Congresso norte-americano, Robert McCloskey, em resposta a uma carta do deputado Edward Koch, que na Câmara Baixa disse que se havia desencadeado na Argentina «um obsessivo anticlericalismo e anti-semitismo por fanáticos direitistas que assassinam sarcedotes católicos e aterrorizam aqueles que simplesmente seguem uma política democrática». O mesmo deputado disse ainda que a Junta militar aprova tacticamente estas actividades: «A Argentina está quase afundada numa guerra civil. Muitas pessoas inocentes caem entre o fogo cruzado da guerrilha da esquerda e os contraterroristas auspiciados pelo governo». Koch assegurou ainda que na Argentina florescem as publicações nazis. O «Mein Kampf» é distribuido profusamente bem como manuais do nazismo e folhetos anti-semitas como «O Protocolo dos Sábios do Sião». As revistas direitistas caracterizam Hitler como «o salvador do Ocidente».

Na sua carta, Robert McCloskey disse que «a violência na Argentina é produzida por terroristas de direita e de esquerda. Temos discutido a nossa preocupação sobre o índice de aumento da violência e algumas das suas trágicas consequências como altos funcionários argentinos em Washington e Buneso Aires».

Na carta de McKloskey e nos protestos de Koch não se contam alguns factos como, por exemplo, a tomada do poder pelo general Jorge Rafel Videla com o apoio dos Estados Unidos, os créditos constantemente fornecidos por organismos internacionais nos quais os norte-americanos têm influência e poder de decisão e a assistência, a todos os níveis, dada pelos Estados Unidos aos militares e aos aparelhos repressivos da nova dita dura latino-americana. Recorda-se que, há tempos, os Estados Unidos também demonstraram «preocupação» com o que se passava no Chile de Pinochet, o que não foi o suficiente para que o terror dos generais chilenos cessasse e — ainda pior — não impediu que fosse agora copiado na Argentina.

Estrangeiro

Reunião em Madrid

"Gabinete sombra" da oposição espanhola

MADRID, 4 (R) — Os principais partidos da oposição em Espanha reúne-se hoje em sessão para escolher o que será virtualmente um «gabinete sombra» cuja tarefa será pedir ao Governo para reformar a ditadura imposta pelo falecido generalíssimo Franco.

Círculos oposicionistas disseram que a Coordenação Democrática, uma aliança independente de partidos incluindo comunistas e democratas-cristãos da esquerda, nomearia uma comissão na sessão de hoje.

Notaram que a comissão, que actuaria como um «gabinete sombra» proporia medidas para pressionar o Governo a acelerar reformas democráticas.

Salientaram também esperarem a formação da comissão que actuaria para se opor a grupos direitistas que estão a exercer pressão sobre o Governo para não se apressar no capítulo de reformas.

Têm circulado notícias de que a sessão de hoje poderia nomear um «governo provisório», mas obervadores rejeitaram tal hipótese.

Representantes na reunião incluirão também alguns de grupos regionais da Catalunha, Valência, Galiza, ilhas Canárias e Maiorca.

No entanto, certos grupos católicos afirmaram que não assistirão à sessão, preferindo negociar directamente com o Governo sobre autonomia para a Catalunha.

Espera-se que a reunião aprove um documento que definirá as condições da Coordenação Democrática para negociar com o Governo.

A oposição pretende ser consultada na redacção de uma nova lei eleitoral para a consulta às urnas que se realizará antes de 30 de Junho de 1977.

Insiste que o Partido Comunista, proibido no país, deveria participar. Contudo, o Governo afirmou que manterá a proibição imposta aos comunistas, pelo menos até depois do parlamento votar sobre a lei.

Marcelino Camacho prevê um "Outono quente"

MADRID, 4 (R.) — O dirigente sindical comunista Marcelino Camacho, lançou uma advertência ontem, à noite quanto à agitação generalizada entre a classe trabalhadora, este Outono, e afirmou que a situaçãopolítica, económica e social em Espanha era extremamente delicada.

Camacho declarou numa conferência de Imprensa que o endurecimento da atitude do Governo para com a oposição constituia «um beco sem saida que tornará impossivel um diálogo construtivo».

Notícias recentes têm sugerido que o Governo poderia fixar um prazo limite para todos os partidos políticos se legalizarem e proibir congressos de partidos da oposição se não requererem o reconhecimento oficial.

«Não são os trabalhadores que estão a planear um Outono quente. Estão-no a preparar para nós» — notou Camacho.

«Nós, a classe trabalhadora, não queremos criar o caos económico, mas não suportaremos o fardo dos erros do passado e das dificuldades do presente».

Camacho, presidente das «comissões operárias», os sindicatos ilegais dirigidos pelos comunistas, acrescentou que representantes dessas comissões seriam recebidos em breve em audiência pelo ministro encarregado das questões sindicais, Enrique de la Mata.

O ministro encontrou-se já com representantes da União Sindicalista dos Operários da Esquerda (USO), e com a União Geral dos Trabalhadores (UGT), socialista.

Tanto a UGT como a USO juntamente com as «comissões operárias», são proibidas por uma lei franquista obrigando todos os trabalhadores e patrões a pertencerem a sindicatos patrocinados pelo Governo.

Aguardam-se, porém, alterações na lei, de forma a permitirem sindicatos livres.

Notável reforço da unidade da oposição democrática

MADRID, 4 (Pelo correspondente do «DL») — Uma intensa actividade política precedeu, durante os últimos dias, a reunião conjunta que hoje celebram em Madrid os delegados de quase todas as forças da Oposição Democrática existentes a diversos níveis dentro do Estado espanhol. «Uma extraordinária expectativa domina os meios políticos em véspera da reunião magna» — apontava ontem a Imprensa de Madrid, sublinhando a importância deste encontro sem precedentes: trata-se de unir esforços para conseguir que toda a oposição democrática espanhola tenha uma voz comum e representativa na hora de negociar com o poder em transição para a democracia.

De todas as forças que participam em qualidade de autocovocantes à reunião, a que maior importância reveste é, sem dúvida, a da Coordenação Democrática. Trata-se de uma ampla frente de centro-esquerda que resultou da fusão dos dois organismos unitários mas restringidos e que se propôs superar as limitações do reformismo neofranquista construindo uma alternativa de «ruptura democrática» ou abertura de um processo constituinte com todas as garantias correspondentes.

A Coordenação Democrática teve de enfrentar ultimamente alguns perigos que puseram à prova a sua unidade interna. Neste sentido, os observadores consideram que a realização do encontro de hoje marca um notável reforço da unidade da oposição em torno da alternativa de «ruptura democrática» e coroa os esforços desenvolvidos com esta finalidade pelos membros mais consequentes da Coordenação Democrática.

Os interlocutores da Coordenação Democrática na «cimeira» de Madrid são os delegados de outras seis plataformas unitárias, cuja característica é a de estarem articuladas exclusivamente a nível das distintas nacionalidades que compõem o Estado multinacional espanhol.

Da Galiza vieram dois organismos unitários que não puderam chegar a uma plataforma comum. Por um lado, o Conselho das Forças Políticas Galegas, integrado por cinco partidos, defende a formação de governos provisórios tanto a nível de Estado como a nível das nacionalidades como ponto de partida para o processo constituinte. Por outro lado, a Tábua Democrática da Galiza, formada recentemente por nove forças políticas e sindicais, reilamam para a Galiza o estabelecimento do Estatuto de Autonomia de 1936.

A complexa situação política reinante em Euzkadi (País Basco) onde a radicalização das lutas políticas produziu a atomização da Oposição em quatro grandes frentes diferentes, está na origem da impossibilidade de assistir à reunião de Madrid qualquer delegação unitária. Daí que os participantes bascos sejam, unicamente representantes dos seus próprios partidos denominados de «espanholistas» pelas tendências mais recalcitrantes do nacionalismo local.

Em contrapartida, as divergências na Catalunha encontraram já os fundamentos para a sua resolução com a existência de duas plataformas unitárias. De um lado, existe a Assembleia da Catalunha, verdadeiro colectivo de todas as forças vivas do país catalão, que está presente com 13 delegados. Na décima nona sessão da sua comissão permanente, integrada por 116 delegações, aprovou a sua participação na cimeira de Madrid e reconciliou-se com o seu vizinho valenciano ao aceitar a necessidade de um Governo autónomo do país valenciano «desde o momento exacto da ruptura democrática».

Do outro lado, encontra-se o segundo organismo da oposição catalã no Conselho das Forças Políticas da Catalunha, cujos 12 membros empataram na reunião para decidir sobre o convite da Coordenação Democrática. Acabariam por prevalecer as tendências abstencionistas mantidas por seis grupos vinculados à banca catalã, que parecem abandonar toda a ideia de ruptura e preferem negociar as suas reivindicações directamente com o governo actual. Contudo, tanto a «a assembleia como o Conselho coincidem na defesa da autonomia governamental para a Catalunha. Em Valência deu-se um passo importante com a unificação de toda a oposição democrática no seio da Taula das forças políticas e sindicais do país de Valência que formaram 16 partidos e sindicatos com o objectivo de lutar por um estatuto de autonomia para Valência semelhante à Catalunha.

Também assistem à cimeira a Assembleia Democrática de Maiorca, constituída por 12 organizações como embrião de uma futura Assembleia Democrática das Ilhas Baleares e a Coordenadora de Forças Democráticas das Canárias, com quatro representantes.

À última da hora, e face às sugestões feitas por determinados partidos políticos não integrados ainda na Coordenação Democrática — entre os quais presumivelmente se encontram a Federação de Partidos Socialistas (F. P. S.) e a Federação Democrática Popular (F. D. P.) — a Comissão Executiva da Coordenação Democrática decidiu convidar igualmente, além dos nomeados, mas sem direito a voz e a voto, todos os partidos democráticos que desejem assistir à reunião.

França: situação "preocupante"

PARIS, 4 (R) — O primeiro-ministro francês, Raymond Barre, entrevistado ontem pela Televisão, declarou que «embora se não deva dramatizar a situação» económica da França, «ela é preocupante».

Por outro lado, manifestou-se contrário à concessão de um crédito governamental aos agricultores afectados pela severa estiagem deste ano, pois tal medida resultaria prejudicial para a economia francesa a longo prazo. «Seria uma forma subtil de egoísmo. Por isso, decidimos recorrer aos impostos — uma contribuição para as calamidades — a fim de ajudar os agricultores» — acrescentou.

A Viking-2 em Marte mas há problemas

PASADENA (CALIFORNIA), 4 — (ANOP) — Desceu nas dunas da Utopia em Marte a sonda norte-americana Viking-2, mas problemas no sistema de comunicações surgidos pouco depois do início da descida impedem que a nave forneça de momento pormenores para a Terra.

No centro de controlo em Pasadena os cientistas receberam um fraco sinal emitido pela Viking-2, o que foi interpretado como significativo de uma boa descida.

Todavia, os cientistas revelaram que os problemas de comunicações impediram que fossem transmitidas para a Terra as fotografias tiradas depois da nave pousar na superficie marciana.

Ao que parece, serão necessárias várias horas ou mesmo um dia para que sejam recebidas na Terra informações completas sobre o estado da Viking-2 depois de ter pousado em Marte.

Os problemas das comunicações envolvem apenas o módulo que ficou em órbitra marciana e que serve de transmissor entre a Terra e a nave.

O director do projecto, James Martin, declarou que os problemas das comunicações, ao que parece, surgiram quando o módulo orbital perdeu por qualquer motivo a sua orientação desviando a sua antena principal da Terra. Isto significa que só uma pequena antena está a transmitir à razão de 8, 33 dados de informação por segundo quando a velocidade normal de transmissão seria de 10 000 dados por segundo.

SATÉLITE SOVIÉTICO

MOSCOVO, 4 (ANOP) — A União Soviética lançou ontem mais um satélite artifical a fim de prosseguir a exploração do espaço exterior.

De acordo com a agência Tass, o Cosmos-854 foi colocado numa órbitra com um apogeu de 337 quilómetros e um perigeu de 177 quilómetros.

Possível união federal sírio-jordano-libanesa

BEIRUTE, 4 (ANOP, FP e R) — A Voz do Líbano (falangista) anunciava no sábado que se esperavam nos meios políticos libaneses «numerosas surpresas» logo após a investidura do presidente Elias Sarkis no dia 23 de Setembro.

Segundo aquela rádio terá lugar em Damasco no dia 27 uma cimeira, entre o rei Hussein da Jordânia, o presidente Hafe-Assad, da Síria, e o presidente Sarkis. Esta cimeira levaria a «proclamação de uma união federal entre a Jordânia, a Síria e o Líbano».

A rádio falangista afirma ainda que a maior parte dos deputados libaneses já deram o seu acordo a este projecto.

Segundo o jornal «Al Safir», da esquerda, esta notícia seria um «balão de ensaio» da Síria destinado a sondar as reacções das diversas partes em conflito no Líbano. O projecto de união federal sírio-jordano-libanesa corresponde á estratégia geral dos dirigentes de Damasco —, diz o jornal.

Entretanto, a Síria começou a convocar os dirigentes libaneses para Damasco, enquanto a luta em Beirute e nas montanhas é intensificada e os palestinianos acusam os sírios de planearem uma nova investida militar no Sul.

Por outro lado, o jornal egípcio «Al Ahram» diz que Hafez Assad comunicou á Organização de Libertação da Palestina (OLP) que o seu presidente, Yasser Arafat, se tinha tornado «uma pessoa indesejável» na Síria.

Hoje, no Cairo, ministros árabes dos negócios estrangeiros e altos funcionários avistam-se para tentar novamente organizar uma cimeira árabe sobre a guerra civil libanesa, que dura há 17 meses.

Essa iniciativa acha-se porém, agora ameaçada por uma disputa azeda entre o Egipto e a Síria.

Caleidoscópio

HAIA, 4 (R.) — O escândalo dos subornos Lockeed na Holanda, que já fez o príncipe Bernardo cair em desgraça, ganhou novas dimensões com a revelação de que o marido da rainha Juliana apoiara fortemente outra companhia de aviação norte-americana na sua campanha para obter «o negócio de armas do século».

NICOSIA, 4 (ANOP) — Realizam-se amanhã eleições parlamentares em Chipre em que os observadores políticos prevêem uma fácil vitória para a coligação de moderados, comunistas e socialistas, que apoia o presidente Makários.

FRESNO (Califórnia), 4 (F.P.) — Quatro jornalistas da «Fresno Bee» começaram a cumprir o seu primeiro dia de prisão por tempo «indeterminado» porque se recusaram a revelar à justiça as suas fontes de informação.

MOSCOVO, 4 (R.) — Dirigentes soviéticos sugeriram ontem que o seu país poderia produzir em 1976 trigo suficiente para o seu consumo — mas disseram que havia escassez de carne e de outros produtos animais em muitas partes do país.

Os dirigentes soviéticos previram uma boa colheira de cereais apesar de condições meteorológicas difíceis em muitas áreas.

ALHANDRA

MARIA RITA FALCÃO

FALECIMENTO (20-8-76)

Seus filhos, netos e mais família agradecem respeitosamente todas as manifestações de pesar que receberam pelo falecimento de sua querida mãe, avó e camarada.

1 SEMANA EM LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS em avião especial TAP;

SÉRIE «A»	Domingos
Agosto	1, 8, 15, 22, 29
Setembro	5, 12, 19, 26
Outubro	3, 10, 17, 24, 31
SÉRIE «B»	**4as feiras**
Agosto	4, 11, 18, 25
Setembro	1, 8, 15, 22, 29
SÉRIE «C»	**2as feiras**
Agosto	2, 9, 16, 23

Preços excepcionais desde * 3.850$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação. "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas de abreu!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FESTIVAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Pasolini a abrir

Com alguma desorganização, bastante expectativa e uma imensa afluência de público, começou na Figueira da Foz o V Festival Internacional de Cinema.

Abrindo com o derradeiro Pasolini, «Salo ou os 120 dias de Sodoma», o festival abriu polémico e abriu corajoso. Honra lhe seja por não ceder ao muito medo que este filme tem levantado em todo o mundo.

Muito medo parece causar também a certas forças políticas a realização deste Festival, a sua implantação, o seu prestígio. É pelo menos o que se pode deduzir de um manifesto elaborado pelos cineclubes da Figueira da Foz e Universitário de Lisboa, afectos, como se sabe, ao MRPP. Chamando a esta manifestação «o maior desfile de uma cultura que agrada a (...) imperialistas e social-imperialistas» e apelidando os filmes a passar (curiosamente antes de os ver) de «pequeno-burgueses, individualistas, niilistas, aristocráticos, decadentes, pessimistas, enfim totalmente antiproletários e antipopulares», quer dizer, usando o chavão e a verborreia como forma de ocultar a impotência, este manifesto parece puxar da pistola perante a cultura o que não é nem inédito nem muito menos progressista.

É claro que há críticas, quiçá bastante fortes a fazer a este Festival. Ao longo dos dias, delas iremos dando conta, parecendo desde já o grande senão a realçar ser a debilidade estrutural de uma organização que só dificilmente abarca um certame com a envergadura que este já atingiu.

Como porém um Festival são filmes, convém deles falar desde já. E à cabeça, claro, falar da película de Pasolini, cuja afluência de público foi tal que obrigou (literalmente) a uma segunda exibição, coisa inédita nas cinco edições deste Festival.

Filme inominável, impossível de guardar ou possuir, «Saló ou os 120 dias de Sodoma» é uma obra visceral, cortante e fria em pleno reino das trevas. Dir-se-ia que um vómito extremo sobre a burguesia ou um ódio infinito e definitivo a essa classe inspirou Pasolini. E se dizer, como Bénard da Costa no texto do programa, que nada mais restava (depois) ao realizador senão morrer, pode parecer um pouco abusivo, o certo é que ninguém resiste ao espectro impossível deste pesadelo, deste poder que não é do domínio do imaginário mas do quotidiano, desta anarquia que faz dos corpos, das almas, das paixões e da própria merda de cada um (como alguém notou durante o debate) objectos consumíveis na fogueira da lei.

Para além disso, para além do iniludível choque, este filme é um filme discutível, sobretudo através da ambiguidade do olhar que, sobrepondo-se à vida e à morte, ao bem e ao mal, permanecendo amoral (como aliás em quase toda a obra de Pasolini que conhecemos), quer dizer. de fora, distante (poder-se-á utilizar a palavra **objectivo?**) marca indelevelmente um dilema, tão perigoso quanto fascinante: entre o horror e a atracção, o olhar da vítima e do algoz, incapaz de solidariedade porque todos são passíveis de «culpa». No fundo as duas caras de uma certa tentação fascista.

Depois do grande sucesso de Salo...», um pequeno filme ignorado, numa sessão da manhã: «Quando Setembro chega» do soviético Edmond Keoçaian, melodrama breve e assaz conservador, salvo por um actor memorável que consegue manter um interesse mediano por um entrecho mais que desinteressante. Da URSS aguarda-se com alguma expectativa, no momento em que escrevemos, o filme de Kurosawa, «Derzu Usala», tal como a delegação que será chefiada pelo célebre crítico Rostilav Yousenev e que debaterá com o público as películas do seu país.

Outras personalidades são entretanto aguardadas na Figueira. Contamos publicar alguns elementos de reportagem com os que forem chegando, por estes dias.

Salo ou os 120 dias de Sodoma»,

de Pier Paolo Pasolini, o último filme do realizador

EM SETEMBRO

Música e teatro no Algarve

Espectáculos musicais e teatrais, exposições e divertimentos vários foram programados para o mês de Setembro, em todo o Algarve de modo a animar a baixa estação turística que está a começar.

A organização deste Calendário de Animação Turística e Cultural é do Secretariado para a Animação do Algarve em que estão representados Direcção Geral do Turismo, Direcção Geral da Acção Cultural, Comissão Regional de Turismo do Algarve, C. A. E. T. A. (Comissão Administrativa para as Empresas Turísticas do Algarve), Lusotur, TAP, Fábrica Imperial de Cervejas, Câmaras Municipais de Faro, Silves, Tavira, Portimão, Lagos e Olhão, Casinos do Algarve, Casas do Povo de Alte e Monchique, Santa Casa da Misericórdia de Vila do Bispo, diversas colectividades de cultura e recreio e ainda o Racal Clube.

Os principais acontecimentos artísticos e culturais previstos para o mês de Setembro são: Castelo de Silves e Tavira — espectáculos musicais e de teatro e lançamento nacional dos Jogos Florais Populares do Algarve de 1976, dias 3,4 e 5.

Exposição de pintura de Bernardo Marques, inaugurada na sua terra natal, Silves, dia 4, seguindo posteriormente para Faro. Exposição de gravuras do património nacional, em Portimão (inaugurada dia 7) e em Lagos (inaugurada dia 26); Semana de Teatro, com o Teatro Experimental do Porto, com espectáculos em Faro, Portimão, Vila Real de Santo António, Tavira, Lagos e Monchique, dia 13 a 19; Teatro Infantil em várias localidades; Festival da Marina, em Vilamoura, com cerveja, petiscos, folclore e bandas de música, de 17 a 26; Recitais de Música pelos Segreis, na Sé Catedral de Faro e na Igreja de Santo António em Lagos, respectivamente a 25 e 26; Noite de Fado e pavilhão na feira anual de Olhão no dia 27.

TRÁS-OS-MONTES

13.ª SEMANA

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no Cinema Satélite de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19.00 h.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Geral de Acção Cultural.

RECTIFICAÇÃO

...Foram publicados no nosso jornal do dia 21 de Julho de 1976, na página 10, os estatutos do «Marítimo Atlético de Lisboa», nos quais, no artigo 9.º não foi mencionado o parágrafo 1.º. Pedimos desculpa do lapso aos nossos leitores, e passamos a publicar o respectivo artigo 9.º na integra:

CAPÍTULO V

PENALIDADES

Artigo 9.º

As penalidades que podem ser impostas aos sócios são as seguintes:

a) Repreensão;
b) Suspensão;
c) Eliminação;
d) Expulsão.

Parágrafo 1.º Incorrem na pena de repreensão os sócios que tomarem atitudes menos correctas nas instalações da associação.

Parágrafo 2.º Incorrem na pena de suspensão os sócios que moverem ou tomarem parte em conflitos pessoais dentro das instalações ou por outra qualquer maneira concorram para o descrédito da associação.

Parágrafo 3.º Incorrem na pena de eliminação os sócios que deixem de pagar as suas quotas pelo espaço de três meses sem justificação e, quando avisados pela direcção, as não satisfaçam no prazo de quinze dias.

Parágrafo 4.º Incorrem na pena de expulsão os sócios que tenham sofrido duas suspensões pelo mesmo motivo ou três por motivos diferentes.

exposição

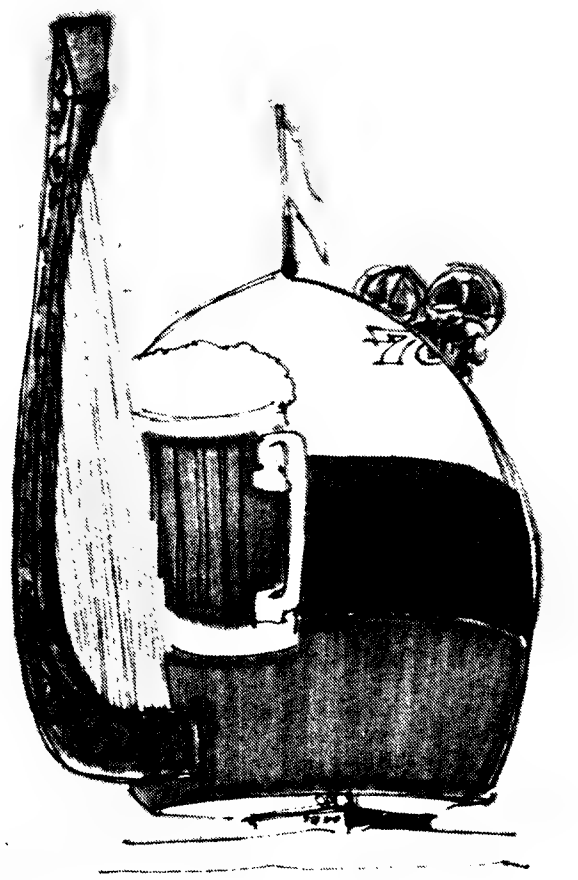
«os pioneiros da arte moderna portuguesa»

ALMADA • AMADEO

SANTA RITA • VIANA

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

A PARTIR DE 6 SET 76



ALGARVE

SETEMBRO

SEPTEMBER 1976

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ENTÃO O RESTO É SILÊNCIO?

O terrorismo é um assunto que interessa ao povo português. A televisão diz ter como supremo objectivo servir o povo português. Logo, o terrorismo devia merecer a maior atenção da televisão...

Isto não é silogismo de escolástica marreca. É uma realidade profundamente sentida. Sabemos que, actualmente, o combate ao terrorismo, a criação de um clima de repúdio por acções terroristas, estão nas primeiras linhas para o fortalecimento da democracia.

Que é que sucede? Sucede que, não contente com a débil, desossada cobertura desde o princípio dado à acção antiterrorista, a televisão prosseguiu na escalada de indiferença e atirou com o noticiário de boca para as páginas de dentro. A escalada aumenta: na quinta-feira o silêncio sobre o antiterrorismo foi total...

Será que, para a televisão, o assunto já passou de moda?

ANIVERSÁRIO ESQUECIDO

Foi no dia 2 de Setembro, há 31 anos. Em Hanói, Ho Chi Minh proclamou a independência do Vietnam.

Não se trata de um aniversário qualquer. Trata-se de uma festa que transcende a do povo da República Democrática do Vietname para se transformar numa festa de toda a Humanidade, inimiga da guerra, contrária aos privilégios do imperialismo. Uma festa que devia pertencer à gente do Lumiar...

Que pelos vistos não pertence. A RTP, tão atenta a outros aniversários ... a questão de Praga, por exemplo, comemorada várias vezes na televisão... — a RTP como recordou o aniversário da República Democrática do Vietanme?

Pelo silêncio. Pura e simplesmente, a televisão ignorou. Pois. Com estas e com outras é que se cai nas boas graças da pastilha elástica.

Mostra-me as efemérides que festejas dir-te-ei quem és.

E PERDEU

Chama-se Casqueiro. Pouco falta para ser considerado uma grande personalidade nacional. Não me admirava nada de ver a televisão encabeçar uma lista pública para se levantar um monumento ao Casqueiro.

Casqueiro, CAPitão da reacção agrária. Ele e mais a sua CAP, tão acarinhados pela televisão: notícias, depoimentos, declarações, mesas-redondas...

O MARN, verdadeiro organismo representativo dos interesses dos rendeiros e dos pequenos agricultores, é o enjeitadinho, o órfão, o parente pobre. Quando não totalmente esquecido, lá aparece uma alma caridosa nos estúdios do Porto com meia-dúzia de palavras para aquietar as boas consciências...

Para nossa maior desgraça, há sempre quem caia em graça quem menos graça tenha. Entre o MARN e a CAP, a televisão jogou.

E perdeu.

GENOCÍDIO

Referi-me já a um programa de actualidades dedicado ao Brasil. Mas era sempre apontamentos que se perdem, que ficam de lado, nas pressas da redacção. E às vezes fica de lado o essencial, o pormenor capaz, na sua simplicidade, de ir direito ao coração...

Reparem só nisto: há 50 anos havia no Brasil 2 milhões de índios. Não restam agora mais de 80 mil...

Como se vê, é perfeito o entendimento racial na grande nação sul-americana. Mas para os leitores desejarem saber o que se passa com este autêntico genocídio, aconselho-os a leitura do romance «Quarup» de António Callado, escritor e jornalista.

O PURO ACASO

Os jornais aumentaram de preço. A televisão foi saber a opinião dos utentes. Não de todos, como seria impossível. Nestas questões de amostragens, tudo pode acontecer.

Pode acontecer o acaso e pode acontecer a montagem. A montagem que se faz e a montagem que não se faz. Pelas razões mais variadas.

Por exemplo: três ou quatro pressões ouvidas. Ouviram só quatro ou três pessoas? Sai uma reportagem para a rua para ouvir dois ou três mecos? Será que pode dar-se alguma confiança a semelhante «amostragem»?

Entre esses, eis a senhora que se refere aos jornais em termos brutamente genéricos. A dama diz que não compra jornais porque eles dizem só mentiras...

Dias depois, o repórter entrevista novo utente. O cenário mudou. Enquanto o entrevistado fala, a câmara foca, longamente, o título de um jornal...

Não se trata de publicidade, não senhor. Trata-se de um acaso. Acaso puro. Puríssimo.

C.A. da RTP ontem empossada

«A televisão não pode ser uma tribuna oficial dos Governos ou de grupos de pressão política, como não pode ser feita apenas ao tom e ao gosto, segundo as ideias dos seus servidores. É um instrumento posto ao serviço exclusivo dos interesses do povo português e do seu património moral e cultural. Deverá servir o País real nos seus anseios e carências, e não o país imaginário com que sonham alguns que têm da democracia um entendimento que não é, felizmente, o da esmagadora maioria do povo português.» — palavras, do secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, no acto de posse da nova Comissão Administrativa da RTP. Desta Comissão fazem parte o capitão Tomás Rosa, que preside, e dois vogais; o coronel Júlio Simões de Sousa e Silva e dr. Leopoldo Severino Otero. A cerimónia da tomada de posse teve lugar na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, Secretaria de Estado da Comunicação Social.

No uso da palavra, Manuel Alegre anunciou que, dentro de dias, e ainda em relação à Administração da RTP, vão ser nomeados os membros do Conselho Fiscal. Entretanto — disse — o Conselho de Informação para aquele órgão da comunicação social está em vias de constituir-se. «Vão-se assim dando os passos necessários à estruturação dos corpos sociais da Televisão e dos seus órgãos, com a celeridade possível» — salientou o secretário de Estado. E anunciou ainda que «no primeiro trimestre de 1977, teremos concluída essa tarefa estatutária, e a TV passará a ser gerida por mecanismos eminentemente democráticos, de que a próxima lei da televisão, a apresentar à Assembleia da República, será o corolário natural.»

Ao longo do seu discurso, Manuel Alegre acentuaria a tónica das responsabilidades que devem exigir-se aos profissionais da televisão, nas relações do seu trabalho com o poder político e com a generalidade da população portuguesa.

A seguir a Manuel Alegre falou o capitão Tomás Rosa e disse, a certo passo: «A Rádio Televisão Portuguesa não será nas minhas mãos a professora dos portugueses mas tão só uma janela aberta sobre Portugal inteiro.»

Inaugurada a festa das vindimas

Foram inauguradas ontem, às 20.30, as actividades integradas na Festa das Vindimas de Palmela. Depois de uma recepção e de uma reunião informal com representantes dos órgãos de Informação, os membros da comissão organizadora assistiram a uma sessão de fogo de artifício que foi seguida de um baile animado pelo conjunto «Adágio».

O dia de hoje é dedicado às crianças do concelho, estando planificadas algumas provas desportivas e uma tarde de convívio com palhaços e canções. Às 17 horas terá lugar uma largada de touros, às 22 uma sessão de cinema e, à noite, baile no Largo do Ciclo.

NOTARIADO PORTUGUÊS

AUTO-TÁXIS ESTRELA DOS MONTES DA SENHORA, LIMITADA

Eu abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 25/6/1976 lavrada nas notas deste Cartório no livro C-81 de folhas 93 verso a folhas 97 verso foi reforçado o capital da sociedade em epígrafe, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, com a quantia de 9 000$00, ficando assim elevado para 60 000$00. A importância do reforço foi subscrita e realizada a dinheiro na seguinte maneira.

Maria do Carmo, 8 750$00;
Maria do Carmo Barroca Ribeiro, 250$00;

Pela mesma escritura foi alterado o artigo 3.º do pacto da referida sociedade nos termos seguintes:

3.º — O capital social é de 60 000$00, integralmente realizado em dinheiro e nos demais bens e valores constantes da escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de 13 250$00 de Fernando Cardoso Barroca, uma quota de 16 750$00 de Maria do Carmo, uma quota de 21 250$00 de Manuel Antunes Ribeiro e outra quota de 8 750$00 de Maria do Carmo Barroca Ribeiro.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 30 de Junho de 1976.

— Rasurei. — «comercial».

A ajudante,

Maria Antonieta dos Santos Carriço Estevão

Hoje

Gente do Amanhã

I PROGRAMA

14.00 Abertura e **telejornal** — 1.ª edição
14.15 **Hoje pode ver.** Cartaz dos programas da RTP
14.25 **Retrospectiva**
14.40 **Culinária.** Ovos fritos com fiambre.
15.05 **Aconteceu, acontece**
15.30 **Jovens rebeldes**
16.20 **Fungagá da bicharada**
16.50 **Casa georgiana**
17.25 **Diálogos com a cidade.** Último programa sobre urbanismo com o arquitecto Gomes Fernandes
17.50 **Da saúde e da vida**
18.05 **Concerto.** «O Judeu» de António Victorino de Almeida pela Orquestra Sinfónica do Porto
18.55 **Stop.** Um programa da Prevenção Rodoviária Portuguesa
19.10 **Cinema de Animação**
19.30 **Gente do amanhã**
19.55 **Cartaz TV**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição
21.00 **Jogos sem fronteiras**
22.45 **Setembro 76.** Um programa do Departamento de Actualidades
23.30 **Telejornal** — 3.ª edição
23.50 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Concerto** pela Banda da Guarda Nacional Republicana
20.40 **Clássicos do cinema.** «Amor de Perdição». Estrado a 9-11-921
23.10 **Telejornal**
23.45 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Missa de domingo; **12.40**: Mar Limiar; **13.10**: No Jardim Zoológico; **13.35**: Hoje pode ver; **13.45**: Telejornal; **14.00**: Presença do Brasil; **14.30**: Eurovisão — Campeonato do Mundo de Ciclismo; **15.30**: Coros do Norte; **16.45**: «Convite ao Amor» (filme com Irene Dunne, Fred MacMurrav e Natalie Wood; **17.40**: Hoje há palhaços; **18.30**: «Heidi»; **19.30**: Vida Rural; **20.00**: «Goodies»; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Telefutebol; **21.45**: «Clayhanger» — Vidas Perdidas; **22.40**: Música e silêncio; **23.00**: Telejornal.

II PROGRAMA

20.00: Foi êxito na TV — «Kung Fu»; **21.00**: «Coisas e Loisas»; **23.30**: Telejornal; **23.00**: Cinema de Animação.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271

Desporto

Futebol dá boa noite em grande

Nacional futebolístico abre hoje, em «good»: Sporting-Benfica (em Alvalade) e apresentação do super-Porto face aos novo-primodivisionários algarvios (do Portiminense).

Na bilheteira do estádio sportinguista, a maior receita de sempre: perto de 2500 contos, fruto de lotação plena (a preços aumentados) e, ainda, do belo contributo dos associados «verde-brancos» envolvidos no «dia do clube», portanto a esportularem um extrazinho que será muito bem acolhido pelo tesoureiro da gerência de João Rocha.

Na bancada, diversos membros do Governo, convidados da directiva leonina para este «show» que é primeiro passo até um título que, à partida, tem (um mínimo) quatro favoritos bem credenciados: os que actuam no palco do Lumiar, o dono das Antas e o visitante dominical ao Estoril.

Atracções para Alvalade: a eventual estreia de Keita e a primeira exibição oficial de Conhé (por banda dos donos do relvado) lado-a-lado com o debute do ex-belenense Pietra por novo patrão (o Benfica). Dois jogadores muito experientes, quase veteranos, a ocuparem lugares que pertenciam a Marinho (lesionado, mas já em fins de convalescença da intervenção cirúrgica a que foi sujeito) e Damas, o guarda-redes português que partiu para Espanha em busca da fortuna. Por outro lado, Pietra a afirmar um toque de juventude na defensiva «encarnada», desprovida (embora) de Messias, que parece em «estado de litígio» com os responsáveis pelo mais profissionalizado departamento do Benfica.

Ingleses à frente dos dois «teams»: Hagan (já com certas provas dadas) e Mortimore (na rodagem de exame). Mas, em relação a este, problema de todo o tamanho: o Sindicato dos Treinadores não o admite como associado e, desse modo, levanta-se ao árbitro designado para Alvalade (Porém Luís? César Correia? Francisco Lobo?) o deixar (ou não) sentar-se no «banco dos técnicos» o britânico recém-arregimentado pelo Benfica.

Henrique: a ausência

Nos «leões», há toda uma estrutura em estreia: novos processos de trabalho, caras diferentes em locais-chave, Marinho na bancada (como já se disse), muita gente em outras paragens (Nelson, Chico, Tomé e Damas, o saudoso). Entre as «águias» Vítor Baptista colocado na «lista negra» (muito peca, quem fala em demasia...), José Henrique (lesionado numa mão), Jordão (em terras de Espanha) e Messias (também «fora de forma»?) não entram nas cogitações de Mortimore, homem na balança sob ventos tempestuosos.

Humberto Coelho veio de Paris, espreitar os colegas e amigos: na selecção, como no Benfica, ainda não há igual. Mas, a vida não se compadece com sentimentalismos: e o dinheiro (maganão) é lindo.

Temos, como se vê, um espectáculo montado em pleno: belo arranque para as finanças sportinguistas. No programa, um pequeno mas curioso número-extra: a entrega de faixas aos juvenis do Sporting, que lograram o título na temporada que bateu asa.

Todavia, o futebol «em grande» não dá boas noites apenas em Lisboa, porque o super-Porto (igualmente às 21 e 30) sobe às Antas para mostrar, ante um público fervilhante, como Pedroto escalonou os onze melhores do «campeão em potencial».

No cenário das Antas, um técnico milionário aobre a palma da mão. Nada a impedir Dinis de trabalhar: o caso da sua opção angolana ficará para decidir depois, neste país de soluções adiadas. Logo, «mestre» Pedroto pode dispor do «brinca na areia», do peruano Cubillas e do brasileiro Duda, embora a regulamentação vigente apenas autorize a inclusão de dois estrangeiros em cada exibição de um «team». Oxalá que o caso não descambe em futuro protesto: já temos visto muito pior, a receber beneplácito nas secretarias...

O Portimonense (do eufórico Nunes) nada tem a perder: apenas procurará fazer a vida difícil a um «team» em que cada elemento cobra (certamente) mais que meio «plantel» algarvio. Isto para não falar do peruano da batuta que, só à sua parte, dá uma facada de todo o tamanho) no erário público).

Conhé: a estreia

Os algarvios, que rendem o Farense nas altas cogitações do chuto, receberam gente de fora: o guarda-redes Silva Morais veio de Tomar, o brasileiro Sapinho foi recrutado em Aveiro, o «velho» Adolfo regressa às festas de primeira apanha. Mas, chegará a boa vontade dos homens de Portimão para colocar em transe uma multidão de olhos rasgados (apenas) para os seus meninos-bonitos?

. É que o F.C. Porto entra no terriro com uma constelação ao serviço: reforçada esta temporada com a chamada ao antigo setubalente Torres, com o (caro) contrato do defesa Freitas (que o Belenenses teima em envolver numa queixa à Federação, **por contrato não integralmente cumprido**), com a transferência de um dos «internacionais» descobertos por Pedroto no antigo emblema (Taí). Logo, um esquadrão contra rapaziada a peito descoberto.

Amanhã, completa-se o primeiro golpe de roleta. Assim, nada mais: o jogo está feito e há que aceitar a sorte da bolinha aos pulos.

N. de S.

Três frentes nos nacionais de chuto

. O programa geral dos jogos futebolísiticos que contam para os campeonatos dos escalões superiores, é francamente aliciante, dada a curiosidade em vislumbrar como se apresentam, à partida para a **dolorosa** maratona, clubes e símbolos que lutaram contra mil contratempos para vencerem crises financeiras, de braço dado com outros que se apetrecharam com tão grande facilidade que fica no ar a sugestão do dinheiro entrar por certas portas adentro com espantosa e inaudita facilidade.

Vejamos, porém, como se apresenta o plano de trabalhos para este fim-de-semana.

Para hoje, na 1.ª divisão: Sporting-Benfica e FC Porto-Portimonense, às 21 e 30.

II Divisão: Riopele-Salgueiros (17 h) e Feirense-Torriense (21 e 30).

III Divisão: Arrifanense-Viseu e Benfica (16 h) e Lamego-Trancoso (17 e 30).

Amanhã, na 1.ª Divisão (16 horas): Académico-V. Setúbal, Estoril-Boavista, Braga-Belenenses, Montijo-Leixoes, Varzim-Beira Mar, e Atlético-V. Guimarães.

II Divisão (16 horas): Zona Norte — Vila Real-P. Ferreira, Fafe-Espinho, Paredes-Penafiel, Tirsense-Famalicão, Chaves-Gil Vicente, Vila-Novense-U. Lamas e Lourosa-Régua.

Zona Centro: Acad. Viseu-Caldas, Covilhã-Portalegrense, U. Leiria-Marinhense, Estrela-Alba, U. Santarém-Sanjoanense, Peniche-U.Tomar, T. Novas-U. Coimbra, e União Sport-Alcochetense (às 15 horas).

Zona Sul: Farense-Sesimbra, Oriental-Lusitano, CUF-Barreirense, Juventude-Odivelas, Vasco Gama-Olhanense, Marítimo-Sintrense, e Esperança-Almada.

III Divisão (Série A): Mondinense-Aves; Cabeceirense-Vianense; Monção-Bragança; Esposende-Tandim; Jorfães-Joane; Limianos-Maria da Fonte; Rio Ave-Mirandela; Mogadourense-Bairro Latino.

Série B: Lamego-Trancoso; Cucujães-Vildemoinhos; Aliados-Leça; Freamunde-Infesta; Avintes-Leverense; P.Castelo-Oliveirense; Vale-Cambrense-P. Brandão.

Série C: Esperança-Vila Novenses; Anadia-Mangualde; Tabuense-Marialvas; Febres-Ala-Arriba; Ançã-Covilhã e Benfica; Naval-O. Bairro; Guarda-Tondela; Águeda-Gouveia.

Série D: Lousanense-Bombarralense; Alcobaça-Almeirim; Eléctrico-Cartaxo; Pombal-Batalha; Nisa Benfica-Marrazes; Vieirense-Alferrarede; Campo-Maiorense- Alcanenense, Matrena-Benfica e Castelo Branco.

Série E: Cova Piedade-Nacional; Olivais-Alhandra; Loures-Trafaria; Casa-Pia-Benavente; Vila Franquense-Olivais; Averca-Bucelenses; Sacavenense-Elvense; Elvas-Estrela.

Série F: Quarteirense-Beja; Paio Pires-Santiago do Cacém; Silves-Reguengos; Luso -Rosairense; Caparica-Moura; Odemirense-Lusitano; Aljustrelense-Seixal; Amora-Torralta.

Últimas de bola

SALGUEIROS

. . Não para a avalancha de brasileiros que invadem o futebol português: desta feita o sujeito chama-se Liberlino de Almeida, parece que estava ao serviço do Flamengo e vem com rótulo para o Salgueiros. Mais um português ficará na bancada: desempregado, como é óbvio.

Entretanto, uma compensação: o prof. Geraldo Brandão será o adjunto do treinador Francisco Andrade, no clube de «Vidal Pinheiro».

NAZARÉ

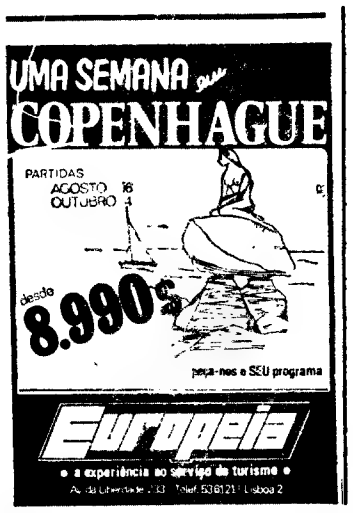
Jaime Medeiros é o novo treinador de «Os Nazarenos».

OLHANENSE

Espantosa «goleada» do Olhanense, em Espanha: perante o modesto Múrcia, 1-8 no «placard», a reflectir péssima actuação do clube que, mesclado de nomes estrangeiros, defende as cores de Olhão, ex-viveiro do futebol nacional.

JUNIORES

Os juniores do Benfica iniciam esta tarde, em Bordeus, a intervenção num torneio de características internacionais, com representações de doze equipas em paralelo.



PORTUGAL

LUTA

Estágio internacional de treinadores de luta, na Jugoslávia (de 1 a 8 de Novembro próximo) aceitando-se inscrições de portugueses na Federação de Lutas Amadoras.

FESTIVAL

. Está a decorrer, durante o dia de hoje, um festival desportivo promovido pelo S. Paulo (Clube Recreativo de Almada) destinado, fundamentalmente a crianças. No programa: provas de Atletismo, piquenique, no campo do Seminário, exposição artística, projecção de filmes e «slides» sobre «Desporto e Cultura», além de «Canto Livre» com a participação de vários interpretes.

ANDEBOL

Plácido de Abreu é o novo directivo benfiquista encarregado do pelouro de andebol da colectividade, que é chefiada por Paulo Dias, passando o eng. Neves a treinador (em substituição de Angelo Pintado). Por seu turno, o «internacional» José Manuel deixa a Luz para ir actuar em Alvalade, pelos «leões», que passam também a contar com Farinha Rosa (ex-Encarnação) e Branco Lopes (que estava na Boa Hora).

HÓQUEI PATINADO

De 4 a 9 de Outubro tem lugar, em Barcelos, o campeonato europeu de hóquei patinado (para juniores) estando inscritas representações de Portugal, Alemanha Federal, Bélgica, Espanha, Holanda, Itália e Suiça.

. A turma hoquista do Belenenses, agora a ser treinada por Luis Barata (que esteve ao serviço do Sporting), reforçou-se com o recrutamento de Magalhães (ex-CACO), Alvarito (que alinhava pelo Paço de Arcos), Crispim (vindo da Salesiana) e Paulo que disse adeus a Alvalade).

PESCA DESPORTIVA

. Entre Carcavelos (Forte de S. Julião da Barra) e Cinzentos (Norte da praia do Guincho) efectua-se, amanhã, o nono Concurso de Pesca Desportiva de Mar, levado a efeito pelo Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, solicitando-se aos pescadores desportivos não integrados na prova que não interfiram nos pesqueiros reservados aos concorrentes ao certame, por ocasião da disputa da competição.

BASQUETEBOL

. A partir das 17 horas de hoje, o Carnide Clube recomeça os treinos para praticantes de basquetebol que queiram representar a colectividade. As sessões efectuam-se (enquanto o tempo o permitir) no campo da Rua Neves Costa (em Carnide) e as portas estão abertas a interessados dos 8 aos 18 anos. O grupo técnico é constituído por José Esteves (coordenação e seniores), Edite Esteves (iniciados e juniores femininos), João Serra (juvenis femininos e masculinos), Mário Ramos (captação e juniores masculinos), José Marques e João Silva (minibasquetebol).

POSSE

. Pelas 21 e 30, da próxima 2.ª feira, tomam posse os novos corpos gerentes da Associação Académica da Amadora.

Direcção do Barreirense refuta "nucleo" local

Ainda dizendo respeito à saida do prof. Melo de Carvalho da D. G. D. recebemos do Futebol Clube Barreirense o seguinte texto, com solicitação de publicação:

. «Vem a Direcção do Futebol Clube Barreirense, manifestar o mais vivo repúdio pela moção vinda a lume, por intermédio da Imprensa diária, emanada duma secção denominada «Núcleo do Barreirense», tomando posição contra o afastamento do prof. Melo de Carvalho, do cargo de director-Geral dos Desportos.

«Não tem o «Núcleo do Barreirense» autonomia de decisão para se manifestar, em nome do Barreirense, sem que do facto a direcção tenha conhecimento.

«O Barreirense é uma associação desportiva dirigida por uma direcção, eleita em Assembleia Geral de Sócios que se torna responsável pelos actos das secções, subordinadas à sua orientação. Não tendo o referido núcleo, dado conhecimento à direcção da sua tomada de posição em referência ao afastamento do prof. Melo de Carvalho, esta direcção não pode pactuar com atitudes menos correctas dos seus seccionistas. A posição agora tomada pelo núcleo irá ser objecto de apreciação pela direcção.

«Queremos ainda manifestar a nossa isenção política quando dirigimos o Barreirense, não podendo esta direcção consentir que, em nome do clube, se tomem posições inconvenientes, fomentadoras de desunião, de descrédito e de confusão no seio da massa associativa do clube.

«Julgamos premente chamar a atenção dos desportistas em geral e dos barreirenses em particular para o que poderiam significar atitudes que se tomam no seio dos clubes e nas costas dos seus associados e da própria direcção, utilizando métodos e vincando posições que apenas servem os interesses de meia dúzia de pessoas, minando os alicerces duma agremiação desportiva, que ao longo de muitas dezenas de anos da sua existência, soube honrar e dignificar os homens e o desporto.

«Os governantes deste País, são de mais conhecedores da sua constituição (para que seja necessário recordar-lhes) e estamos certos que estão conscientes das responsabilidades que tomaram perante o Povo Português para que o objectivo a atingir não seja prejudicado no plano social, cultural e espiritual.

Desporto

"VOLTA": ÚLTIMA PEDALADA

Está na hora de baixar o último pano sobre as incidências da Volta a Portugal, em bicicleta, a prova que entrou para o papo de Firmino Bernardino, o rapagão de 26 anos (nascido em Venda do Pinheiro) que, à 7.ª tentativa, lá conseguiu atingir o «podium».

Até aqui o recente benfiquista apelas lograra ser lugar-tenente de outro maioral (dois 2.ºs lugares dois 4.ºs um 6.º, um 22.º e, por queda grave, desistência na «Volta-74»). Na hora de poder estar feliz, o jovem «águia» mostra algumas mágoas.

. — *Estou muito sentido com o modo como o Sporting me atirou pela porta fora, especialmente porque eu estava doente (andei três meses em tratamento) e não recebi nem um centavo do ordenado a que me julgo (ainda) com direito. Além disso, lamento continuar a esperar pelos prémios da Volta-74 e de mais competições: sou (portanto) um credor do Sporting.*

Em contrapartida, sinto-me devedor do Benfica, que me abriu as portas e me ofereceu uma camisola digna para defender. Pena que o Sporting não tenha este ano ciclismo...

Bem ou mal, o êxito de Firmino na prova deste ano? O ciclista replica:

. — *Não tenho culpa de me deixarem sair para a Covilhã, quase à vontade...*

Com efeito, abalando apenas um triunvirato de jovens (nenhum dos elementos a *puxar* um só minuto) Firmino ganhou aí a «camisola amarela» que, com apoio de amigos *desvelados* (Leite, Santos Andrade...) conservaria até à meta, no «1.º de Maio». Porém, para além do longilíneo ex-guarda costas de Agostinho, outros nomes atingiram craveira meritória na escala final de valores. Por exemplo: Joaquim de Sousa Santos, o quase médico que surgiu a defender as cores do União da cidade em que estuda. Tal e qual como duas verdadeiras conquistas do ciclismo: o já «internacional» Alexandre Ruas («sprinter» n.º 1 da prova) e Luis Teixeira («rei da montanha»), pesa embora a facilidade que o primeiro teve na sua conquista (apoiado, como estava, numa equipa forte e apta: a da Costa do Sol, entregue aos cuidados de Artur Carreira) e ao facto do rapaz da Coelima ter arrebatado os 10 contos do «trepador-mor» graças a algumas contagens colocadas em locais verdadeiramente insólitos e muito discutíveis.

Entre os que despontam para a modalidade, haverá inteira justiça na citação de António Fernandes e Floriano Mendes (do Sangalhos), Marcos Chagas, Joaquim Carvalho e Armindo Lúcio (Costa do Sol), João Costa (Pinheiro de Loures) e do infortunado António Valente (Lousa) que, por embate com um parceiro de outro emblema (o louletano António Beirão) iria parar ao hospital a menos de uma hora do risco branco de Lisboa. Há, nestes rapazes, «madeira» capaz de, burilada a preceito, permitir a «tal» renovação de caras que se deseja e pretende, embora se não deva (de um jacto) alienar para o completo ostracismo nomes já popularizados que vieram novamente à Volta emprestar-lhe largo brilho e muito profissionalismo. Reportamo-nos (por exemplo) a Joaquim Andrade, Venceslau Fernandes e José Madeira que, enquanto lhes foi possível, lutaram pela dama mais apetitosa apenas resvalando para o conformismo quando o homem das carpetes sentiu que lutava sem apoio, no momento em que o tavirense descobriu que não lograva entrada nos grandes conflitos e precisamente na altura em que Venceslau, avaliando o Sangalhos passivel de triunfar colectivamente e do seu irmão António disputar o posto cimeiro, abdicou de sonhos e ficou em manobra de cobertura sangalhense.

Um outro moço do Pinheiro de Loures (Carlos Santos, em quem Manuel Tiago jogava abertamente) ficou-se pelo 12.º lugar, à frente de José

Joaquim Andrade (Safina): o maior número de etapas conquistadas (cinco).

Luís Pacheco que, pelos vistos, perdeu o entusiasmo que o tinha guindado a figura portista de valor: agora, no modesto (mas sonhador) Alfenense, pareceu tocado pela varinha do conformismo.

FRACASSOS

Para além deste bloco de nomes que atingiram relevância (esperada ou inusitada) há o reverso da medalha: os que (como Américo Silva, Herculano de Oliveira, Fernando Vieira, todos os «portistas») passaram pela «Volta» sem grande proveito.

A veterania do ex-triunfador em competição paralela, foi por de mais evidente: e veio tanto ao de cima como o estado físico em que retirou a penates. Herculano de Oliveira é já uma sombra: arrasta-se em cima da máquina, vivendo da saudosa evocação de feitos já com barbas brancas. O benfiquista Vieira é de permanente inconstância: capaz de bom, como do pior. Desta feita, andou com a borda em baixo e nunca soube reagir a um ou dois toques adversos. Quanto à formação das Antas, basta atentar na nula produtividade das suas últimas actuações para se atingir um desiderato: como conjunto não tem ponta por onde se pegue, mau grado estar ainda com alguns valores ao dispor de quem queira planificar coisa de útil, desejado retorno do F. C. Porto às andanças do pedal.

Decepcionantes foram (também) as cotações de um José Amaro recém-vindo de casamento, de um Manuel Durão a braços com aborrecido ferimento no pé esquerdo (impeditivo de prosseguir no trabalho), de um Manuel Gomes (sem autêntico espírito de devoção a uma modalidade desportiva muito dura), de um Flávio Henriques bem capaz de muito melhor, quando devidamente treinado e apoiado. Mas, aquilo que mais feriu a retina, na análise à lista de concorrentes que ficaram pelo caminho, foi (na verdade) o deplorante comportamento da bem cara «selecção da Madeira» e o facto de entre os 20 emblemas alinhados em Vilamoura, somente nove formações terem logrado classificação por turmas na chegada ao «1.º de Maio».

TURMAS

No aspecto de comportamento global, é de interissima justiça evidenciar como resultou em pleno a arrancada de António Fernandes e Floriano Mendes, na cola de Firmino, a caminho da Covilhã. Foi aí (só) que o Sangalhos conseguiu uma vantagem insuspeitada, a arredar a formação mais consistente e regular (da Costa do Sol) para o segundo lugar final. Golpe táctico sangalhense que os rapazes do Estoril-Cascais deixaram passar em claro: o erro fica para não mais esquecer.

Depois, há que bater palmas ao animoso Pinheiro de Loures (de Manuel Tiago e Araujo, mais um punhado de indesmentíveis boas vontades). Terceiro bloco na lista de bem cotados, o Pinheiro de Loures é como um dos baluartes do futuro regresso do Sporting ao ciclismo: lado-a-lado com o Lousa, apenas suplantado na recta final pelo melhor apetrechamento de benfiquistas e portistas, os primeiros a jogarem tudo por tudo na carta Firmino, enquanto os nortenhos viveram em solavancos o que poderiam ter feito em estilo ordenado e planificado.

Referências, em ar de saudação, à resistência de Almodovar (fruto da alegria de Armindo Barradas), S. Jorge (três homens à partida, outros tantos à chegada) e Coimbrões (mau grado Joaquim Leite parecer mais interessado em servir Firmino que em voar com o novo emblema). De lamentar a queda facial (inesperada em absoluto) da tradicional Coelima, do conjunto das carpetes, dos seleccionados para envergarem as cores do Manique de Baixo, dos acompanhantes dos manos Sousa Santos no União de Coimbra, dos parceiros de Pacheco no Alfenense, dos associados do último «Ratinho» no Paredes. Em contrapartida, a conclusão ideal: os melhores parabéns para o único tavirense que esteve onde teve pernas (José Madeira) e para o vincar de nascente personalidade em Carlos Pereira (Facar), Manuel Martins (Fafe) e Caetanita (Almodovar) sem olvidar o «vwlho» Abilardo, talvez o maois puro amador de um molho de profissionais mesclados com outros que recebem muito menos como paga pelo mesmo esforço.

NEVES DE SOUSA

Joaquim Carvalho: o vencedor da ligação Paredes-Guimarães confirmou o valor que o tornara profissional das bicicletas

"18ª Volta à Madeira" em automóvel

FUNCHAL, 4 — Tem hoje início, às 14 horas locais, a 18.ª Volta à ilha da Madeira em automóvel: 29 concorrentes para cerca de 550 quilómetros.

A prova é dividida em duas etapas (uma a partir das duas da tarde e a outra com início às zero horas da manhã) e conta para o Campeonato Nacional de Ralis.

Como favoritos, apontam-se os nomes de Manuel Inácio, Giovani Salvi e António Diegues, destacando-se, de entre os concorrentes locais a dupla João Clemente - Sá e Sousa (em Ford Escort RS).

As condições das estradas da Madeira e os controlos apbitados, especialmente à noite, na segunda etapa, fazem prever uma volta difícil.

Eis a classificação actual do Campeonato Nacional de Ralis: 1.º, zmanuel Inácio, 1403 potos; 2.º Giovani Silva, 1359 pontos; 3.º, Jorge Origão, 1280; 4.º, Fernando Faria, 931; 5.º, Carlos Torres, 837; 6.º, Parada Leitão, 798, e 7.º, António Diégues, com 735 pontos.

Duas ausências, a de António Maia (confirmada) e de Larama (provável) reduzem as hipóteses dos concorrentes madeirenses, em benefício dos continentais.

Ainda assim, os concorrentes locais constituem a maioria e, em ralis (como no futebol) correr em «casa» é uma vantagem de peso.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa-1 — Telefones: 77 02 74 - 76 32 76 - 77 00 66

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DAS ASSOCIAÇÕES DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A TODOS OS TRABALHADORES

Poucos dias passados sobre a celebração do «DIA DO BOMBEIRO», devemos esclarecer que mesmo os «SOLDADOS DA PAZ» são explorados no seu trabalho.

Disso mesmo foi informado o senhor Secretário de Estado da Administração Interna — Ferreira de Lima — no decorrer de uma audiência de 31 de Agosto de 1976, em que estiveram presentes a Comissão de Luta das Associações de Bombeiros Voluntários do Distrito de Lisboa e representantes deste Sindicato dos Transportes Rodoviários.

Há, de facto, Associações que nem o contrato dos Rodoviários cumprem, e este, conforme portaria de 15 de Novembro de 1975 aplica-se **«a todos os trabalhadores representados pelos Sindicatos Rodoviários e Garagens e respectivas entidades patronais, quer sejam pessoas singulares ou colectivas, de utilidade pública ou privada, com ou sem fim lucrativo, desinteressado ou altruístico, desde que não abrangidas por regulamentação específica do seu sector de actividade, bem como aos motoristas particulares e respectivas entidades patronais».**

Na mesma audiência o Secretário de Estado quis ser informado da lista das Associações que não cumprem esta portaria que, segundo ele, **«já que existe, tem que se cumprir».** Aqui fica essa lista... Longa lista, infelizmente!

— Bombeiros Voluntários da Ajuda
— Bombeiros Voluntários Lisbonenses
— Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique
— Bombeiros Voluntários Cruz de Malta
— Bombeiros Voluntários da Parede
— Bombeiros Voluntários da Amadora
— Associação dos Bombeiros Voluntários de Sacavém
— Bombeiros Voluntários de Odivelas
— Bombeiros Voluntários de Moscavide
— Bombeiros Voluntários de S. Pedro de Sintra
— Bombeiros Voluntários de Algueirão-Mem Martins
— Bombeiros Voluntários de Agualva-Cacém
— Associação dos Bombeiros Voluntários dos Estoris
— Bombeiros Voluntários de Camarate
— Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira
— Bombeiros Voluntários de Alenquer
— Bombeiros Voluntários de Azambuja
— Bombeiros Voluntários de Mafra
— Bombeiros Voluntários de Alhandra

PELO CUMPRIMENTO DO CONTRATO!
PELO CUMPRIMENTO DA CONSTITUIÇÃO!

Lisboa, 3 de Setembro de 1976

Saudações sindicais

Pel'A DIRECÇÃO
Rogério Torres

Sindicato dos Trabalhadores de Comércio e Serviços do Distrito de Santarém

CONVOCATÓRIA

PLENÁRIO DELEGADOS SINDICAIS

QUARTA-FEIRA 8 DE SETEMBRO ÀS 21,30 H.

NAS INTALAÇÕES DA DELEGAÇÃO DE TOMAR

(Av. Egas Moniz. Lote 3.º, r/c - Esq.º

ORDEM DE TRABALHOS

1 — INFORMAÇÕES
2 — CONGRESSO DOS SINDICATOS

Santarém, 2 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Geral

Há vela em Cascais

. . Ao largo de Cascais, prosseguiu a «Semana da Vela», com regatas em várias classes a contarem para o Campeonato de Portugal. Resultados da jornada de ontem:

«420»: 1.º Carlos Gil-Luís Reis (CNL); 2.º Jorge Mata-João Almeida (CNL); 3.º Luís Faria-Luís Cabral (CNOCA).

Geral: 1.º Jorge Mata-João Almeida (CNL), 20,7 pontos; 2.º Carlos Gil-Luís Reis (CNL), 21.

«LASER»: 1.º Ros Empis-Guilherme Gaivão (CNC); 2.º António Correia (CNC); 3.º Ana Reis-Henriqueta Reis (CNC).

Geral: 1.º António Correia (CNC), 23,4 pontos; 2.º Ana Reis-Henriqueta Reis (CNC), 26,7.

«FIREBALL»: Apenas largaram dois concorrentes para a 5.ª regata, D. Ribeiro-J. Ribeiro e J. Pinto-E. Guerra, que não chegaram a concluí-la.

Geral: 1.º Duarte Ribeiro-José Ribeiro (CN Almada), 6 pontos; 2.º Rui Feio-Edina Guerra (CNL), 17,4.

«CADET»: 1.º Pedro Melo-Luís Melo (CN Faro); 2.º Martim Melo-Paulo Cerreiro (CN Faro); 3.º Nuno Marques-Pedro Martins (CN Setubalense).

Geral: 1.º Pedro Melo-Luís Melo (CNF), 6 pontos; 2.º Martim Melo-Paulo Cerreiro (CNF), 19,7.

«EUROPE»: 1.º Carlos Oliveira (Vilafranquense); 2.º Mário Crespo (Paço de Arcos); 3.º Joaquim Guerra (Alhandra).

«OPTIMIST»: 1.º Bernardo Magalhães; 3.º Vasco Passanha; 3.º Bruno Marques, todos do Clube Naval de Cascais.

Hoje disputam-se as últimas regatas e amanhã realizar-se-á um festival para encerramento das provas.

LÁ FORA

A selecção nacional de futebol da União Soviética acaba de ser entregue a um novo treinador, em consequência de terem sido dispensados o treinador principal e os treinadores adjuntos, respectivamente Valery Lobanovski, Oleg Bazilevitch e Yuri Mogozov.

O novo responsável pela equipa soviética é Mikita Simonian, muito conhecido por ter alinhado durante dez anos pelo Spartak de Moscovo, como avançado-centro, posição em que marcou 142 golos.

Simonian iniciou a sua carreira de treinador, com 33 anos (em 1959) na equipa do Spartak, a que agora regressa, depois de ter treinado o Arat-Erevan, que em 1973 conquistou o campeonato e a «Taça da U. R. S. S.»

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Conjuntos; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Cantorias; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Orquestras; **21.00**: Contraponto __ editorial; **23.05**: Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa; **24.00**: Fecho.

2.º Programa

16.15: Duas versões da mesma obra; **16.55**: Pequenas obras de grandes compositores; **17.15**: Poemas sinfónicos; **17.50**: Conjuntos instrumentais; **18.30**: Obras de Bruckner; **20.00**: A Sonata em lá maior, para violino e piano, de Cesar Frank; **20.35**: Música de Vivaldi; **21.00**: Ciclo de melodias; **21.25**: Música de bailado; **22.00**: Conjuntos instrumentais; **22.30**: Música de Grieg; **23.00**: Música para piano, de Chopin; **23.40**: «Missa Aleã», para córo misto, instrumentos de sopro e órgão, de Schubert; **00.13**: Música de câmara; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão nacional; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**: Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.15**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Emissão regional __ contacto; **21.15**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: Nocturno; **00.00**: Emissão nacional; **01.00**: Emissão nacional; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00**: Emissão local; **19.00**: Entardecer __ VER;OUVIR:::ECOMENTAR;**19.30**: Odiário de sábado (repetição); **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.05**: Trechos seleccionados; **18.15**: Igreja em notícia __ palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **21.05**: Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Dicionário político; **00.00**: Meditando; **02.00**: Encerramento.

1001
VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)
PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA: Av da Liberdade, 16C • Telef 371341
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef 379 21
COIMBRA: Rua da Sota 2 • Telefs 27011/2
FARO. Rua Cons Bivar 65 • Telefs 25035 6

O traço de Pargana

Tomar banho e arrancar para a bola

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental, o ceú estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima 29,5º

RÉGUA

Mínima 7,5º

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	20º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	20º
FARO	20º
FUNCHAL	24º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.41	3,5 m	6.21	1,6 m
13.05	3,7 m	19.10	1,4 m
Dia 5			
1.41	3,7 m	7.27	1,4 m
14.00	3,9 m	19.59	1,2 m
Dia 6			
2.30	3,8 m	8.12	1,2 m
14.47	1,4 m	20.39	1,0 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 7.09
OCASO ÁS 20.01

DIA 8 DIA 16 DIA 23 DIA 30

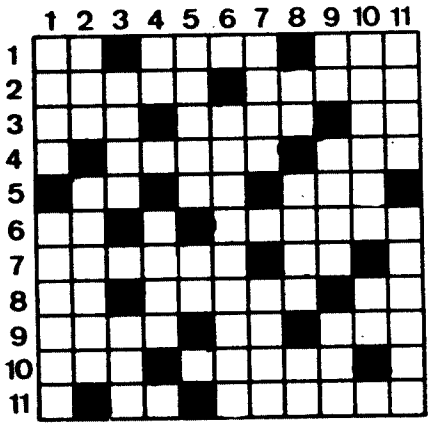
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11462

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Nome de mês. Personagem da literatura fantástica inglesa.
2 Percebem. Não nascida.
3 Ecoe. Descerro. Érbio (s. q.).
4 Aeróstato. Cidade de França.
5 Le. Érbio (s. q.). Raer.
6 Autores. Rataras.
7 Instrumento de vidro usado nalguns laboratórios. Gálio (s. q.).
8 Em partes iguais. Económico. Prefixo de negação.
9 Pequena porção de qualquer alimento. Seguia. Primeira parte do nome de uma rainha do Egipto, cujo túmulo foi descoberto por Mariette em 1859.
10 Guarneço de asas. Marcar o peso da tara em.
11 Satélite de Júpiter. Estado do Sul da Índia.



VERTICAIS:

1 Pronome demonstrativo. Acometer.
2 Extremidade do braço. Atravessais.
3 Boneca. Artigo definido. Quadrúpede ruminante.
4 Pronome pessoal. Sustento com estacas ou varas (a videira).
5 Género de coleópteros tetrâmeros. Deus dos pastores.
6 Besuntariam.
7 Metal precioso de cor amarela. Rosto.
8 Em o. Ruga na pele. Nesse lugar.
9 Miriare. Nome de fruto. Donzela de Orleães.
10 Inflamara. Seguia.
11 Nome com que os negros feiticistas da Baía, designam S. Jerónimo (bras.). Fantasiar (fig.).

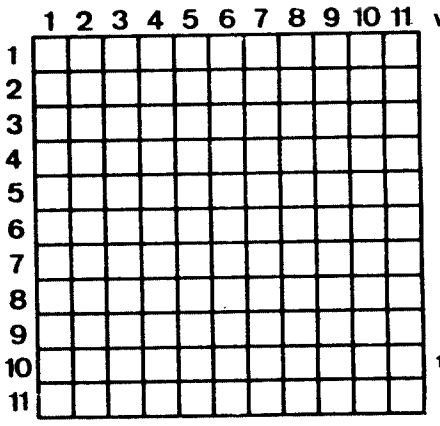
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7622

HORIZONTAIS:

1 Bebida alcoólica da antiga Índia Portuguesa. Amofinar.
2 Naipe das cartas de jogar. Prendera com elos.
3 Fileira. Coragem.
4 Cobalto (s. q.). Nome de homem. Antes de Cristo.
5 Falda. Camareira. Pedra de altar.
6 Zombem. Direcção.
7 Cidade de Itália. Planta têxtil do Ceará.
8 Nome de mulher. Vende a crédito.
9 Letra grega. Amargo. Boro (s. q.).
10 Esteiro. Terceiro. Utensílios domésticos.
11 Irmão de Moisés. Corpo celeste.



VERTICAIS:

1 Género de insectos dípteros. Aparelho de ginástica.
2 Nesse lugar. Tarefa. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
3 Larva das feridas dos animais. Encoleriza. Atmosfera.
4 Ave semelhante à pomba. Ópera de Verdi.
5 Guarneceram de asas. Bisnaga.
6 Pronome pessoal. Suspiro.
7 Andar para trás. Sem calor.
8 Impulso. Repouso.
9 Pátria. Tenebrosa. Platina (s. q.). 10 Aparência. Jarro (planta). Botequim.
11 Ordinário. Que tem muitos anos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11461

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 A. VERDADE.	1 ANDA. NA.
2 Sá. Arrá. Há.	2 Só Amainar.
3 Aoros. Roles.	3 Varina. Nuca.
4 Cua. Are.	4 Criaras.
5 Dança. Sarda.	5 Rasca. Roia.
6 Amar. Agar.	6 Dr. Aca
7 Camada.	7 Arras. Asir.
8 Ninaras. Vê.	8 Dão. Aam. Vir.
9 Anuro. Ivá.	9 Largavam.
10 Açai. Rimar.	10 HERDADE. An.
11 Brasas. Nó.	11 Caseara. Oro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7621

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Ladra. Aaça.	1 Lamas. Arpar.
2 Amei. Agra.	2 Amarai. Iglu.
3 Más. Anã. Aer.	3 Destinar. És.
4 Artur. Resma.	4 Ri. Dramas.
5 Sai. Dia. Tão.	5 Ardias. Sa.
6 Índia. Bar.	6 S.N. Ias.
7 Aras. Or.	7 Ara. Ac.
8 Rirás. Álamo.	8 Ma. Bolota.
9 Pg. Ac.	9 Agastara. Am.
10 Áleas. Ataca.	10 Cremar. Maçã.
11 Russa. Camas.	11 Aarão. Socas.

PROVÉRBIO: A VERDADE ANDA NA HERDADE.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES

Rua Rosa Falcão, 9-2.º — COIMBRA

COMUNICADO

ALERTA TRABALHADORES DO SECTOR CERÂMICO !!!

CAMARADAS :

O custo de vida, tem nos últimos tempos, subido assustadoramente. O patronato teima em não o querer compreender, contrapropondo uma tabela salarial, muito aquém do considerado rasoável pelos trabalhadores e seus órgãos representativos.

Deste modo entende a Comissão Negociadora Sindical levar a efeito plenários por todo o País, para auscultar a posição dos trabalhadores sobre a TABELA SALARIAL.

Serão realizados os seguintes plenários :

ZONA DE LISBOA :

Dia 2/9 pelas 17 horas na Fábrica de loiças de Sacavém; Dia 2/9 pelas 17 horas na Fábrica «Abrigada»; Dia 2/9 pelas 17 horas na Fábrica Cerâmica de S. Paulo; Dia 2/9 pelas 19.30, em Ramalhal; Dia 3/9 pelas 17 horas, na Fábrica V.va Lamego em Lisboa; Dia 3/9 pelas 17 horas, na Fábrica Somapre em Alverca; Dia 3/9 pelas 17 horas, na Fábrica Gaeiras & Quental em Lisboa; Dia 4/9 pelas 17 horas. em Amiais de Baixo; Dia 11/9 pelas 16 horas, no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

ZONA DE COIMBRA :

Dia 4/9 pelas 9 horas, no INATEL em Coimbra.

ZONA DE AVEIRO :

Dia 5/9 pelas 9 horas, na sede do Sindicato de Cerâmica em Aveiro; Dia 5/9 pelas 9 horas, no salão dos Bombeiros na Mealhada.

ZONA DE LEIRIA :

Dia 11/9 pelas 14 horas, no Cinema em Alcobaça.

ZONA DE VIANA DO CASTELO :

Dia 5/9 pelas 10 horas, na Sede do Sindicato de Cerâmica em Alvarães.

ZONA DE SETÚBAL :

Dia 4/9 pelas 10 horas, na Banda Democrática 2 de Janeiro, no Montijo; Dia 5/9 pelas 10 horas, no INATEL em Setúbal.

ZONA DE FARO :

Dia 12/9 pelas 10 horas, em Paderne Mem Moniz, Algarve.

CAMARADA : NÃO FALTES !
LUTEMOS POR UM CONTRATO JUSTO !

EM FRENTE COM O C.C.T. VERTICAL !
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS !

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

Até às 22 horas

ALMIRANTE REIS
Lusa, Avenida Almirante Reis, 199-A (telef. 41269).
Alvalade
Zil, Avenida da Igreja, 9 D/E (telef. 711780).
AVENIDA DA LIBERDADE
Galésica, Rua das Pretas, 12/14 (telefone 322588).
Avenidas Novas
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 288-A (à Feira Popular e Avenida 28 de Maio, (telf. 763016); Candeira, Aven. Duque d'Ávila, 32-C (esquina da Aven. da República) (telf 43495).
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Aven Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (telef 790969)
BELÉM
Gomes Rua da Junqueira, 326 (telef. 638193).

BENFICA
Benfiuz, Estr de Benfica, 444-A (telef. 782606).
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C telef. 687475.
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro Rua de Campo de Ourique, 131-133 (telef. 68660)
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calç. do Marquês de Abrantes, 36-A (telef 664238)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (telef 311237).
RATO
Soares, Aven. Alvares Cabral, 1 (telf 684282)

TURNO A-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Bairro, Rua Prior Crato, 25 (telef. 661321).
ALVALADE
Lusitana, Aven. de Roma, 18-A (telef. 725443); Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Av. dos Estados Unidos da América) (telef. 721409)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36/42 (telef. 41961/54672)
BAIRRO ALTO
Pimaranda, Rua da Rosa, 94/96 (telf. 321534)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (telef. 311216)
BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Fanqueiros, 26 (tel 326575).
CAMPOLIDE
Rosil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, (tel. 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Unitro, Rua Saraiva de Carvalho, 145-F (telf. 663643)
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (telf. 44438)
LAPA
Neves, Rua da Bela Vista, à Lapa, 37 (telef. 661251).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B (telef 791131).
PENHA DE FRANÇA
Carmondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (telef. 842518).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (tels. 720703-88395).
SÃO VICENTE
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (telef. 862333).
XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30/32 (telef 381279) (FRAMÁCIAS DE COIMBRA)

LINHA DE SINTRA

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.2112048)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Macau, R.J.Elias Garcia, 60-C (T.2471785). Toda a noite
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
L pes, R.Hangar, 3 (T.260008). Toda a noite
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214). Até às 22 horas; Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170). Toda a noite

LINHA DE CASCAIS

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); Campos, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); Clabel, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Serra e Pinto, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Misericórdia, Vila (T.2930391)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Risa, 8 (T.204250)
ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.2750504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Piçarra, Av. Bocage, 65-A (T.2074771). Até às 19 horas; Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T.2073207). Serviço permanente
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, P.5 de Outubro, 62 (T.270121)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Diogo, R.Almirante Reis, 50 (T.2310032)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T.22488); Louro, R.Frei António Chagas, 24-A OT.24491)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 18

ATÉ ÀS 22 HORAS

Constituição, R.d Constituicao, 93 Ferreira de Carvalho, R.do Bonjardim, 354 Ramos, P.do Exercito Libertador 91 Figueiredo, Ld.ª R.de Cedofeita, 125 Sousa Soares, R.de Santa Catarina, 141 Vitoria, R.d S.Roque da Lameira, 756

TODA A NOITE

Parente R.das Flores, 114 Canavarro R.da Restauracao, 53 Padrao R.de Santo Ildefonso 342 Sanil E.do Paraiso 2-4

COIMBRA

Baptista — Praça da República, 9, telf. 23747; Estádio — Rua do Brasil, 348, telf. 24410; Miranda — Praça do Comércio, 41, telf 23261.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulheres»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«O Mundo Fantástico da Magia»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As Coisas que o Padre Far-

ADOQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (13 anos)
«Circulo de Giz Caucasiano»
MARIA MATOS 21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»

LISBOA/Cinemas

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
«Eramos Deuses Astronautas?»
CINEBOLSO
19.00 e 21.30 (18 anos)
«Salão Elizabeth»
PARIS
21.00 (18 anos)
«Meninas Bem»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«4 Cavaleiros do Kung1Fu»
JARDIM
21.15 (10 anos)
«Longe da Multidão»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Bela, Rica, com pequeno defeito físico pretende cavalheiro»
EUROPA
21.30 (14 anos)
«Bandoleiro»
CAPITÓLIO
20.30 e 22 (18 anos)
«Garganta Funda»
LUMIAR
21.15 (13 anos)
«Incêndio em Roma»
IDEAL
21.30 (18 anos)
«A Lenda da Casa Assombrada»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Um Crime no Expresso do Oriente»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Palácio
16.00 e 21.15 (18 anos)
«História de um Patife»

CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«A Última Golpada»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Soldado Azul»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle, a Anti-Virgem»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«A Casa dos Diamantes»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (10 anos)
«Trazan e a Mulher Leopardo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Verdade Daquela Noite»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Super Fly»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.15 (13 anos)
«Trinita cow-boy insolente»

SA DA BANDEIRA
22.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Passado Inesquecivel»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«As Motas do Inferno»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Historia d'O»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sexo-Porno»

BATALHA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«Os violinos do Baile»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiqao»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«O homem da Lei»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Fugitivo da Ilha do Diabo»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Quatro lados para um triângulo»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Mamas de bem»

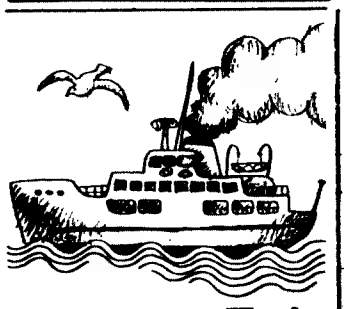
JULIO DINIS
21.15 (18 anos)
«ExtaseSexual»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Os Canhões de Navarone»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«História d'O»

GIL VICENTE
21.15 (10 anos)
«Longe da Multidão»



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS levada a efeito numa das modernas embarcações dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00, crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço embarque 08.00 horas desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda nas estações de Lisboa no GITUS (telef. 53981-362501-681178) e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197)

CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

cinemas ● cinemas ● cinemas

CASTIL

Tel. 63019415.00, 17.00, 19.00, 21.15

Se gostou da Helga não perca

MICHAEL E HELGA

c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi

Não acons. menores 13 anos

Hoje às 24 h Antestreia

OS SUPERHOMENS CONTRA AS AMAZONAS

Não acons. menores 13 anos

IMPÉRIO

Tele. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15

O filme imortal que lançou Barbra Streisand!

FUNNY GIRL

(Uma rapariga endiabrada)

com Omar Shariff

Um filme de William Wyler
Óscar melhor actriz — 70 mm écran gigante

Não acons. menores 13 anos

POLITEAMA

Tel. 32380514.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores 18 anos
3.ª semana — lotação esgotada

ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA

ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

15.30, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos

HITOIRE D'O

2.ª semana

com Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA

Contém cenas eventualmente chocantes

D. JOÃO V DAMAIA

Tel 971794 21.15

A DOCE VIDA DO DELICADINHO

Às 24 h (Maiores 18 anos)

A IMAGEM DO MEDO

PALACIO FOZ

Não acons. menores 13 anos

FORTE APACHE

Sessões 15.00, 18.00 e 21.00

Bilhetes: Esc.: 5$00

Iniciativa da Direcção-Geral de Acção Cultural

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 15.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história imortal! um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard

13.ª semana

EDEN

Tel. 320768 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O primeiro grande filme de artes marciais e terror!

KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO

um filme de Roy Ward Baker

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos

4.ª SEMANA DE ENCHENTES

Um filme que revive o drama das mães solteiras

O DIREITO DE NASCER

com Aurora Bautista e Julio Aleman

5.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70

Tel. 76331114.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. menores 18 anos

YAKUZA

4.ª semana

ACONTECEU NO OESTE

Amanha as 11 h (Para todos)
ERA UMA VEZ... WALT DISNEY

CASINO ESTORIL

Tel 264521/264996 17.00, 21.15

Nao acons. menores de 13 anos

BREVE ENCONTRO

S. JORGE

Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

Não acons menores de 13 anos

George C. Scott
E TUVO O BANCO LEVOU

(Rank Short) Colorido-Panavision

RESTELO

Tel 610376 21.00

Interdito a menores de 13 anos

PATO COM LARANJA

AVIS

Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15

Nao acons. a menores de 13 anos

BOBBY

A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.00, 17.00, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE A ANTIVIRGEM

16.ª Semana

CARLOS MANUEL SINTRA

Tel. 2930304 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A TORRE DO INFERNO

UNIVERSAL

Tel. 774402 14.30, 20.30

CICLO EISENSTEIN de 2 de Setembro a 8 de Setembro (inclusive)
14.30 (não acons. men 18 anos)
GREVE
16.30, 22.30 (n/acons. m 13 anos)
OUTUBRO
20.30 (Para todos)
A LINHA GERAL
Dia 4 9 às 0.30 h
Interdito a menores 18 anos
IREI COMO UM CAVALO LOUCO

CONDES

Tel. 32252314.00, 16.30, 18.45, 21.15

Nao acons. menores 18 anos

A MULHER POLÍCIA FAZ CARREIRA

Com Mario Carotenuto

BERNA

Tel. 776098 15.15, 18.15, 21.15

Nao acons. a menores de 13 anos

Treine-os! Excite os! Arme-os! ... Largue-os em território nazi!

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

um filme de Robert Aldrich

3.ª Semana

LONDRES

Tel. 80131314.00, 16.30, 18.45, 21.15

Nao acons. a menores de 18 anos

O filme de Ingmar Beruman

O AMANTE
(The Touch)
com Bibi Andersson e Elliott Gou.

Hoje as 24 h
Interdito a menores de 18 anos
ABRE FALIDO A 99 %

ROXY

Tel. 48550 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Nao acons. a menores de 18 anos

Edwige Senechem

A ESPOSA VIRGEM

com Carol Baker

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

2.ª Semana

HISTOIRE D'O

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE

Tel. 897480 15.00, 18.00, 21.15

Para todos

O ESTRAVAGANTE DR. DOLITLE

O super espectáculo das ferias em 70 mm

PATHÉ

Tel. 821933
14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24.00

Interdito a menores de 18 anos

O amor para além dos corpos

HISTOIRE D'O

2.ª semana

Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS

Tel. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores 18 anos

8.ª Semana de lotações esgotadas

CHOVE EM SANTIAGO

O Chile de Allende a Pinochet

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Os alvos dos terroristas

Continuação da pág. 1

Assim, a Direcção da Organização Regional do Norte (DORN) do PCP manifestou a sua solidariedade ao Partido Socialista «face ao cobarde atentado que atingiu a sua sede no Porto».

«Estes rebentamentos vêm confirmar que as redes terroristas não foram destruídas, que o seu desmantelamento foi apenas iniciado e que muitos dos criminosos continuam em liberdade preparando novos atentados» diz uma nota da DORN, prosseguindo:

. «A DORN do PCP vem, uma vez mais, reclamar que as investigações iniciadas prossigam até ao completo esclarecimento e castigo dos responsáveis por mais de seis centenas de atentados neste último ano. As pressões que a direita reaccionária vem fazendo para paralisar as investigações, para confundir e mistificar a opinião pública com uma nova campanha de diversão anticomunista, para ocultar o envolvimento de conhecidas figuras de direita no processo, têm de ser vencidas. A verdade tem de ser conhecida. Todos os responsáveis têm de ser presos, julgados e condenados».

Por sua vez, a Federação Distrital do Porto do Partido Socialista «denuncia mais estes actos desesperados dos inimigos da democracia em Portugal, que procuram na agitação e desestabilização do País o caminho criminoso para o regresso ao passado». E acrescenta: «A recuperação do País passa pela solidificação das estruturas democráticas, pelo trabalho e pelo empenho de todos os socialistas e pela punição justa daqueles que, atropelando tudo, pretendem empurrar o povo português para a ruína e o caos».

Finalmente, a Comissão Política Regional do PPD e a Juventude Social-Democrática emitiram, ao princípio da noite comunicados condenando os actos de violência ali registados e fazendo um apelo ao Presidente da República, ao Governo e aos órgãos militares competentes para uma intervenção imediata, com vista à prisão dos autores dos atentados e seu exemplar castigo, e ainda para que sejam tomadas medidas no sentido de acabar com esta onda de violências.

Vorster e Kissinger discutem África Austral

. A África do Sul acusa uma grande inquietação: negros e mestiços contestam a autoridade do Governo minoritário branco de Pretória. Desde Junho que os incidentes se vêm sucedendo, tendo culminado na greve de três dias dos trabalhadores do Soweto. Ontem milhares de mestiços fizeram alastrar os incidentes até à Cidade do Cabo. Segundo números não oficiais, teriam sido abatidas quatro pessoas a tiro. Sabe-se também que a Polícia disparou ontem caçadeiras para dispersar estudantes liceais. Muitos ficaram feridos e um morreu.

De acordo com a Reuter, «contingentes da Polícia de choque empurraram alguns manifestantes para dentro de um parque subterrâneo para estacionamento de automóveis, fecharam todas as entradas e dispararam lá para dentro granadas de gás lacrimogéneo. Peões, lojistas e empregados de balcão desmaiaram também devido ao gás. Um agente da polícia de segurança afirmou que o centro da cidade «parecia uma câmara de gás.»

. Vorster e Kissinger, como oportunamente já foi noticiado, encontram-se hoje em Zurique para discutir a situação da África Austral: República sul-africana, Rodésia e Namíbia.

Um grupo esquerdista militante suiço, denominado «POCH», pretende realizar uma manifestação de protesto pela presença no país dos dois estadistas. Motivo: ser a Suiça um país neutro, «alheio (segundo o grupo) a qualquer assunto político respeitante a países estrangeiros».

Noticia-se, entretanto, que o presidente Julius Nyèrere, da Tanzânia, convidou os chefes de Estado de países com fronteira com a Rodésia para «uma importante cimeira», a começar amanhã. A essa cimeira estarão presentes representantes da SWAPO, organização que luta pela libertação e independência da Namíbia.

Secretário-geral da E.F.T.A. regressou a Genebra

Terminou ontem a sua visita a Portugal, regressando a Genebra, o secretário-geral da EFTA, embaixador Charles Muller, que se encontrava em Lisboa desde 31 de Agosto.

Numa conferência de Imprensa realizada ontem no Ministério dos Negócios Estrangeiros, a que também estiveram presentes o ministro do Comércio e Turismo, dr. António Barreto, e o secretário de Estado da Emigração, dr. João Lima, o embaixador Charles Muller referiu que esta sua visita teve por fim, nomeadamente, ajustar com as autoridades portuguesas a entrada em funcionamento do fundo criado pela EFTA, para o desenvolvimento industrial de Portugal, o que se prevê venha a acontecer dentro de um mês ou mês e meio.

Esse fundo, criado pelo Conselho de Ministros da EFTA na sua reunião de Novembro de 1975, é do montante de 100 milhões de dólares (3 milhões e 300 mil contos), tendo Charles Muller sublinhado que a solidariedade dos países membros da EFTA, expressa naquele fundo, não corre o risco de ser interrompida ou cancelada pelo facto de Portugal vir a aderir ao Mercado Comum.

Charles Muller, que deu vários esclarecimentos aos jornalistas sobre o funcionamento do Fundo, destacou a particular importância desta sua visita a Portugal, por se tratar de um país que tem o seu primeiro Governo Constitucional desde a Revolução de 25 de Abril — visita essa que se insere numa série de visitas de cortesia que está a efectuar às capitais dos países da EFTA, associação de cujos conselhos Portugal assume a presidência no último semestre deste ano, através do ministro do Comércio e Turismo, António Barreto.

De salientar, a propósito, que a próxima reunião dos Conselhos Ministeriais da EFTA terá lugar em Portugal no próximo mês de Novembro, nela estando presentes os ministros do Comércio dos países que pertencem à Associação Europeia de Comércio Livre e que lhe estão associados.

Em representação do ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, ausente na Alemanha Federal, o secretário de Estado da Emigração, disse do agrado em receber Charles Muller. «No momento em que Portugal assume a presidência da EFTA — momento muito importante para a vida política e económica portuguesa, em que a EFTA vai representar, com toda a certeza, um elemento de valiosa ajuda».

«Por outro lado — salientou João Lima — o primeiro Governo Constitucional definiu a sua nova política externa em termos de uma maior aproximação da Europa, de acordo com a tradição, a geopolítica e os interesses dos portugueses», de forma que a presença do embaixador Muller naquele Ministério «tem um significado muito especial, que se liga não só à intensificação das relações com os países da Europa e os organismos europeus, como também demonstra a projecção e importância que Portugal vai tendo, na sua medida, ao nível político e económico, para a Europa».

Também a anteceder Charles Muller, falou o ministro António Barreto. Frisou que o visitante, desde que assumiu as funções de secretário-geral da EFTA, tem vindo a desenvolver considerável esforço na análise e no estudo das questões portuguesas, bem como a acelerar e a qualificar todo o esforço que aquela associação está a fazer em relação a Portugal.

Além de ter sido recebido em audiência pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, Charles Muller manteve conversações com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Plano e Coordenação, Finanças, Comércio, Indústria e Tecnologia.

Saliente-se, entretanto, que o conjunto dos países da EFTA, (Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia e Suíça) que tem ocupado o segundo lugar nas relações comerciais externas de Portugal, contribuiu no primeiro semestre deste ano com 9,6 por cento do total das importações portuguesas (5221 milhares de contos) e com 15,9 por cento das exportações (4174 milhares de contos).

Alpoim chefe do E.L.P. expulso da Espanha

O ex-comandante Alpoim Calvão foi intimado a abandonar o território espanhol e, segundo notícias chegadas a Lisboa, teria passado a fronteira pirenaica a caminho de Paris.

Esta decisão de considerar Alpoim Calvão, conhecido como chefe do E.L.P., «persona non grata» pode enquadrar-se em deligências que, em Madrid e em Lisboa, visam a afastar motivos que prejudiquem as relações entre os Governos Suarez e Soares. Na imprensa portuguesa houve quem interpretasse o afastamento de Alpoim Calvão como uma deferência das autoridades espanholas à qual se teria correspondido, por parte de Portugal, impedindo a realização, no nosso País, da «Semana de Solidariedade com os Universitários Espanhóis».

De qualquer modo a medida tomada contra a presença em Espanha de Alpoim Calvão tem lugar no momento em que corriam informações sobre uma incursão do chefe do E.L.P., em território português. Recorda-se que também o ex-general António de Spínola foi em tempos convidado a retirar-se de Espanha.

Relações com Angola

Continuação da pág. 1

de Vexa. que seguramente será muito bem acolhido pelo povo português. Meu Governo está igualmente disposto restabelecer relações diplomáticas no imediato com a República Popular de Angola, relações que contribuirão decisivamente para o reforço dos laços de amizade entre os povos de Portugal e Angola. Pela nossa parte creia Vexa. que há a vontade política de encontrar as soluções que permitam ultrapassar em curto prazo as dificuldades actuais, na igualdade, no respeito mútuo, na amizade e tendo sempre em conta o princípio de não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados. Aproveito para endereçar a Vexa., sr. ministro, os meus melhores votos pessoais e para lhe apresentar os meus cumprimentos.»

MOÇAMBIQUE: EMBAIXADA EM LISBOA

. .Entretanto, e segundo a Anop, «A embaixada da República Popular de Moçambique em Lisboa deverá já estar instalada, e a funcionar, em fins de Outubro».

Segundo a mesma fonte, «o Governo moçambicano está neste momento em vias de concluir a aquisição do edifício em que a sua representação diplomática ficará instalada».

Recorde-seque«aEmbaixada de Portugal no Maputo começou a funcionar logo após a independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975. Desde que o primeiro embaixador português, Albertino de Almeida, foi mandado regressar a Portugal, o lugar não voltou a ser ocupado».

Presume-se que com a instalação da embaixada moçambicana em Lisboa e a nomeação de um embaixador, Portugal venha a nomear um novo diplomata para titular da Embaixada no Maputo.

Últimas

●

. PASADENA (CALIFÓRNIA), 4 — (F. P.) Já foram restabelecidas todas as comunicações com os dois módulos da Sonda Viking-2 e as primeiras fotografias de Marte tiradas do solo mostram um terreno desértico, segundo anunciou esta manhã um porta-voz do centro espacial de Pasadena.

●

. ANGRA DO HEROISMO, AÇORES — (ANOP) Cerca das 21,40 de ontem o avião de nacionalidade venezuelana C-130, despenhou-se em chamas no Canadá das Vinhas a 200 metros da pista do Aeroporto das Lajes, na Ilha Terceira.

Presume-se que transportava o orfeão académico de Caracas, num total de 60 componentes, e 8 tripulantes. Não há sobreviventes e o avião ficou despedaçado, restando apenas a cauda inteira.

Desconhece-se ainda a causa do acidente.

Suspensa a publicação da revista "Flama"

. «A administração fez em cinco minutos aquilo que o Governo ainda não conseguira fazer em relação à Imprensa estatizada durante este tempo todo» — disse-nos esta manhã um trabalhador da FLAMA, revista semanal de carácter informativo e progressista, cuja publicação foi suspensa por ordem da administração que cortou o financiamento para a confecção e distribuição do número que já estava, parcialmente, nas oficinas.

A administração, neste caso, é a Comissão Administrativa do Crédito Predial Português, organização bancária, que, como várias outras, também tratou de adquirir o seu órgão de Informação, antes do 25 de Abril, com os resultados que estão à vista.

Os trabalhadores da Flama emitiram ontem um comunicado sobre a questão em que advertem para as consequências da suspensão e que será, segundo eles, o primeiro passo para o seu completo desaparecimento, podendo vir a traduzir-se «numa importante e significativa perda do actual quadro da Informação em Portugal, dado que é uma das poucas vozes independentes e progressistas ainda existentes».

Segundo os dados conhecidos, a Flama teria dado um prejuízo de 12 mil contos durante o último ano o que eleva a 30 mil a responsabilidade da empresa perante o Crédito Predial. No fundo, são as consequências remotas da política de Imprensa anterior ao 25 de Abril e o enquadramento na crise geral que os órgãos de Comunicação atravessam. A Flama fora vendida ao Crédito Predial pela Igreja, sua detentora, através da União Gráfica, que era também proprietária do jornal «Novidades», entretanto encerrado.

A suspensão causou reacções muito vivas dos trabalhadores por ter sido feita sem qualquer consulta à Redacção e demais funcionários da empresa e por telefonema directo da Comissão Administrativa do C. P. P. para a casa de obras, no «Século».

Para já, não há qualquer indicação acerca do pagamento de salários, nem ameaças da sua suspensão.

«PROGRAMA 3» SUSPENSO DE MADRUGADA

Por decisão da Direcção de Programas da R. D. P., foi suspenso entre as duas e as seis horas, o «Programa 3» (ex-R. C. P., OM). De acordo com informações obtidas esta manhã, a decisão, já prevista há bastante tempo, assenta no facto «de não se justificar» que estejam no ar duas estações de madrugada», e, ainda, por se tornar necessário que os transmissores descansem. Na prática a suspensão deste programa quer dizer que a partir de agora, o público não tem qualquer opção entre as duas e as seis, ficando obrigado a ouvir o «Programa I».

DOIS FUNCIONÁRIOS DEMITIDOS DA RTP

Foram ontem demitidos das funções que exerciam no departamento de Informação da RTP, Helena Vaz da Silva e Vicente Jorge Silva, respectivamente chefe da Divisão de Actualidades e coordenador de serviços. De acordo com informações obtidas esta manhã, as duas demissões estarão relacionadas com um incidente ocorrido em torno do programa «Agosto 76».

AS GRANDES MEDIDAS ECONÓMICAS

Uma recente ordem de serviço emanada da administração do «Diário de Notícias» cortava aos funcionários reformados da empresa o direito de se servirem da cantina.

Quem conhece as grandes dificuldades com que se debatem os reformados, não pode deixar de estranhar tão desumana medida.

Será que é assim que se entra efectivamente na via das medidas de austeridade?

SIMPATIAS

Depois da visita do Presidente da República ao brigadeiro Pires Veloso, no passado fim-de-semana, os jornalistas tentaram, junto do visitado, recolher informações sobre o teor do encontro.

Nada feito. Receberam como resposta que quanto a jornalistas só havia ordem para introduzir, junto do sr. brigadeiro, o director de «O Comércio do Porto»...

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES

ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

Silêncio

Andava a desgraçadinha / no gamanço ... / p'ró filho tuberculoso / tralála ... No final, os clientes em coro: «O Fado é qu'induca e o vinho é qu'instrói!»

A partir daqui, oferecemos-lhe o fado em réu. Uma pequena abordagem do fado profissional, amador e vadio.

É que o fado tem responsabilidades tremendas no conformismo da gente. Ele é triste, amargurado, conformista, chato. E depois, se não for assim não se chama fado, será outra coisa qualquer. Portanto, ou fado ou sopas.

E para ser fado do autêntico, genuíno, de pura cêpa, verdadeira «canção nacional», a musa do poeta haverá de ser, ainda e sempre, a coxinha, o amante, a prostituta, o polícia, a mãe, o pai e o filhinho. Já agora, a madrasta, o marido, o toureiro e o lupanar.

Um lugar-comum em mil letras de fados: a conciliação do rico e do pobrezinho, a virtude da costureira que casou com o marquês, a guerra colonial que lhe levou o filho mas trouxe a honra da medalha. (Nessa altura, conta-se (canta-se) que a pobre mãe não sabia se devia chorar de tristeza, pelo filho morto, se de alegria pelo dever cumprido).

E claro que não se arruma, assim, com tres penadas, a força do fado. Há quem jure que ele vem dos tempos de Viriato, e reza a lenda que em Alcácer-Quibir foram encontradas milhares de guitarras.

Em 1931, Fernando Lopes-Graça considerava «o fado, cancro da vida e da cultura nacionais...» Em 1949, Miguel Torga gozava como um turco; «Fados. Fados em todos os estilos e sentimentos. Quer queiram, quer não, em arte, o melhor que Portugal deu na época presente foram fadistas. Nenhum criador se levantou à altura das nossas cantadeiras. A Maria de Noronha, a Amália e a Hermínia são agora o Antero, o Eça e o Oliveira Martins».

Tudo isto existe / tudo isto é triste / tudo isto e Fado ...

desencanta-se o Fado

suplemento semanal

sete PONTO sete

televisão 5

discos
7 j. p. santos reis

livros
miranda rocha 9

teatro
10 carlos porto

cinema
jorge leitão ramos 11

Lisboa, de 4 a 10 de Setembro de 1976
Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de Rodil Garcia

Não é propósito de ninguém desta casa Sete-Ponto-Sete desancar no fado sem mais aquelas. Até porque isto do fado já vem de longe e os fadistolatras caíam-nos em cima. Além disso, também o futebol tem a sua quota num processo que alienou alguns milhões da nossa família. Para não falar de Fátima e da Cova de Iria, com o sacrifício de três pastorinhos que não tinham feito mal a ninguém, metidos ao trabalho honesto de pastorear as cabras de um latifundiário qualquer.

O que se passa é que ao fado acrescentaram «canção nacional», institucionalizaram-no, e, se não nos defendemos, constitucionalizam-no. Acabamos por ser levados, nós também, a cantar em dó.

Ao tempo dos nossos avoengos — para dar uma imagem: o avô da avó do Marceneiro — o fado era todo ele na linha dos dicionários: *FADO, s.m., (do latim fatu-). Decreto do destino, vaticínio, oráculo, profecia, fortuna, sorte, destino, estrela, fadário, sina / Aquilo que há-de acontecer, que é fatal; agouro; praga / Canção popular, típica do sentimento português / Vida pública de prostituição; o fim da vida / A fatalidade; a Providência.*

Os tempos foram andando, e chegámos à guerra colonial. O regime não precisou de publicar um anúncio «Poetas, precisam-se» que eles apareceram, espontâneos. Do fadário sugerido pelos dicionários (a desgraça caseira) passou-se rapidamente a cantar, à guitarra e à viola, a gesta dos portugueses em Angola, Moçambique e Guiné.

E vemos o fado, durante anos voltado para as grandezas e misérias da cada da Mariquinhas, meter-se por caminhos turtuosos, num pacto com o colonialismo. Desgraça por desgraça, passa-se a contar a história do soldadinho que foi para a guerra defender os seus irmãos negros, tão portugueses como ele. (Façamos aqui um aparte: Salazar e Marcelo nunca perdoaram aos seus ministros não terem descoberto um Eusébio ou um Cibanga do fado. Tinha cá um impacto!...)

Há mesmo um fado, que ouvimos aqui há tempos num restaurante típico da Feira Popular, cuja letra é um encanto: tudo à volta de um generoso soldado que tinha por mascote um negrinho. A certa altura a sua coluna é atacada pelos bárbaros, e o tropa deixa-se matar para salvar a criança. (Diga-se em abono da verdade que quando o fadista termina aquilo, tem o público na mão.)

Outro fado muito procurado pelos coleccionadores, ainda relacionado com a obra maravilhosa de Portugal em África, é aquele onde se conta as peripécias de um homem negro, «português de Angola», que o acaso levou um dia aos Estados Unidos. Com rimas impecáveis, diz-se na letra que esse português caminhava por um passeio, quando certo polícia o advertiu: aquele passeio não era para tipos da sua laia. Vai daí, o homem abriu a camisa e mostrou ao guarda a Bandeira Nacional. Ao ver tão lindo estandarte — afirma o poeta — o polícia pede desculpa e diz-lhe: Vossa Excelência pode passar à vontade...

Os exemplos nunca mais acabam. Repare-se: Em certa escola / de um país estrangeiro / o mestre chama ao Atlas um petiz / e diz-lhe, meu rapaz, com o ponteiro / Aponta nesse mapa o teu País... O rapazinho não se embaraça / olha a carta da Europa, e no final / orgulhoso, gentil, sereno traça / todo o nosso País continental...

O faducho prossegue: A tua terra, diz-lhe o professor / julguei que fosse uma nação tamanha / tamanha como a França ou a Inglaterra / como a Itália ou como a própria Espanha...

Na tréplica, o rapazinho lembra ao professor que: temos colónias / Moçambique, Macau, Timor, Angola, / e temos além disso muitas ilhas... E a fechar: É certo, quem desdenha quer comprar / mas o meu Portugal nunca se vende!

Este chauvinismo, do puro, em directo de Nicolau Chauvin, marca uma grande parte dos fados que o País ainda consome. Mas a característica mais «saborosa» é talvez o *ciúme*. Fado sem uma pitada de ciúme não faz grande carreira.

No seu livro «A Mitologia Fadista», porventura a mais desenvolvida inquirição ideológica sobre o fado, António Osório reproduz uns versos para ilustrar esta afirmação: «... ensina também o fado que a história do nosso tempo reduz-se a um novelo de insignificâncias ao lado do «ciúme»:

Todo o mundo abala,
Bombas em Berlim,
Guerra na Guatemala,
Comunistas em Pequim,
Sim, mas só isto é que me rala,
Foste ao futebol sem mim.

Entretanto, os poetas não se quedam por aqui, e entram em choque com os movimentos que se batem pela libertação da mulher. No Bairro Alto, ouvimos há dias um fado que — temos a certeza — provocaria uma síncope a qualquer dirigente feminista. Uma fadista sobe ao estrado e mete-se a cantar, ela própria vítima da sociedade machista que a oprime, os versos que contam a história de uma tareia que o amante lhe dera.

Pelo meio, e no momento próprio, os apartes do público apreciador: Ah Pantera! Ai Fadista! Ah Tigre!

Os versos apontavam para a resignação da mulher espancada (era ela, a fadista cantava na primeira pessoa) e terminavam num desvanecedor apelo à compreensão e à tolerância pelo feitio do macho: Afinal / Duas bofetadas / não fazem mal a ninguém...

Mulheres e homens aplaudem: assim 'tá bem, isto é que é fado!

Chorai, fadistas, chorai...

O Fado é quinduca

Sábado de madrugada, no Solar da Madragoa: um fadista amador avança para a pista. Ele vai cantar um fado de Coimbra. O público não tem palmas a medir.
Canta-se o Fado: Maria / se fores ao baile / leva o teu chaile / pode chover...
Por esta altura, há um tipo que tosse muito alto, barulho de talheres. Grita-se «chiiiiuuuu».
O fadista afina com aquilo: se querem ouvir fado, muito bem, se não querem digam que ele cala-se. Além disso, ninguém lhe pagou para estar ali, é um amador, não ganha um tostão. Só quer ser agradável...
Reata-se o fado: De manhã / de madrugada / cai a geada / podes morrer...
— *Vê lá se apanhas uma pneumonia!*
Os adeptos do fado não acham graça nenhuma. Viram-se para o provocador, que é afinal uma moça que já tem a sua conta de *sangria*. Ocupa uma mesa, sozinha. Levou para o Solar uma mão cheia de problemas mas já os afogou a todos em grandes jarros de vinho com limão e açúcar. Agora, faz humor. Os amantes do fado não toleram aquilo, e o fadista-amador ainda menos. Nunca, na sua longa carreira de amador, o ofenderam tanto.
Exige-se a imediata intervenção da gerência!
Um cliente antecipa-se ao dono da casa: aponta o dedo em riste para a jovem, e dispara: se ela continuar com aquelas coisas, quem a põe lá fora é ele. Acrescenta que não tem medo do comissário... (atenção que a miúda tem amigos na Polícia).
A adolescente cala-se por algum tempo. Está magoada. Não tinham o direito de chamar para ali o nome do comissário.
O fadista volta a avisar a Maria: Se fores ao baile/ leva o teu xaile...
Mas a voz treme-lhe. Ele tem a certeza que, ao chegar àquela parte da *geada*, haverá pelo menos uma criatura na sala a dizer baixinho: «olha a pneumonia»...
Enfim, um fracasso. No final, só meia dúzia de pessoas bateram palmas (e nesta meia dúzia, já se inclui aquele sujeito que se antecipou à gerência...).
Pela sua parte, o fadista-amador faz por mostrar desprezo pelos «analfabetos» que não sabem o que é um fado. O que ele disse, a seguir, faria gelar o sangue nas veias de Lopes Graça: «Meus senhores, o fado é oração!».

Fado Vadio

Para que conste: Campo de Ourique, Rua Correia Teles, primeira tasquinha à esquerda de quem desce a Rua Maria Pia. E ali a sede do Grupo dos Sonhadores do Fado: duas dezenas de maduros que gostam mais de Fado que de chouriço no espeto (este e o caldo verde vêm logo a seguir) preenchem as tardes de sábado.
Os fadistas são, todos eles, amadores, e batem-se à guitarra e à viola pela sobrevivência de algo que o Turismo não conseguiu prostituir: o fado vadio.
Não se vê aqui o tradicional «Reservado o direito de admissão», mas também não é preciso: clientes e fadistas estão sempre de acordo e, como agora se diz muito, há consenso.
O Fado vadio — vimo-lo na pequena sala dos «Sonhadores» — reveste-se de características muito particulares: os fadistas não são profissionais do Fado (eles trabalham!) e tão pouco são convidados a cantar. Na verdade, eles são *autorizados* a cantar dois -fados-dois, no máximo.
Assiste-se então a situações surpreendentes para os frequentadores das lojas de fado comuns: na sala dos Sonhadores, os fadistas que quiserem cantar terão de inscrever-se na lista. E só cantam quando chegar a sua vez.
Um dos sonhadores acrescenta: «E quando aparece um profissional, também vai para o rol, que a lista é igual para todos».
Sem «cachet» e com uma semana de trabalho em cima, arrancam aos sábados para o «salão nobre» da Correia Teles, e cantam o Fado.
Não é pró turista, é prós amigos.
Junto dos guitarristas, está o Luís Oliveira com a força dos seus noventas e tal quilos, a dominar o cenário de fundo. Vai cantar um Fado.

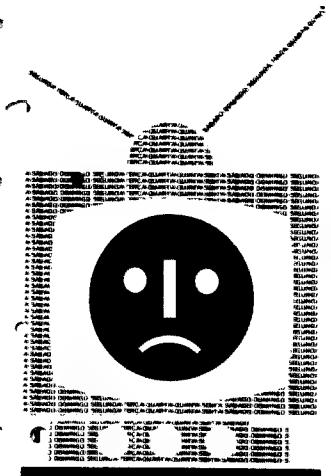
Luís Oliveira: Fado, só vadio...

— Ó Oliveira, você tenha paciência, mas o Fado tem responsabilidades no fascismo. Aquele negócio da desgraçadinha...
— Nem todos os fados!
O Luís Oliveira avança depois para um fado cuja letra exprime o conceito «quem feio ama bonito lhe parece». E além disso — reza este fado — o que seria das feias se todos gostassem das mais bonitas?
Letras à-parte, acrescente-se que o Oliveira interpreta o poema com a segurança e as inflexões de um fadista profissional, com uma rodagem do tamanho das bobines de papel da Renascença Gráfica (é preciso dizer que o Oliveira trabalha aqui na casa e temos sido nós, seus camaradas, a «aguentar» o treino...)
O Carlos Quintela é o quinto da lista (também é trabalhador da R.R. e cabe-lhe às sextas «montar» o Sete-Ponto-Sete que o leitor compra pontualmente aos sábados).
Não é para nos gabarmos, mas o Carlos sabe mais de *off-set* com os olhos abertos que de Fado com os olhos fechados. Também ele admite que, enfim, há letras «chatas», um bocado comprometidas... Mas o fado que vai cantar é apenas *sentimental*.
Anuncia: «E agora, sem desprimor para os presentes (...) o fado do engraxador». Ó Carlos!!!
E canta a história de um pequeno engraxador cuja mãe é ceguinha. Reza o fado: enquanto engraxa os sapatos de determinado senhor, o engraxador chora. O cliente pergunta-lhe «porque choras, pequeno?». E o petiz responde-lhe que, se pode dar brilho àqueles sapatos, não pode porém dar brilho, aos olhos da sua mãe.
O público aplaude com entusiasmo. O Carlos e o Oliveira arrancam depois para o cinema. Tinham ido ali, como todos os sábados, fazer uma «perninha».
O fado vadio é assim mesmo, que no dia seguinte é dia de trabalho.

A Mitologia Fadista

Em qualquer parte, na revista, nos cabarés, nos seus «retiros», a encenação do fado é igual. Olhos semicerrados, a cara crispada numa espécie de transe, um luto carregado e, como se não bastasse, o pesadume de um longo chaile negro: os acessórios da desgraça são poucos, mas bem elucidativos. A voz da cantadeira vem gemebunda, quebrada na laringe, cheia de artifícios que realçam a aflição intolerável desse *medium* do infortúnio. Alheada do público, a dor que expia sem remissão sai gritada, retórica, amplia estendais de agruras, filhas da «negra sorte».
Excesso de artifícios? Essa encenação da desgraça revela, primeiro de tudo, a ausência quase completa de meios de expressão. A dor fulminante que se exibe na mímica, nas vestes, na voz do fado, não se transpõe — é logo imposta. Mas o tom melodramático, o fatalismo visível, a ênfase dolorista não derivam propriamente de uma falta de senso artístico. O fado possui os seus cânones formais, afinal do tempo dos dervixes gritadores, dos rituais, do teatro primitivos. O halo trágico que envolve os fadistas, revelador da marca do Destino, equivale a uma espécie de rito, é por si só uma linguagem *directamente* simbólica: o luto carregado das fadistas evidencia o que lhes vai na alma; o longo xaile negro reconduz a cantadeira ao *in illo tempore* primordial da Rua Suja.
Carlos, um dos diletantes d'OS Maias, cogitou certa vez nos sortilégios do fado. «Esse mundo de fadistas, de faias, parecia a Carlos merecer um estudo, um romance». Entretanto, Carlos, um dos diletantes d'Os Maias, fadado para incestos e passeios calmante pela Europa). Estudar o fado merece de facto a pena quando mais não seja para se tirar a venda que lhe puseram. A origem do fado, a sua evolução, os seus versos, os pontos de apoio, as polémicas que suscitou, os seus críticos, os seus defensores, tudo isto carece de ser analisado sem a senha habitual da condenação ou da idolatria. Uma «canção de vencidos» ou «a canção nacional», assim se julga sumariamente o fado. Ora dispensa ele tanto a diatribe como o elogia (deste nem sequer precisa): a sua história, as suas letras e temas, a sua «filosofia» e o seu êxito falam por si...
«L'histoire n'apporte sur les pauvres que des lumières assez rares», observou Braudel acerca das sociedades mediterrânicas no fim do século XVI. Outro tanto se diga do «desespero de viver» dos pobres no século passado. Mas a enorme *literatura* do fado nesse século permite conhecer oao vivo o grau de sofrimento e de «servidão voluntária», sobretudo nos dois principais centros urbanos, da maioria dos portugueses. E não apenas das camadas e indivíduos inferiores, cuja vida se narra aí por miúdo. A pouco e pouco e, depois, rapidamente, o fado ganhou todas as classes. Nem lhe faltou a colaboração prestigiosa e a defesa, nas horas más, de poetas e intelectuais. Entre a literatura e o fado a influência passa a ser recíproca.
E é assim que o fado, conquistadas todas as camadas, nos ministra o quadro geral, e em grande, de uma sociedade nas suas frustrações e nos seus mitos.
As «colecções de Fados», que documentário! Através dele como é possível compreender a fundo tanta coisa, que ensinamento indispensável! O desespero impotente de um Antero, de um Eça, de um Oliveira Martins, de tantos outros, não se compreenderá porventura melhor, em toda a sua dimensão aniquilante, se o associarmos ao atraso tremendo do *seu* povo, patente sem sofismas nos fados? Uma sociedade revela-se verdadeiramente através dos seus espectáculos, dos seus jogos, das suas canções. E trai-se tanto mais quanto maior for o carácter opressivo das instituições. Ora depara-se-nos no fado o escoadoiro de tudo (ou quase tudo) o que temos de pior, é uma verdadeira descida ao inferno da vida portuguesa. O saudosismo, «os fumos da Índia», o sebastianismo, os «espectros do passado», a petulância marialva, a predisposição lacrimante, a inércia e a indiferença cívicas, o narcisismo derrotista, a tacanhez, o desgosto da vida, a opacidade do futuro, isto tudo supera na «moral» do fado e na sua vivência básica de um *Destino* inelutável, perante o qual se mostra nulo o poder da vontade e do pensamento racional — o mito supremo e, ao cabo, o pressuposto dos demais. Longe de ser um fenómeno apenas «popular» afluem no fado as tendências ideológicas que têm pervertido a vida do País nos últimos cento e cinquenta anos. Por isso o estudo do fadismo oferece a particularidade de lançar um jorro de luz sobre o todo, ao mesmo tempo que nos dá um resumo perfeito das nossas *fatalidades*.
Os malefícios do fado, não se pretendem aqui dramatizar. A culpa de ter nascido assim, não lhe cabe. Há muita coisa pior do que ele (e que nele se revela ou dele se serve). Não serão mais desmoralizantes os super-heróis erótico-sádicos dos *comics*, as histórias aos quadradinhos consumidas avidamente nas «sociedades opulentas»? O fatalismo não é apenas enfermidade nossa, nem um sinal de «subdesenvolvimento». Se a voga espantosa da astrologia em certos países europeus não predispõe forçosamente à resignação, pois apela para uma atitude correctiva do fatalismo astral, a que se pode escapar pelo uso «razoável» de umas tantas receitas oportunistas, o facto é que se essa voga revela por igual a face angustiada da Europa «culta», ela também a braços com o vazio individual, o medo do acaso, o declínio da religião, a encarniçada luta ideológica, as confusões e as incertezas contemporâneas. Muito embora divirjam as condições concretas, os mitos e as normas propostas, a celebérrima madame Soleil, oráculo tranquilizante do «destino», denuncia de igual modo as trevas interiores do mundo em que vivemos. Aspecto da fragilidade, senão da derrocada, de um tipo de civilização, o fado drena, dentro do mal-estar moderno, as nossas particulares inferioridades, adquiridas ao longo de séculos. É a variante patológica de um povo.
A fatalidade é o que nós queremos, disse-o Romain Rolland. Todavia, para *querer* preciso se torna, claro está, libertarmo-nos das manipulações de toda a ordem que nos são impostos. O fado é um bom pretexto, um ponto privilegiado para as vermos. (...).

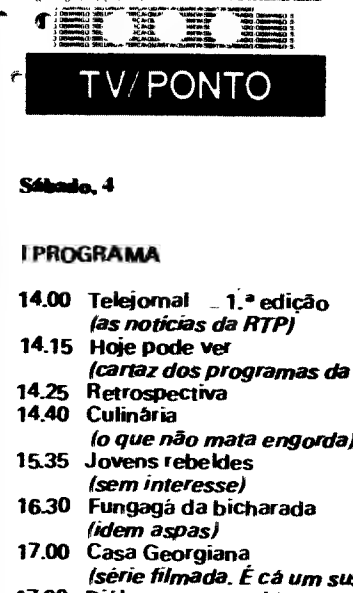
(do prefácio de «A Mitologia Fadista», de António Osório — colecção Horizonte)



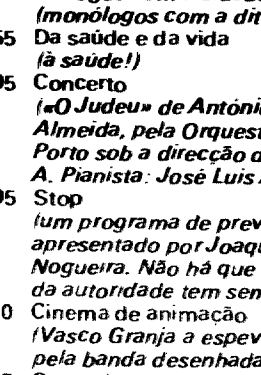
Sábado, 4

I PROGRAMA

14.00 Telejornal — 1.ª edição
(as notícias da RTP)
14.15 Hoje pode ver
(cartaz dos programas da RTP)
14.25 Retrospectiva
14.40 Culinária
(o que não mata engorda)
15.35 Jovens rebeldes
(sem interesse)
16.30 Fungagá da bicharada
(idem aspas)
17.00 Casa Georgiana
(série filmada. É cá um suspense...)
17.30 Diálogos com a cidade
(monólogos com a dita)
17.55 Da saúde e da vida
(à saúde!)
18.05 Concerto
(«O Judeu» de António Victorino de Almeida, pela Orquestra Sinfónica do Porto sob a direcção do próprio A. V. A. Pianista: José Luis Afonso)
19.05 Stop
(um programa de prevenção rodoviária, apresentado por Joaquim Filipe Nogueira. Não há que saber, o agente da autoridade tem sempre razão)
19.20 Cinema de animação
(Vasco Granja a espevitar o interesse pela banda desenhada)
19.45 Gente do amanhã



(série filmada sobre ficção acientifica)
20.10 Cartaz TV



(Jorge Alves apresenta a programação da RTP para toda a semana, assim ao jeito de «o melhor espectáculo do mundo»)
20.30 Telejornal — 2.ª edição
(para quem não leu os jornais da tarde)
21.05 Jogos sem fronteiras
(os burgueses gozam p'ra burro)
22.15 Em debate
(o programa não anuncia o quê. Ver-se-á)
23.10 Telejornal — 3.ª edição
(amanhã há mais)

II PROGRAMA

20.00 Concerto
(pela Banda Nacional da Guarda Republicana)
20.30 Clássicos do cinema
(«Amor de Perdição». Primeira transcrição cinematográfica do romance de Camilo: os desditosos amores de Tereza de Albuquerque Simão Botelho e Mariana)
22.10 Telejornal
(em repetido da edição apresentada às 20.30 no I Programa)

Domingo, 5

12.00 Missa de domingo
(se Deus quiser)
12.40 Mar Limiar
(«Uma perdiz na gaiola» — relato do modo de vida de um pescador de Porto Covo e dos seus meios tradicionais de pesca)
13.10 No jardim zoológico

('tou cheio!)
13.45 Telejornal — 1.ª edição
(desactualizado e triste)
14.00 Ciclismo
(via Eurovisão, o Campeonato do Mundo de Ciclismo. Não se apresentou em directo a final da «Volta a Portugal», mas agora vai. Uma especie de compensação)
15.10 Coros do Norte
(esperemos ouvir em coro: casas sim, despejos não!)
15.40 Convite ao amor
(trata-se de um filme produzido há 26 aninhos, com Irene Dunne, Fred Mac Murray e Natalie Wood. Realização de George Marshall. Não posso aceitar. Sai)
17.10 Presença do Brasil
(um programa muito bem espartilhado. Não dá p'ra ver)
17.40 Hoje há palhaços
('tou farto, amigo)
18.30 Heidi
(para quem está à espera de um desfecho: esta série não tem fim)
19.30 TV Rural
(Ó Sousa Veloso, vamos lá bater um papo com os camponeses...)
20.00 Os Goodies

(desopila e faz brilhar)
20.30 Telejornal — 2.ª edição
(bem cozinhado, serve-se frio, ao jantar)
21.05 Telefutebol
(notícias a condizer)
21.45 Clayhanger — Vidas Perdidas
(série filmada, a partir da obra homonima de Arnold Bennet)
22.40 Música e silêncio
(um programa obrigatório. António Victorino de Almeida serve-lhe boa música em boa companhia. De repente, você passa a gostar de Mozart, Beethoven, Brahms... Há mesmo quem pense convidar o maestro a fazer um programa à volta desta ideia: «Pague os seus impostos...»)
23.00 Telejornal — 3.ª edição

II PROGRAMA

20.00 Kung Fu
(diz a Televisão que «Foi êxito na TV»)
21.00 Coisas e loisas
(programa da Radiotelevisão Italiana. Uma salada aliás sugerida pelo título)
22.30 Telejornal
(repetido do I Programa)
23.00 Cinema de animação
(Vasco Granja apresenta)

Segunda, 6

I PROGRAMA

19.00 A pedra branca
(um calhau)
19.32 Teledesporto

(as actividades desportivas do fim de semana. Atente-se na preciosidade dos trinta e dois minutos...)
19.55 O Povo e a Música
(o orfeão de Vila Praia d'Ancora)
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.00 Momento político
(o Governo explica-se)
21.15 Os ovos da avestruz
(de André Roussin, com Simone Renant, Christian Parisy e o próprio Roussin)
22.55 Telejornal — 2.ª edição
(últimas notícias do dia)

II PROGRAMA

20.00 O sobrinho da América
(seriezinha filmada)
20.25 Das artes e ofícios
20.55 Com simpatia
(programa musical)
22.00 Telejornal
(para quem não viu no I Programa, às 20.30)

Terça, 7

I PROGRAMA

19.00 A pedra branca
19.25 Corpo musical
19.55 Com todas as letras
20.30 Telejornal — 1.ª edição
(noticiário do país e do estrangeiro)
21.05 O grande amor de Balzac
(Pierre Meyrand no papel de Balzac-pinga-amor)
22.05 Terça à noite
(Joaquim Letria a moderar)
23.00 Telejornal — 2.ª edição

II PROGRAMA

20.00 Vickie, o vicking
(a miudagem que o diga)
20.25 Relax, relax
(à terça? não posso...)
20.55 O Islão em Portugal
(breve história dos muçulmanos na Península. Aspectos vários da sua presença até à actualidade)
21.50 Telejornal
(em diferido, etc)
22.20 Concerto polaco

Quarta, 8

I PROGRAMA

19.00 A volta ao mundo em 80 dias
(desenhos animados a partir da obra de Júlio Verne)
19.25 Guerra Junqueiro
(o metro que ele conheceu era negro, vibrante, luzidu...)
19.55 Educação permanente
(é o que nos falta, já sei, obrigado)
20.10 Vamos jogar no Totobola
(prefiro a bisca)
20.30 Telejornal — 1.ª edição
(as notícias...)
21.05 O anjo
(aí vem a Marlene Dietrich, o Herbert Marshall e o Malvin Douglas, 39 anos depois. Antes nunca)
22.50 Telejornal — 2.ª edição
(depois do «Anjo», as notícias)

II PROGRAMA

20.00 Roman Hollidays
(desenhos animados)
20.25 Fronteiras do amanhã
(a Ciência e a Técnica apontam novidades)
20.40 Da saúde e da vida
21.00 Sweeney

(uma certa maneira de combater o crime. Muito original: à tapona)
21.55 Telejornal
(em repetido)
22.25 Sabe que há um museu dos fósforos?
(Ruy Ferrão descobriu-o e trá-lo para a TV. Ah, se aquilo ardesse...)

Quinta, 9

I PROGRAMA

19.00 Programa juvenil
19.30 Segredos do mar vermelho
(vimos o último episódio: podia ser mais reaccionário? Não, não podia)
20.00 TV Palco
(Igrejas Caeiro com as suas actualidades teatrais)
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.00 Momento político
(o Governo volta à carga!)
21.30 Padre Brown

(os cinemas ressentem-se às quintas: Kenneth More não deixa o telespectador sair de casa)
22.30 Trabalhar no feminino e As mulheres alcançam o voto
(já não era sem tempo)
23.00 Telejornal — 2.ª edição

II PROGRAMA

22.00 Telejornal
(em diferido do outro, às 20.30)

Sexta, 10

19.00 A volta ao mundo em 80 dias
19.25 Cerâmica portuguesa
(breve história da arte cerâmica em Portugal. Suas características e evolução)
20.00 Momento desportivo
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.05 Terra a terra minha gente
(é o concurso da RTP, que entra agora na sua 21.ª edição, dedicada ao distrito da Horta. Mas as perguntas, Senhor...)
22.35 Cinema/76
Alfredo Tropa e as suas actualidades cinematográficas)
23.00 Telejornal — 2.ª edição
(e até amanhã)

II PROGRAMA

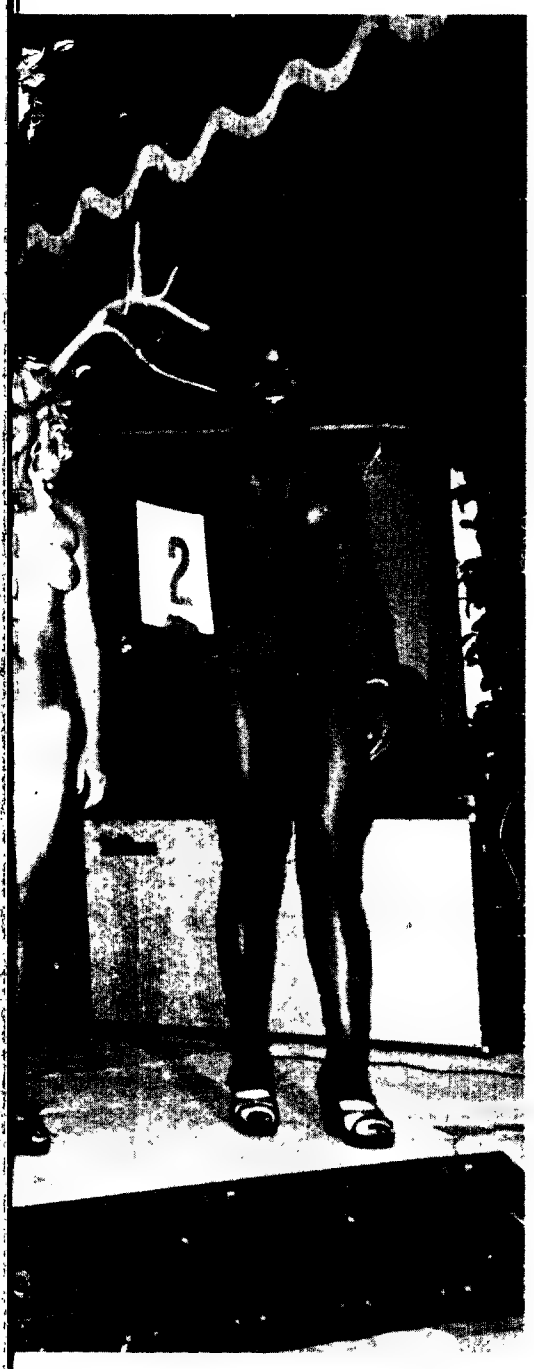
20.00 Pippi das meias altas

(série filmada)
20.30 S.O.S.
(outra série filmada)
21.25 Telejornal
(mais uma série, perdão, notícias em repetição)
22.05 Civilização
(o ponto de vista de Kemeth Clark)

INTERVALO

Nua e crua

Nuas (pela metade) é como se apresentam as pudicas jovens das imagens que vêm desde o Casino de Beauville, onde raparigas de monoquini desfilaram perante um júri com a obrigação de escolher «a mais bela». Cruas, são algumas verdades (por inteiro) que Sete-Ponto-Sete sente obrigação de dizer.
Assim: terá havido algum artista, nalgum tempo, mesmo recuado, que se tivesse lembrado de esculpir ou passar à tela uma beldade em cuecas?
Logo: se ao concurso presidiu a ideia de mostrar «ao vivo» a beleza feminina, que tivesse havido a coragem de o fazer por inteiro.
Mas não; as beldades despiram-se pela metade, e assim ficaram, aliás, como de há tempos a esta parte tem sido uso e constume nas praias sofisticadas do sul de França.
Às raparigas da foto foi prometido um prémio de cerca de seis contos e uma semana de férias se se classificassem em primeiro lugar, o que obviamente só foi conquistado por uma delas.
A culminar, a vencedora, uma beleza euro-asiática, festejou o prémio debaixo de chuva na praia de Beauville.



GIRA-DISCO

PATRICK MORAZ — "STORY OF I"

«Story of I» é o primeiro trabalho a solo do teclista dos Yes, Patrick Moraz, e que em breve será lançado no nosso país Patrick trabalhou no seio dos Refuge e ao lado de Lee Jackson (ex. Nice), antes de substituir Rick Wakeman nos Yes, com os quais gravou o LP Relayer. Tinha composto a banda sonora do filme «O Convite», antes de elaborar este álbum, que conta com a presença de 17 percursionistas brasileiros («The percussionists of Rio de Janeiro»), entre os quais Chico Batera, e que foi gravado em Londres, Genebra, Nova Iorque e no Rio de Janeiro.

Para além dos brasileiros, Moraz conta ainda com músicos como John McBurnie (ex. Jackson He ghts), que tem a seu cargo as vocalizações, Alphonse Mouzon, que apresenta um excelente trabalho de bateria, no lado primeiro; na egunda face a bateria é tocada por Andy Newmark. Patrick Moraz, por seu turno, domina perfeitamente qualquer dos 27 instrumentos de teclas que tem à sua responsabilidade.

Tanto nas músicas mais clássicas, onde o piano tem um papel primordial, como nas mais electrónicas, onde sobressai o perfeito conhecimento dos «moogs» e dos sintetizadores apresentam-se bem estudadas, e com uma muito boa sequência musical. Há ainda a realçar a gravação, que nos parece impecável Para além disto o trabalho contém uma história extraordinária pelo próprio Moraz. No interior da capa podemos ler o seguinte: «Localizado num planalto, rodeado de estranhas vegetações e animais, eleva-se um edifício. «I».

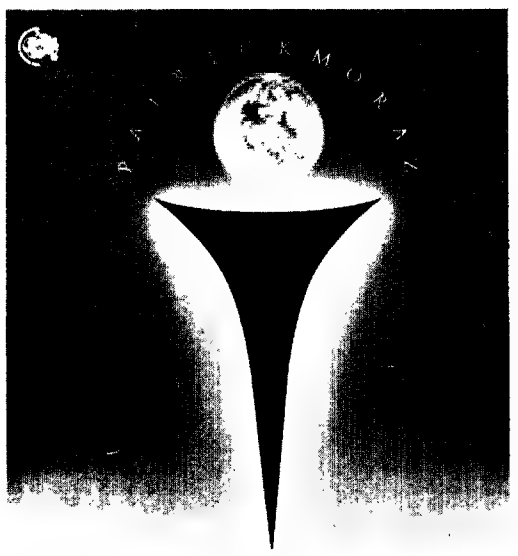
Um «Hotel» que oferece aos povos de todos os credos, raças e sexos a realização dos seus sonhos impossíveis, povos unidos apenas pela busca da experiência última.

«I», existe para a iniciação, identidade, idealismo, integração, iluminação, imortalidade, infinito...

O edifício é controlado por uma esfera que o sobrevoa, na qual são recolhidas todas as informações das sensações, sentimentos, e emoções de todos os ocupantes.

Povos de todo o mundo são atraídos para este centro. A isca, é a possibilidade de experiências muito além da existência normal... é-lhes oferecida a realização completa dos seus sonhos, das suas esperanças, de todas as suas ambições e desejos secretos. E chegam em bandos, os desapontados, os que concluiram que a esperança de desenvolvimento e realização pessoal desapareceu para sempre, que o futuro lhes está tão vedado como aborrecido o presente.

O único preço é o mesmo que a recompensa: a própria vida. Por ela, o residente é autorizado a tomar parte nos vários «gogas»



dos diferentes andares .. e depois de ter passado pelas próprias situações idealizadas, morre. Isto tem sido, até ao momento em que a história começa, irrevogável.

Contudo, há uma chave _ que não foi descoberta _ uma possibilidade de fuga.

Depois de ter entrado no edifício, o residente só pode subir. Deve ir aumentando as suas sensações em magnitude, situações artificiais de variação sempre crescente. Alguns (não obstante as manobras delicadas da esfera omnipotente, que pode ajudar um pouco quando as dificuldades se tornam demasiadas) conseguem ultrapassar as possibilidades do individual. De qualquer modo, eles têm de continuar a subir, conquistando todos os obstáculos, aprendendo os seus próprios limites finais, mas nunca podem descer. E põem todas as energias na ascenção, que pode levar muitos anos até ao final do percurso, mas só há para eles uma direcção.

Todo o progresso do residente, os seus sentimentos, tudo o que ele faz e é, controlado pelo globo superior cada problema, quando o desespero parece insuperável, cada rugido de triunfo pela vitória, cada prazer ou êxtase, tudo é registado, electronicamente arquivado, e as melhores sensações são transmitidas para o entretenimento popular no resto do mundo.

E, sete vezes ao ano, os vencedores dos andares, aqueles que completaram a subida com sucesso, são empurrados pela prancha de mergulho, atravessando em minutos, a distância que levou anos a percorrer

O piso contra o qual os corpos caem, é transparente, e reduz instantaneamente cada corpo aos seus átomos componentes. Em baixo, estendendo-se para baixo, pela profundidade da terra, está outro edifício, igual ao superior, como uma reflexão simétrica daquele que se eleva na superfície.

Aí, o mergulhador reconstituido experimentava o inverso das condições anteriores.

Em qualquer lado, a qualquer hora no edifício, um homem e uma mulher encontram-se e apaixonama-se, profundamente.

Verdadeiramente, completamente. Por vezes passam pelos jogos e testes juntos, por vezes estão separados, por vezes nos jogos fazem par com outros, por vezes são adversários, mas estão sempre apaixonados e determinados a sofrer o sacrifício final juntos. E vão subindo, aproximando-se do cimo.

Os dias do sacrifício, o pagamento do preço último, a vida, são sempre populares. As pessoas juntam-se para verem os seus heróis favoritos, cujo desenvolvimento foram gravados e electronicamente guardados por tanto tempo, para darem o passo final... o fim da ilusão. Mas neste dia particular, todo o mundo espera o episódio final da história de amor que têm testemunhado ao longo dos anos, pois nunca dois indivíduos chegaram juntos ao fim. O par dá as mãos e caminha sobre a multidão pela prancha estreita, olham um para o outro e dão o passo final.

E para pasmo e inveja da multidão, as duas figuras reduzidas pela distância, elevam-se da prancha e, transportadas pelo amor, desaparecem nos céus.

A chave, tinha sido descoberta».

Embora não considerando este LP uma obra-prima, achamos que ele possue muitas qualidades e por isso, deve merecer grande atenção.

Sete-Diferenças-Sete

Entre os dois desenhos, há sete diferenças sete que o leitor poderá assinalar. Se as descobrir em cinco minutos, digamos que é um bom observador; se localizar apenas seis em trezentos segundos, é um observador assim-assim; se detectar somente quatro em cinco minutos! _ aqui lhe oferecemos o título de «El liento». Mas se, apesar dos cinco minutos que lhe damos, só descobrir três insignificantes diferenças, passe pelo médico.

OBS.: o tempo começou a contar a partir do momento em que o leitor se meteu a ler este «Regulamento».

(Soluções na 11)

INTERVALO

J. E. Rackham

Macho Ibérico é...

Escolher os livros que ela deve ler

Pôr o Bond no sítio

Esta é a rapariga que se acredita capaz de pôr o agente 007 no seu lugar. Isso acontece no último filme de Bond (agora interpretado por Roger Moore, enquanto Sean Connery preferiu descobrir a careca e interpretar outros heróis mais a carácter com os seus quase 50 anos), «O espião que me amava» Infelizmente, durante a primeira semana de filmagens a jovem — que usa o nome de Eva Rueber-Staier e foi *miss Mundo* em 1969 não contracenou uma única vez com Roger Moore. A esta hora, já o deve ter feito.

Memórias do meu tempo

Tinha eu dez anos. Na escola, em casa, em toda a parte, ouvia falar de velhos provérbios. Nunca me explicaram bem o que era, e pensava tratar-se de homens velhos, andrajosos, pedintes. Um dia cheguei a casa e disse: «Vi um provérbio ao pé da igreja». A minha tia bateu-me, para eu aprender a não mentir. Nunca mais me esqueci...

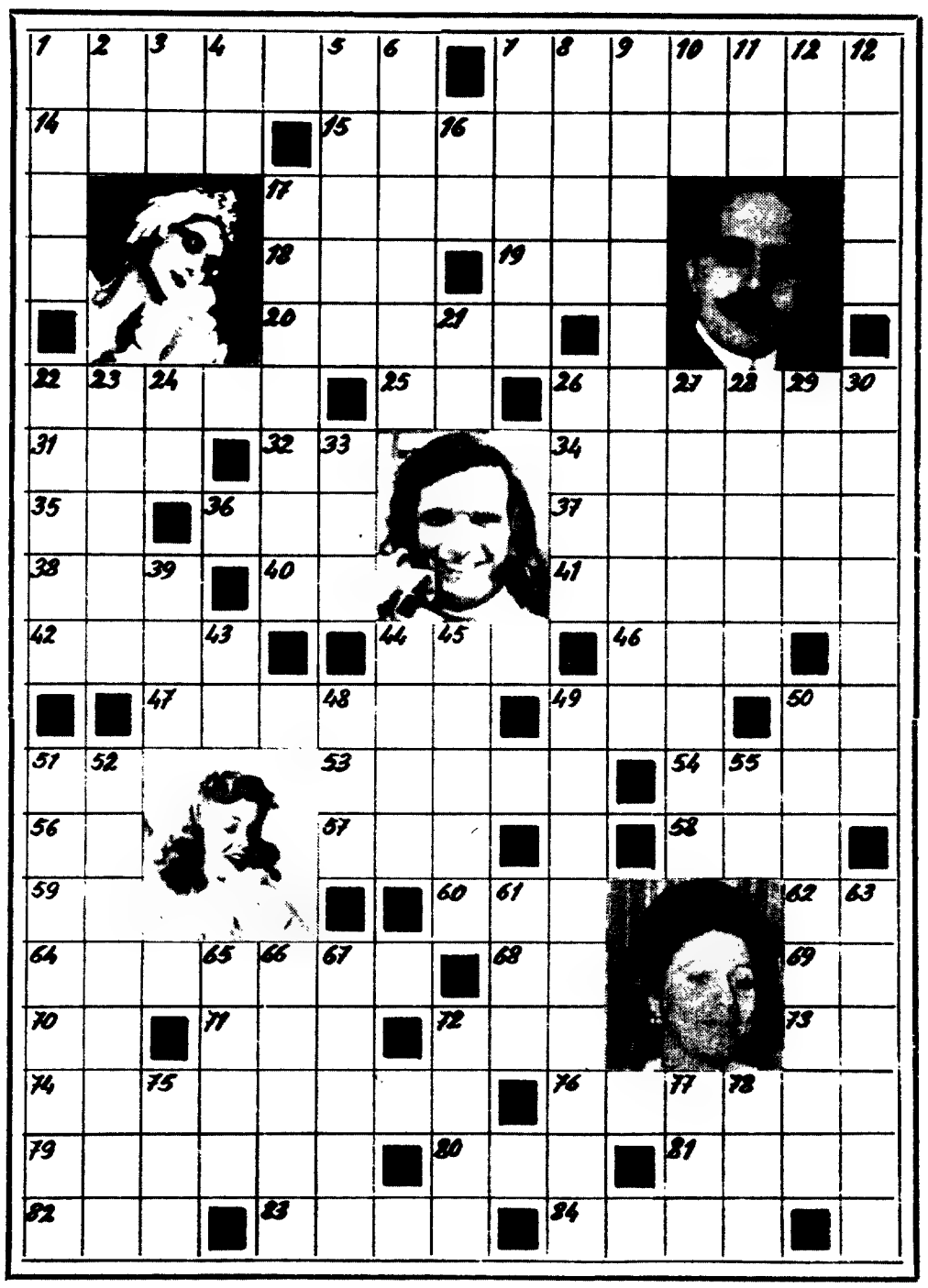
Tereza Meneses
(Amadora)

É uma bronca, mas não me envergonho de confessar: já «olhava para a sombra», teria uns 15 anos, e não sabia o que era isso de **complexo agro-pecuário**. Na verdade, eu julgava que era uma doença: a mania de plantar couves e criar cabras...

Júlia dos Anjos
(Lisboa)

Deve fazer agora 20 anos, andava na instrução primária, lembro-me de ter perguntado à professora o que queria dizer **estátua equestre**. Ela não sabia muito bem, mas disse-me o que pensava: que era a estátua de alguém já falecido. Algum tempo depois disse aos amigos que andava a ler um livro equestre. Senti-me um bocado enxovalhado com a chacota...

Mário Resende
(Coimbra)



palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1/15 Grande campeão do automobilismo brasileiro. 7 Adelgaçais. 14 Nome que no Sul de Minas se dá ao tabaco de qualidade inferior. 17 Errarão. 18 Nome de letra. 19 Oásis. 20 Ficas imóvel. 22/26 Foi uma das mais notáveis figuras literárias contemporâneas e autor de «A Ceia dos Cardeais». 25 Campeão. 31 Liguei. 32 Distar. 34 Parte dos animais ovíparos, onde se formam os ovos ou óvulos. 35 Cinquenta e um em romano. 36. Misto anestésico de alcool, clorofórmio e éter 37 Mata cercada por um muro, dentro da qual se cria caça. 38 Levanta. 40 Ósmio (s.q.). 41 Frutos silvestres. 42 Um dos estados da América do Norte. 44/64 Bailarina russa, que se celebrizou com a criação da «Morte do Cisne». 46 Folha de coqueiro. 47 Presenteie. 49 Guarneça de asas. 50 Berilo (s.q.). 51 Cá. 53 Ingerir bebida alcoólica ou ficar em estado de ligeira embriaguez. (Bras.). 54 Músico português que se notabilizou no Brasil e compôs a «Marcha 2 de Julho». 56 Alteza Real. 57 Em alquimia, indica amálgama. 58 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. 59 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 60 Saia frequentemente à rua. 62 Chefe supremo em certos países da Ásia. 68 Serviço Nacional (at.rev.). 69 Antes do meio-dia. 70 Tempo do verbo ser. 71 Ferro temperado. 72 Filtre. 73 Estrépido de desmoronamento. 74 Suportasse. 76/79 Foi a grande companheira de Fred Astaire nos seus filmes musicais. 80 Artigo indefenido. 81 Classe de tropa. 82 Membro de ave. 83 Árvore indiana, cuja casca é empregada como adstringente. 84 Nome antigo do actual imposto de transmissão.

VERTICAIS:

1 Catafalco. 2 Moderato. 3 Era cristã. 4 Rádio (s.q.). 5 Está ansioso. 6 Ferira um pião com o bico doutro pião. 7 Detrás. 8 Descascai milho (Prov. trasm). 9 Chegávamos a porto. 10 Radio (s.q.). 11 Alumínio (s.q.). 12 Idem. 13 Sorte. 16 Basta. 17 Inchação, tumor (T. da Bairrada). 21 Alteza Serenissima (abrev.). 22 Célebre general romano, um dos mais ilustres homens de guerra da Antiguidade. 23 Excepcional. 24 Cinquenta e um em romano. 26 Dá dote a. 27 Imperador de França que foi desterrado para Santa Helena. 28 Marcara o peso da tara em. 29 Ópera de Verdi que foi representada pela primeira vez no Cairo nas grandes festas da inauguração do canal do Suez. 30 Ecoasses. 33 Rente. 39 Oásis. 43 Duas vogais desiguais. 44 É a actual mulher do rei Hussein da Jordânia. 45 Rio da Alemanha que desagua no Reno. 48 Arbusto da família das euforbiáceas, muito comum em Cuba, onde as folhas são usadas contra a paralisia. 49 Amaldiçoas. 50 Jogarem à bisca. 51 Acampara. 52 Aparelho volante da rede de arrastar, composto de saco e cabos de alar (pl). 55 Li. 61 Costume. 63 Amuralhas. 65 Pessoa que dança mal (Prov alent). 66 Aldeia de índios do Brasil. 67 Pronome possessivo. 72 Interjeição que exprime surpresa ou dor. 75 Aperta molhos. 77 Em as. 78 Grande.

a PONTO e virgula

OS LIVROS NO CHÃO

Aqueles que frequentam as livrarias à procura dos novos livros, ou mais recentes, também vão, por vezes, aos antiquários. Há sempre um livro que se procura e já não se encontra senão aí. Dos que frequentam os antiquários — a que a linguagem comum ainda dá o bizarro nome de alfarrabistas — nem todos frequentarão as livrarias. Quer dizer: os antiquários (ou alfarrabistas, prefira-se este nome, até pela rica e saborosa denotação/conotação que a palavra tem) contam sempre com um público específico e certo, definido em função do tipo de livros que aí procura, as raridades (se bem que conte igualmente com um grande público

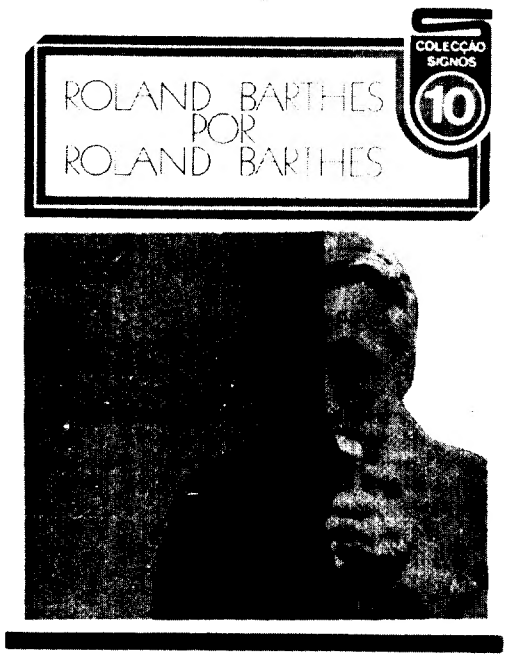
flutuante que procura, por sua vez, o livro em segundas mãos e menos caro: estudantes, por exemplo). Há em Lisboa (e por todo o País) algumas livrarias e alguns (menos) antiquários (diga-se ainda: alfarrabistas). Mas há ainda outros lugares onde se vendem livros: tabacarias, supermercados, vendedores de jornais, e não só: também bancas improvisadas, nas ruas, nas praças, nas esquinas, pelo menos em Lisboa, na baixa. E, ainda, não só: também se vendem livros, na baixa de Lisboa pelo menos, Restauradores e Rossio, a monte sobre toalhas de plástico estendido no chão. Passamos por lá todos os dias e temos reparado. Vende-se de toda a espécie de literatura, subliteratura e nem isso. Entre outras coisas, exemplares que restam de colecções que houve, tipo, por exemplo, Pimpinella ou Rififi. Não devemos assustarmo-nos com a variedade mal olhar só de relance rápido.e a fastarmo-nos como o espírito do mal supersticioso foge das supersticiosas persignações. E que, entre tanta inúmera porcaria de envólucro atraentemente colorido, encontram-se nada menos do que algumas excelentes obras literárias de hoje de ontem, de autores tanto portugueses como estrangeiros, e a preços ainda menos do que irrisórios: dos 20 escudos por dez voluminhos da histórica colecção Mosaico (Pirandelo, Gomes Ferreira, Machado de Assis, Branquinho da Fonseca, etc.) até aos 100 dessa obra monumental nas suas mil e não sei quantas páginas que é a «Antologia do Humor Português» na Afrodite publicada aqui há poucos anos. Um dia destes íamos a passar, parámos e vimos ainda livros saídos há vinte e cinco dias ou dois meses a preços reduzidos de 30 por cento e mais. Outro dia, íamos a passar, ouvimos isto, numa voz de feira: «Obras esgotadas, cinco e seis edições, de 70 e 100 escudos, a 7 mil e 500, mais barato que o papel de jornal...». Uma retenção para ver. Tudo porcaria? Não. Apenas um exemplo: «O Bebedor Nocturno», versões de Herberto Hélder fez de poemas antiquíssimos (Antigo Egipto, o Cântico dos Cânticos, o Saltério, Poesia Maya, Enigmas Azetecas, Poesia Mexicana do Ciclo Nauatle, Canções do Épiro, Poemas Zen, Árabes, Arábico-Andaluzes, Haikais Japoneses, Canções Indonésias, Malgaxes. Poemas Esquimós e dos índios da América, etc., etc.,), vejam lá por quanto: 7$50 (sete mil e quinhentos, sete escudos e cinquenta centavos). É uma edição de quando a Portugália era editora, feita há mais de dez anos. Temos passado por lá todos os dias e todos os dias há lá exemplares desses, além de outros. Se lá formos por todos estes dias ainda há-de haver.

BACHELARD E «A FILOSOFIA DO NÃO»

Em francês era «La Philosophie du Non». Em português traduziu-se (Joaquim José Moura Ramos traduziu) para «Filosofia do Novo Espírito Científico», o que está certo tendo em conta o texto, trata-se certamente de um título mais indicativo, mas a tradução à letra seria, quer-nos parecer, de mais rigorosa fidelidade ao espírito da obra de Bachelard. Quanto a esta, o leitor interessado (se não especializado, pelo menos iniciado, minimamente versado, nas questões que ela levanta)saberá lê-la, digamos, mais fundo do que nós. «A Fisolofia do Não» trata de um tema que, se já não escalda, arde ainda. Trata-se, digamos por alto, das relações entre filosofia e ciência e filósofos e cientistas (e vice-versa). Diz Bachelard: «Aos filósofos reclamaremos o direito de nos servirmos de elementos filosóficos desligados dos sistemas onde eles nasceram. A força filosófica de um sistema está por vezes concentrada numa função particular. Porquê hesitar em propor esta função particular ao pensamento científico que tanta necessidade tem de informação filosófica?» (...) «Aos cientistas reclamaremos o direito de desviar por um instante a ciência do seu trabalho positivo, da sua vontade de objectivamente, para descobrir o que permanece de subjectivo nos métodos mais severos. Começaremos por colocar aos cientistas questões de carácter aparentemente psicológico e, a pouco e pouco, provar-lhe-emos que toda a psicologia é solidária de postulados metafísicos. O espírito pode mudar de metafísica; o que não pode é passar sem metafísica.» Contra o que Bachelard se insurge, na ciência, é, já se vê: o positivismo ou seus resquícios (alguns muito vivos ainda hoje em dia). O que o autor de «Psicanálise do Fogo» (outro livro de Bachelard já em Português, edição da Estúdios Cor, que nesta oportunidade se lembra), o que Bachelard propõe, dizíamos, tratando da relação predominantemente conflituosa entre ciência e filosofia, é não só uma filosofia da(s) ciência(s), mas algo mais do que isso: uma conciliação, «uma atitude de consciliação» entre as duas estâncias/instâncias inicialmente separadas e irredutíveis. Diz ele que «a filosifia do não, não é psicologicamente um negativismo (...) e não conduz, face à natureza, a um niilismo. Pelo contrário, ela procede, em nós e fora de nós, de uma actividade construtiva. Ela afirma que o espírito é, no seu trabalho, um factor de evolução. Pensar correctamente o real é aproveitar as suas ambiguidades para modificar e alertar o pensamento. Dialectizar o pensamento é aumentar a garantia de criar cientificamente **fenómenos completos**, de regenerar todas as variáveis degeneradas ou suprimidas que a ciência, como o pensamento ingénuo, havia desprezado no seu primeiro estudo.» (Presença).

BARTHES POR BARTHES

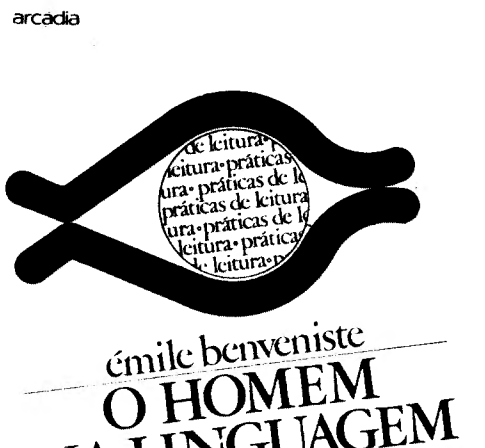
«O esforço vital deste livro è pôr em cena um imaginário. «Encenar» significa: graduar suportes, dispersar papéis, estabelecer níveis e, no limite, tornar a ribalta uma barra incerta». Transcrevemos da página 127 desta edição portuguesa do último Barthes, «Roland Barthes por Roland Barthes» (na colecção Signos das Edições 70). Ao imaginário chama Barthes «assunção global da imagem». Transcrevemos, e, no entanto, Barthes advertira-nos logo a abrir que «ele Barthes: substitui a primeira pessoa em que poderia falar pela terceira em que fala) suporte mal qualquer **imagem** de si próprio, sofre ao ser citado. Considera que a perfeição de uma relação humana depende dessa ausência da imagem: abolir entre si, de um para o outro, os adjectivos; uma relação que é adjectivada está do lado da imagem, do lado da dominação, do lado da morte». «Roland Barthes por Roland Barthes»: este livro, que é para nós **fruirmos** pela leitura o prazer com que o nosso desejo de ler se incendeia na convivência (e na.conivência, se for) com os textos aparentemente fragmentários que o compõem, é também (este livro) uma instrutiva iniciação, principalmente à obra do autor (se deste modo se pode falar impunemente). Não a autobiografia, ou sim, mas só de certa maneira. Aproveita-se a oportunidade para lembrar que já não é a primeira vez que se publica Barthes em português e em Portugal. Antes de «Roland Barthes por Roland Barthes», e para referirmos somente o que apareceu um livro, já Edições 70 tinham publicado (por ordem cronológica inversa) «O Prazer do Texto», em 74 e com um prefácio de Eduardo Prado Coelho; «O Grau Zero da Escrita» e «Elementos de Semiologia», em 73; e «Mitologias», ainda em 73 e com um estudo lapidar de José Augusto Seabra. Anos antes, em 68, «Estruturalismo» (uma antologia de textos teóricos de vários autores, com um estudo introdutório à problemática estruturalista, de Eduardo Prado Coelho, hoje histórico e a reler ou a ler, por quem leu então ou não leu até hoje) inseria um texto de Barthes: «Que é a Crítica?» Outros textos de Barthes são encontráveis em livros editados no Brasil; o mais da sua obra pode ter-se, comprando, das Editions du Seuil, livros razoavelmente caros, mais encarecidos ainda com a alfândega, havendo no entanto um que outro título em livro de bolso e mais barato. Barthes: um nome decisivo na constelação de referências culturais para que hoje em dia os



nossos interesses se inclinam. Ninguém, atraído pelas perspectivas que o pensamento no tempo presente abre ao futuro, pode legitimamente ignorar a sua obra. E quase poderíamos falar.da obrigatoriedade que tem de conhecê-la quem se interessar seja pelo que for, pelo que quer que seja.

BILINGUISMO E LITERATURA

«O bilinguismo está na ordem do dia — e tudo leva a crer que ele é no século XX um fenómeno cultural tão importante como o terá sido no século XII-XIII» — escreve Arnaldo Saraiva abrindo o primeiro dos escritos que compõem o seu último livro, «Bilinguismo e Literatura» (Edição do Autor). E cita Joshua Fishman; não sabemos quem é, mas aí se lê, em francês e entre aspas, que «o futuro está no bilinguismo». O livro, nas suas pouco mais de cem páginas, reúne 16 escritos e, um pouco por alto, pode-se dizer que se trata, aqui, de temas afluentes ao temário que o título anuncia/enuncia. Fala-se assim, por exemplo, da actualidade do bilinguismo, dos escritores bilingues, das origens do bilinguismo, sua definição, pluralinguismo, tipo de (bilinguismo), bilinguismo e literatura (de vanguarda, medieval, séculos XVI a XIX e XX, cosmopolitismo, cultural, estilística. Becket (talvez o escritor bilingue mais conhecido do nosso tempo). Não só para os especialmente interessados por estas coisas: para o leitor comum, também. Um livro, além do mais, interessante. Quer dizer, que (nos) interessa.



APRENDER A LER

«Práticas de Leitura»: «A colecção (...) tem uma finalidade específica: a de reunir, em cadernos de preço acessível, traduções sérias de alguns textos importantes e, por motivos diversos, difíceis de se encontrarem familiarmente ao alcance da mão. A importância desses textos delimita-se em função de um conceito de **leitura** que nos prende, insuficientemente definido na sua evidência de acto quotidiano constante e transparente, mas cuja necessidade de efectivação se torna pungente na ausência das condições precisas para o realizar». — Palavras de Maria Alzira Seixo, responsável pela orientação que a colecção (da Arcádia) vai ter, e que escreve para o seu primeiro número («O Homem na Linguagem», de Emile Benveniste) uma extensa introdução. Diz Maria Alzira Seixo: «A leitura é antes de mais uma decifração de códigos de linguagem que permitem a comunicação; como tal, pressupõe o conhecimento das cifras utilizadas, o contacto possível com os códigos que a condicionam e o entendimento das situações humanas que a linguagem reverte e subverte — porque na materialidade da cifra, na marca cultural do código, se encontram logo os dados iniciais de formulação da descoberta que a utilização individual, personalizando, concretiza estatutariamente. O prefácio de Maria Alzira Seixo não é propriamente uma introdução aos textos de Benveniste. É, a própria designação o diz, uma «Introdução a uma Prática da Leitura». Diremos que uma introdução instrutiva, que mais adequado qualificativo de momento não ocorre. Os textos de Benveniste — «ensaios sobre a instituição do sujeito através da fala e da escrita» — são seis e aparentemente esparsos, talvez, pelo menos, descontínuos, quer dizer, sem uma imediata e directa articulação entre eles. Hão-de interessar, por outro lado, um público específico: estudantes por exemplo, de Letras, e, evidentemente, todos aqueles que (quase sempre ex-estudantes de Letras) se interessam por estas matérias (menos difíceis do que poderão parecer a qualquer não-iniciado). O aparecimento da colecção (com livros a preço acessível, diga-se: o primeiro custa 50 escudos) é um acontecimento na vida editorial em Portugal e no mercado livreiro português — onde os textos ora traduzidos ou não há ou são caros de mais, caríssimos. A decisão de preceder os textos de introduções (ainda que breves) tem um alcance didáctico que podemos calcular.

MARIA ONDINA BRAGA: «A CHINA FICA AO LADO»

Saia o livro numa segunda edição em 1974, João Gaspar Simões reputou-o na sua secção de «crítica literária» do «artes e letras» do «Diário de Notícias» de «(um) marco miliário do conto português do nosso tempo» — e desafiava: «Quantos romances de 1968 para cá, data do aparecimento deste livro (em primeira edição), poderá aspirar a igual reputação qualitativa?». Desafio sem resposta. Gaspar Simões chamava ainda a este livro nada menos do que isto: «prodigioso». Lembra-se isto, por curiosidade: com estas e com outras é que o crítico vem merecendo há muito uma confortável posteridade. Lembra-se isto, não certamente por causa do livro de Maria Ondina Braga, que justifica o interesse de que o adjectivo entre desvairado e demente de Gaspar Simões — por reacção nossa às vezes quase instintiva — nos poderia desviar. «A China Fica ao Lado»: diremos apenas que é um livro que vale a pena. Leitura que não será tempo perdido inutilmente. É o último livro na Unibolso, dos Editores Associados.

SIMÕES E SAMPAIO

A propósito: João Gaspar Simões continua a assegurar a sua tribuna de «crítica literária» às quintas-feiras no «Diário de Notícias». Agora a página já não é «Artes e Letras», chama-se «Suplemento Cultural». Gaspar Simões: quem ainda hoje o lê? Alguém o lê, certamente. Até nós lemos, que não queremos perder. Nem Gaspar Simões nem outros assim, mais ou menos piores — Nuno Sampayo, por exemplo, que também critica, por sua vez na paginazinha cultural do matutino que actualmente Gaspar Simões dirige, «O Século». Esta chama-se «Calendário das Artes e das Letras», é uma espécie de necrologia e sai aos sábados. Não perdemos. Leitor, não perca.

QUEM FALA ASSIM...

Já que falámos de disparates, nada nos impede de transcrever duas passagens de uma prosa saída no último «A Rua». Trata-se aí «da independência nacional», de «os instrumentos de garantia» (deve vir de trás, mas não se percebe), e começa assim: «A lúcida integração no complexo diacrónico apresenta-se, segundo concluímos (cf. 21, p. 6) como notação de inteligibilidade imprescindível à projecção construenda, de contrário apenas restando a hipótese de alguma lucubração teorética assegurar o seu esquema constritivo». (...)». Por aí adiante, mais ou menos assim. Escreve Fernando Jamins Pereira. Talvez o último parágrafo seja mais explícito. Veja-se: «Observa-se, todavia, que, as mais vezes, esta problemática não é inteligida nos seus correctos parâmetros, propendendo-se antes, quer a sobrevalorizar realizações desfasadas de qualquer desígnio integratório, quer a defender estereóticos inadequados a uma projecção verdadeiramente englobante. Assim, propugne-se um propósito de mutação ou tutelem-se interesses fixistas, está a exercer-se violência contra a realidade diacrónica do complexo comunitário, violência essa que não pode deixar de ofender-lhe as estruturas inteligíveis, por conseguinte ferindo os próprios alicerces da independência nacional. Impõe-se concluir, portanto, que ao nível dos instrumentos de garantia, se torna indispensável uma reformulação vital, colocando a tónica na vontade de actuar consoante as cláusulas do ser específico e para estas, logo apropriando sem desfigurar». Ora digam-nos lá: quem fala assim será gago?

caixa do PONTO

Teatro em discussão nas margens do Danúbio

Por inadvertência de que só parcialmente fomos culpados, desembarcámos no aeroporto de Zagreb em vez de nos dirigirmos a Belgrado onde, aliás, éramos esperados. Tal ocorrência obrigar-nos-ia a apanhar um combóio ronceiro que partiu de Zagreb às 10 da noite para chegar a Novi Sad, já passava das 5 horas da manhã. Contámos este episódio apenas para manifestar o nosso espanto à chegada em que, estremunhados por uma noite sem pregar olho deparámos com um espectáculo insólito. Não eram ainda cinco e meia em Novi Sad, onde nos deslocávamos para participar num colóquio sobre teatro, mas já se vivia como numa hora de ponta portuguesa (para aqueles bandas o dia desponta às 4 horas); multidões corriam para os autocarros que se dirigiam ao centro da cidade, automóveis enchiam as ruas. Foi esta a nossa primeira surpresa nesta rápida viagem à Jugoslávia.

Novi Sad, cidade jugoslava com os seus duzentos mil habitantes, atravessada pelo Danúbio (que ali tem a cor de qualquer outro rio) [illegible] e arejada, moderna, virada para o turismo e aparentemente com uma vida cultural intensa. Pelo contrário, no que se refere a estruturas comerciais, muito diferente daquilo a que estamos habituados.

No que se refere à vida cultural, a sua dinamização está principalmente a cargo de um organismo estatal que se chama «Sterijino Pozprie», título que foi buscar ao nome do mais célebre comediógrafo local: Jovan Sterija Popovic (1806/1856). É esta entidade que

organiza regularmente várias manifestações teatrais ou relacionadas com o teatro. Vejamos algumas delas: Simposium Internacional dos Críticos de Teatro que se efectua de três em três anos por iniciativa da respectiva Associação Jugoslava em colaboração com o «Sterijino Pozorje»; Festival Anual do Teatro Jugoslavo em que são atribuídos prémios aos melhores textos e às melhores encenações e que constitui o mais importante festival de teatro nacional, realizado este ano pela 21.ª vez. Cada espectáculo é acompanhado por discussões privadas e públicas em que participam críticos idos de todo o país e espectadores.

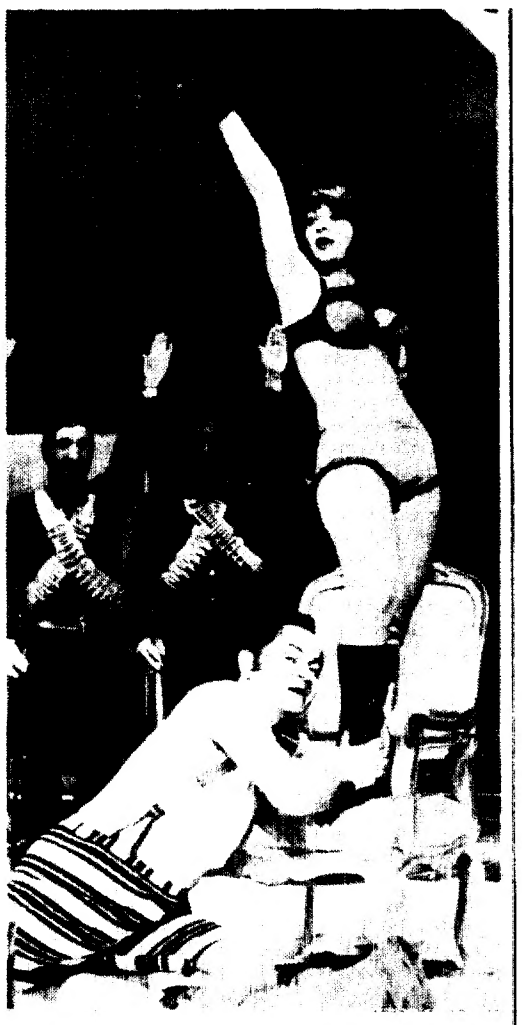
Exposições internacionais realizadas com o patrocínio do Instituto Internacional de Teatro e de que, este ano, se realizaram duas: Exposição Internacional de Livros e Publicações de Teatro, com a participação de diversas editoras especializadas europeias e americanas; e Exposição de Cartazes de Teatro Jugoslavo, em que pudemos apreciar alguns exemplos de um grafismo marcado por uma grande imaginação.

Além disso, o «Sterijino Pozorje» lança uma revista trimestral de teatro e obras da especialidade, funcionando também como um centro de documentação teatral.

Nos três dias que passámos em Novi Sad, além de termos assistido a dois espectáculos integrados no referido festival, pudemos estar na antestreia de um filme cujo argumento foi extraído de uma obra de um importante escritor local: Ivana Cankara. Decorrendo este ano o centenário do nascimento desse escritor, pudemos admirar num museu de Novi Sad uma exposição modelar sobre a sua vida e sobre a sua obra.

Começaremos esta breve série de crónicas referindo-nos ao Simposium Internacional de Críticos de Teatro cujo tema era: «O Teatro e o Público», e que registou a participação de dezenas de críticos e ensaístas idos de diversos pontos (Turquia, Grécia, União Soviética, Bulgária, Bélgica, França, Holanda, Polónia, Dinamarca, Noruega, Estados Unidos, R.D.A., além, naturalmente, da própria Jugoslávia). Entre os presentes, evocámos os nomes do polaco Roman Szydlovski, presidente da Associação Internacional de Críticos de Teatro, que presidiu às sessões, os franceses Anne-Marie Goudron, investigadora do Centre National de la Recherche Sientifique, André Camp e Armando Gatti (o mais conhecido dos presentes), os belgas Armand Delcamp, encenador e secretário-geral da A. I. C. T. e Carlos Tindemans, professor [illegible] versidade de Anvers. De Portugal, [illegible] autor destas linhas, estava presente Luís Francisco Rebello.

O pouco tempo de que os congressistas dispunham e o grande número de comunicações apresentadas, a própria vastidão e imprecisão do tema, impediram que o Simposium fosse pouco mais do que o debitar mais ou menos monótono, aqui e ali atravessado por uma faísca polémica, de teses na sua maioria marcadas por um tom académico pouco compatível com a discussão viva da problemática proposta. Não significa isto que algumas das comunicações apresentadas não se revestissem de grande interesse mas, apenas, que não foi possível aprofundar a discussão das várias «hipóteses de trabalho» apresentadas e mesmo, em certos casos, ir além de um seu entendimento demasiado superficial. O facto deve-se, por um lado e como dissemos, à própria forma da



apresentação das comunicações, prejudicada pelo pouco tempo disponível, por outro lado, ao facto da densidade ou do carácter demasiado técnico que as definia, tornarem outras comunicações mais próprias para a leitura do que para a audição.

O carácter demasiado abstracto do tema proposto justificou a inexistência de uma linha programática, abrangendo as comunicações os aspectos mais diferenciados: desde exposições de carácter mais ou menos estruturalista (em sobre o teatro dos respectivos países (caso, por exemplo, do representante austríaco, do representante da República Jugoslava da Macedónia; o nosso próprio caso) a estudos ce carácter mais ou menos estruturalista (em especial o caso do belga Carlos Tindemans) e à mera defesa de determinadas formas de espectáculo (caso de alguns discursos de representantes de países socialistas), e à revelação de dados estatísticos resultantes de inquéritos feitos junto do público por especialistas (caso do belga Armand Delcamp, da francesa Anne-Marie Goudron, e de um representante jugoslavo), sem esquecer uma dissertação, aliás notável, do historiador italiano Ruggero Jacobbi, intitulada «Espectáculo Teatral e Hábitos Civis».

Claro que do conjunto de comunicações foi possível fixar algumas ilações interessantes sobretudo pela diversidade de pontos de partida e de perspectivas, mais do que pelos ensinamentos ou pelas directrizes que teria sido possível recolher. Isto, no que pessoalmente nos diz respeito já que é para nós problema crucial o estudo das relações entre o espectáculo e o público.

Não foi, portanto, sem um sobressalto que assistimos à intervenção de Armand Gatti, praticamente no final do Simposium, intervenção que, para além dos aspectos polémicos de que se revestiu, se caracterizou por dois pontos principais: pelo inconformismo contestatário das opiniões defendidas pelo homem de teatro francês e pelo carácter espectacular (no melhor sentido que deu à sua intervenção. Armand Gatti defendeu naturalmente, e de acordo com a sua própria prática, a existência de um teatro como criação colectiva, em que a fronteira entre o criador e o público é eliminada. Gatti socorreu-se das suas experiências, algumas das quais feitas em colaboração com o belga Armand Delcamp também presente, referindo a possibilidade de fazer participar milhares de pessoas não como espectadores mas como criadores. É claro que a posição extrema de Gatti, interessante como experiência de animação e em si mesma de grande capacidade comunicativa, não nos deve fazer esquecer que esse tipo de actuação não é incompatível, muito pelo contrário, com outros tipos de experiências, igualmente ricas e interessantes.

Uma das conclusões a tirar deste colóquio diz respeito à possibilidade de transformação das relações do teatro com o público e sobretudo à possibilidade de transformar o próprio público. Uma vez mais verificámos a resistência do público popular ao teatro não obstante os esforços desenvolvidos por certos criadores. Essas resistências têm explicações de ordem simplesmente funcional (dificuldades de os trabalhadores irem ao teatro por razões de tempo e de disposição, por exemplo), de ordem histórica e até psicológica. Os esforços feitos no sentido de eliminar esses obstáculos não poderão levar muito longe enquanto não se transformar a própria sociedade de que o teatro é um produto não inocente. É nos países em que essa transformação já se iniciou que esse problema começa a ser resolvido. Não apenas porque quotidianamente as massas trabalhadores ocupam mais espaço como espectadores mas também porque elas próprias agem como sujeitos como produtores da criação — e não como mero objectos manipulados. Isto mesmo tendo em conta que o espectador consciente é já um agente criativo e não um mero consumidor passivo, ao contrário do que por vezes se pensa.

Maria Matos
(Av. Frei Miguel Contreiras, 52 tel. 897017)

O DIRECTOR DA ÓPERA
de Jean Anouilh
pela Companhia Repertório
Encenação: Varela Silva

Terminada a experiência teatral da RTP, o Teatro Maria Matos passa para uma nova companhia constituída pelos actores que trabalhavam naquele teatro.
Numa entrevista dada há dias na televisão, o entrevistador dizia para o entrevistado (principal intérprete desta peça): «Os críticos vão dizer que esta peça é reaccionária».
Estamos avisados. Quando virmos, veremos...

A BARRACA
(em digressão)
HISTÓRIAS DE FIDALGOTES E ALCOVITEIRAS, PASTORES E JUDEUS, MAREANTES E OUTROS TRATANTES, SEM ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES (Uff!)
Textos de Gil Vicente e Ruzzante
Encenação: Hélder Costa, Maria do Céu Guerra e António Anuos

O espectáculo será como o título? Os autores, encenadores prometem. Vamos ver como é...

TEATRO ABERTO
(Pr. de Espanha)

CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de Bertolt Brecht
pelo Grupo 4

Um espectáculo daqueles chamados depreciativamente intelectuais está a transformar-se num espectáculo popular. Quem tem razão, quem tem? O Brecht e o Grupo 4, claro...

Adoque
(Martim Moniz)

A GRANDE CEGADA
de Ary dos Santos, Braga Santos, César de Oliveira, Correia Martins, Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson, Gonçalves Preto, J. Luís Gomes.

Outro espectáculo de qualidade (e progressista!) que é outro grande êxito popular. quem tem razão,qquem tem? Os autores e o Adoque, claro...

Vasco Santana
(Entrecampos
tel. 768609)

FASHEN
de David Hare
pelo Teatro-Estúdio de Lisboa
Uma decepção que se vai avolumando. Ou será impressão nossa?

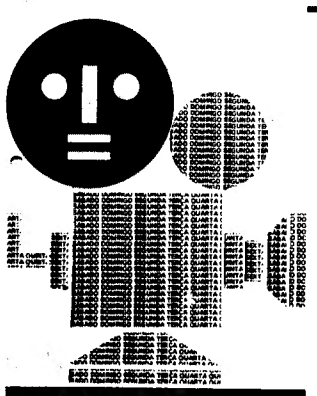
Monumental
(Saldanha
tel. 555133)

AS COISAS QUE O PADRE FAZ
de Luiz Tegedor e José Alfayate

Camilo de Oliveira faz as coisas que o padre (não) faz... Para quem gosta.

Laura Alves
(R. da Palma, 253
tel. 864756)

VAMOS TROCAR DE MULHERES?
de Luís Rego e Didi Kaminka
Aqui é o Badaró que faz as coisas... Para quem gosta.



CINE/PONTO

E Tudo o Vento Levou
de Victor Fleming
Se as nossas mães se sonhavam nos braços de Clark Gable (o que é diferente de se sentirem Scarllet O'Haras) o certo é que muito do fascínio destes personagens se mantém activo. É pelo menos o mínimo que se poderá aventar para as doze semanas que este filme está a fazer e para os consequentes milhares de espectadores que a ele acorreram.
Cinema Caleidoscópio
(não acons. men. 13 a.)

Garganta Funda
de Jerry Gerard

Primeiro «hard-core» a ser exibido, publicamente, em Portugal, **Garganta Funda** é o gorar de expectativa com que era aguardado e o último véu descerrado no respeitante aos mitos e tabus cinematográficos.
Filme cuja única vantagem é não se levar a sério, **Garganta Funda** é o cinema feito com os pés para um público que não exige outra coisa.
Cinema Capitólio
(interdito a men. 18 a.)

Chove em Santiago
de Helvio Soto
Representar a História, segundo uma óptica revolucionária, nunca pode ser encená-la como se de um drama fatalista, inexorável, se tratasse, mas como a consequência de uma relação de forças no terreno da luta de classes, uma consequência dos erros que a esquerda cometeu, mormente as cedências legalistas que foi fazendo à direita...
A História, mesmo se dramática, não é o palco da nossa impotência, mas um texto para a nossa experiência. **Chove em Santiago** não fazendo nada disto perde-se no choramingar contrafeito ou no gesto inconsequente. Pouco interessa que o público aplauda de pé se depois for actuar, na rua, à direita.
Cinema Nimas
(não acons. men. 18 a.)

Há Lodo no Cais
de Elia Kazan

O cinema de Nova Iorque, no princípio do fim de Hollywood, em toda a sua pujança. Uma ficha técnica e artística dificilmente igualável. Um filme cuja ambiguidade ao longo dos anos tem constituído, talvez, um dos pontos mais concretos do seu fascínio.
Uma película por isso mesmo discutível e a discutir.
Cinema Quarteto - sala 1
(não acons. men. 13 a.)

Lawrence da Arábia
de David Lean
A fidelidade à História não está em representá-la minuciosamente reconstituída, com os trajos, os acontecimentos, os locais, quiçá os rostos. É por isso que as superproduções gigantistas que os americanos, em certa época, lançaram, nos falam apenas e tão só da representação, dos seus códigos, dos seus tiques e constantes. **Lawrence da Arábia** é neste aspecto, um filme exemplar pelo quase estudo que realiza sobre a mística do herói e da guerra que o cinema americano tem veiculado. Focando o herói como ser unitário e pessoalíssimo, este filme é talvez um contributo à demonstração de que estes heróis não existem para lá do seu representar.
Cinema Império
(Grupo B - 10 anos)

Yakuza
de Sidney Pollack
Para plateias estúdio, o orientalismo do karaté, da espada samuraica, ou outro, não pode vir só embrulhado da forma rudimentar que os Shaw Brothers de Hong Kong dão aos seus produtos.
E então vá de meter um realizador algo prestigiado, uma trama a puxar ao cinéfilo filme negro, um actor bem firmado no conceito do público.
O **kung-fu**, porém, mesmo «arte e ensaio» é sobejamente intragável.
Cinema Apolo 70
(não acons. men. 18 a.)

Laranja Mecânica
de Stanley Kubrick
Enfrentar os próprios recalcamentos, por uma vez à solta, desenfreadamente, no **écran**, não é coisa que se faça sem forte perturbação.
E fascínio.
Tais são as facetas fundamentais deste filme-pesadelo que não fala do passado ou do futuro, mas do íntimo presente, no fundo de nós.
Cinema Quarteto - sala 2
(interdito a men. 18 a.)

M.A.S.H.
de Robert Altman

A guerra pode ser uma coisa divertida e entre dois corpos esquartejados uma piada ajuda a que tudo vá bem. Tal é a lógica deste filme, a aproximar-se perigosamente do sinistro, feito quando a guerra do Vietname estava no auge, e claro que não é uma coincidência, mas uma reveladora simultaneidade temporal.
E passemos adiante.
Cinema Quarteto - sala 3
(não acons. men. 13 a.)

O Amante
de Ingmar Bergman
À espera dum dos maiores Bergman **(A flauta mágica)** com estreia já anunciada para este cinema, um dos raríssimos filmes daquele realizador sueco com sinal menos: este **O Amante** reposto, em versão integral, neste tempo de verão. Que se trata de uma transigência aos grandes monopólios internacionais do cinema, parece não oferecer dúvida, dada a fragilidade do argumento, a rodagem em inglês e a inclusão de um americano (Elliot Gould) na ficha artística e à cabeça. Ou a prova de que ninguém, nem mesmo Bergman, é insensível ao diálogo dos dólares.
Cinema Londres
(não acons. men. 18 a.)

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
de Robert Aldrich
Encenar a violência como espectáculo e nomeá-la no sítio em que ela está: da lei, à espingarda, ao moralismo, todas as violências são neste filme iguais.
A diferença, pequena (?), está só em que há formas de violência que podem ser divertidas (todas as rebeliões) e outras que são apenas desgostantes (a institucional).
Numa guerra em que o inimigo é difuso porque é toda a máquina envolvente, um filme que consegue mostrá-lo exemplarmente.

Cinema Berna
(não acons. men. 13a.)

OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS
de Ken Annakin
Uma espectacular comédia do tempo das superproduções em 70 mm onde um bom naipe de actores (com Gert Frobe em grande destaque) consegue levantar uma película divertida mercê da multiplicidade de *gags* predominantemente visuais. Uma utilização dos lugares-comuns sobre as diversas características nacionais com alguma inteligência e desenvoltura e um magnífico espectáculo para a vista, se bem que não muito brilhante.

Cinema Alvalade
(não acons. men. 13a.)

O Cinema em Festival

Esta semana o grande acontecimento cinematográfico deste país é, sem dúvida, o Festival de Cinema da Figueira da Foz. Apostado em ser uma tradução portuguesa dos múltiplos festivais que por todo o mundo se realizam, jogando forte no carácter internacional, para este Festival está eventualmente destinada a sorte que as essas manifestações se augura.

Boa ou má sorte, conforme os pontos de vista, o certo é que, largando do zero absoluto, uma modesta Semana de Cinema cresceu até ser Festival e até ganhar o prestígio bastante para acolher nomes como Straub, Hanoun, Robert Kramer ou Peter Bacso e para poder trazer este ano realizadores como Marguerite Duras, Jean-l ouis Commoli, Stephen Dwoskin ou Bernardo Bertolucci.

Prestígio que significa também força (moral e política) como se revela pelo facto de este ano ele ter sido inaugurado com os **120 dias de Sodoma** de Pasolini, uma obra que já arrostou com iras minesteriais.

Este ano, quiçá definitivo, as atenções sobre a Figueira são as maiores de sempre. Quer pela invulgar programação (que, a ser cumprida, quase apostaríamos valer um ano de exibição comercial) quer pela presença massiva de personalidades cá do burgo e da estranja, quer por uma ansiedade expectante que largos sectores da opinião pública portuguesa, nomeadamente a crítica especializada, estão a revelar.
Parece escusado avisar a população que até ao dia 10 é na Figueira que se deve estar.
Como julgo supérfluo acrescentar que para além do acto de permanência se deve apurar o sentido crítico em todas as direcções e aproveitar os múltiplos espaços de debate que o Festival costuma criar.
O «7.7», para não fugir à regra, lá estará e dará conta, aqui ou nas páginas diárias do «DL», do que se passar. E nunca é de mais frisar que, nesta manifestação como em todas, necessário se torna não embarcar directo e feliz. A espantação provinciana não é o lugar próprio da lucidez.

exposição

MODERNISMO
E ARTE NEGRO AFRICANA

MUSEU DE ETNOLOGIA
AV. ILHA DA MADEIRA – RESTELO

6 SETEMBRO 76

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/15 Emerson FITTIPALDI. 7 Aparais. 14 Soca. 17 Pecarão. 18Agá. 19 Air. 20 Páras. 22/26 JÚLIO DANTAS. 25 Ás. 31 Uni. 32 Ir. 34 Ovário. 35 Ll. 36 A.C.E. 37 Tapada. 38 Iça. 40 Os. 41 Amoras. 42 Oaio. 44/64 ANA PALOVA. 46 Ola. 47 Regale. 49 Ase. 50 Be. 51 Ca. 53 Bicar. 54 Avis. 56 A.R. 57 AAA. 58 Ois. 59 Mr. 60 Rue. 62 Cà. 68 S.N. 69 Am. 70 Ès. 71 Aço. 72 Coe. 73 Ru. 74 Aturasse. 76/79 GINGER ROGERS. 80 Uma. 81 Arma. 82 Asa. 83 Aans. 84 Sisa.

VERTICAIS:

1 Essa. 2 Mo. 3 ec. 4 Ra. 5 Ofega. 6 Nicara. 7 Atrás. 8 Piai. 9 Aportávamos. 10 Ra. 11 Al. 12 Id. 13 Sina. 16 Ta. 17 Papoiço. 21 AS: 22 Júlio. 23 Única. 24 Ll. 26 Dota. 27 Napoleão. 28 Tarara. 29 Aida. 30 Soasses. 33 Res. 39 Air. 43 Oe. 44 ALIA. 45 Necar. 48 Abá. 49 Arreadas. 50 Biscarem. 51 Campeara. 52 Arrastos. 55 Vi. 61 Uso. 63 Amuras. 65 Laré. 66 Ocara. 67 Vossa. 72 Uga. 77 Nas. 78 Grã.

Sete diferenças

As notas de música do canto superior direito; a baqueta do baterista; a corda do banjo; o pé da cadeira do toucador de banjo; o saiote da dançaria do lado esquerdo; a mão do par da dançarina; o salto do sapato da dançarina.

Apoio de emergência ao Cinema Português

Foi já aprovado e assinado pelo secretário de Estado da Cultura, David Mourão-Ferreira, o Plano de Emergência para a actividade cinematográfica de 1976. Atingindo as verbas concedidas cerca de 20 mil contos, é justo sublinhar que são contempladas apenas organizações de trabalhadores e nenhum patrão.

Assim ao Centro Português de Cinema foi concebida a verba de cinco mil contos. Estes milhares contemplam uma longa metragem, a ior em 35 mm, de António Pedro-Vasconcelos — «Oxalá» — e uma série de documentários de António Reis, sendo «Dezembro em Trás-os-Montes» o primeiro filme a ser realizado. «Oxalá» de António Pedro-Vasconcelos conta a história de uma família pequeno-burguesa e as suas indecisões entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro: conforme os avanços ou recuos da Revolução assim aquela família hesita entre «emigrar» para o Brasil ou continuar no País.

À Cinequipa foram concedidos três mil contos. Filmes a serem feitos: «A Guerra de Mirandum», a cor, em 16 mm, numa realização colectiva, sobre a história do planalto mirandês a partir do século XVII. A Cinequanon foi contemplada com 2400 contos para a realização de três documentários. Um, «Rossio» é o relato da praça-apalpar-de-pulso do quotidiano político ulissipo-português: a extrema-esquerda espanhola de início, os vendedores ambulantes já, o M. R. P. P. depois, os drogados e os retornados ainda. O segundo, «T», será um documentário sobre a explosão do Teatro Independente, uma homenagem, entre outros, aos Bonecreiros, Comuna, Os Cómicos, Casa da Comédia, Grupo 4, Cornucópia, Teatro Proposta, Seiva Troupe. O terceiro documentário, «Agricultura na Madeira», filme de realização colectiva aborda problemas da agircultura madeirense. Recorda-se que 80 por cento dos terrenos daquele território não chegam a ter um hectare. Apenas dois por cento do território cultivado têm mais de 10 hectares e só há uma propriedade com mais de 30 hectares.

Quanto às Unidades de Produção que saíram do IPC (Instituto Português de Cinema), foram contempladas com 3500 contos, a distribuir, para feitura de cinco documentários, todos eles a preto e branco, a 16 mm, sobre as fugas de antifascistas das cadeias de Salazar e Caetano. É uma realização colectiva, em que se destacam os nomes de Luís Rocha e António Damião e, como chefe de produção, Henrique Espírito Santo.

Além destes cinco documentários, está nos planos das unidades colectivas de produção um filme de ficção passado no Zambujal na quinta do Vinhas, de análise ao problema da tomada de consciência de classe de um regente agrícola filho de um camponês. A realização é colectiva tendo, no entanto, à frente, Luís Couto.

Gonçalves Preto, um dos autores da revista «A Grande Cegada» é também subsidiado para a realização de um filme sobre a deliquência juvenil — «A Ronda dos Meninos Maus». As unidades de produção vão realizar ainda um documentário sobre o Centro de Teatro de Évora.

A cooperativa AR.CA filmes foi também contemplada com 300 contos para a realizção de um pequeno documentário. Individualmente foram concedidos subsídios a Lauro António (400 contos) para realizar o documentário «48 anos de fascismo»; a António Faria (500 contos) para a feitura de um documentário tema ainda a escolher; a Faria de Almeida (250 contos), ainda antes de ser nomeado responsável do IPC, para a realização do documentário «24 imagens por segundo», filme didáctico sobre como se faz cinema. Registe-se que este subsídio está suspenso enquanto o realizador do Catembe se mantiver à frente do IPC.

Foram concedidos ainda 750 contos ao Grupo de Sinde Filipe para a realização do filme «A Pastora»; 1300 contos para o sector de Animação; 350 contos para António Campos realizar o documentário a cores «Ex-Votos».

Jean Charbonnier